
MEU
QUERIDO
CAIPIRA
MAINA MATTOS

MEU QUERIDO CAIPIRA

MAINA MATTOS

Às minhas avós, Lucínia (in memorian), a primeira pessoa a ler um livro meu quando adolescente e me apoiar nessa jornada de escrita; e Ester, leitora assídua, por me proporcionar tão deliciosos momentos de minha infância na roça. Ambas me incentivaram no mundo dos livros.

Ao meu marido, Francisco, meu querido caipira, quem tanto me inspira, ainda que para isso, às vezes, eu tenha que conviver com o cheiro do chiqueiro.

“Minha vida é apenas uma tapeçaria entre mim e meu Senhor; eu não escolho as cores, ele trabalha incansavelmente. Muitas vezes, ele tece tristeza e eu, em tolo orgulho, esqueço que ele vê do lado certo; e eu, apenas o avesso. Apenas quando o tear ficar mudo e as lançadeiras cessarem de esvoaçar, então Deus desenrolará a tela e me explicará a razão de tudo. Nas habilidosas mãos do Tapeceiro, os fios escuros são tão necessários para a composição que ele planejou quanto fios dourados e prateados.”

Grant Colfax Tuller

Índice

Dedicatória
Epígrafe
Prefácio
Nota da autora
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Epílogo
AGRADECIMENTOS
Pequena Biografia da autora
Sobre o autor
Livros deste autor

REVISÃO:
Clys Oliveira

DIAGRAMAÇÃO:
Lilás Design

DESIGN DA CAPA:
Kah Design

IMAGEM DA CAPA:
Esta capa foi projetada com ilustrações da Kah Design

CATEGORIA:
Ficção cristã

1ª EDIÇÃO:
janeiro 2022

Meu querido caipira/ Maina Mattos
Caeté, 2022.
Esta é uma obra de publicação independente.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios sem permissão por escrito dos editores, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Copyright © 2022 por
Ívina R. M. de C. Maiolo



Prefácio

Num mundo caído, onde a cultura literária foi demasiadamente afetada, nos oferecendo um banquete de pecado por meio de páginas impressas ou digitais; numa cultura que nos faz aceitar o romance pecaminoso como algo normal, a proposta de *Meu Querido Caipira* emerge, sendo totalmente antagônica a essa abordagem secular.

O apóstolo Paulo, escrevendo aos romanos, aconselha: “E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente” (Romanos 12:2). Arrisco dizer que, muito provavelmente, tenha sido esse um dos muitos objetivos de Maina ao escrever este romance: renovação da vossa mente.

Com um enredo bíblico, cortejo fundamentado à luz das escrituras e um deleite ao que é de fato o romance cristão, é no que *Meu Querido Caipira* se fundamenta. Mesmo sendo uma obra fictícia, não foge da nossa realidade, daquilo que é abstrato. É um romance que nos permite viajar com os pés no chão, mostrando que: pecadores podem ser alcançados num mundo caído; Deus age na história através de sua providência; e que o cortejo pode ser

desenvolvido sem o pecado, sem a necessidade do toque e maledicência.

Ademais, trata-se de um romance que nos mostra que o casamento é um desejo de um Deus Santo que criou homens e mulheres a fim de ser Glorificado nessa união e não um fardo como o mundo secularizado nos fez acreditar. Dentre muitos aprendizados, *Meu Querido Caipira* nos ensina que é possível glorificar a Deus em todas as áreas da vida, aprendendo a estar contentes, aonde quer que formos colocados, e pacientes com o bom propósito dEle.

Meu Querido Caipira nos ensina que pecadores remidos podem servir a Deus em lugares que nunca imaginaram. Diante de uma cultura que aprendeu a consumir o errado como certo e a ler o pecado como “normal”, esse livro te fará ler verdades quanto a vida prática e teológica, pois a autora, a quem muito admiro, se fundamenta na verdade absoluta, a saber, a Bíblia, a qual nos foi dada pelo próprio Deus. Leia e sejam edificados!

Ailton Irias,
criador da página Doutrina Puritana.



Nota da autora

Meu Querido Caipira foi meu primeiro romance cristão, publicado na plataforma Wattpad, em 2017, quando iniciei, de fato, minha jornada com a escrita, muito embora a versão que você tem em mãos seja bem diferente em diversos aspectos daquela inicial. Mas, de alguma maneira peculiar, ele ainda preserva muito do enredo original, dando um gostinho especial para essa autora que vos escreve e para as leitoras que acompanharam meu crescimento como escritora.

A ideia inicial era deixá-lo quietinho no lugar original onde foi publicado, em parte por ser um livro pequeno, cuja mensagem principal é o foco da obra, e em parte justamente por ainda manter características de um livro de uma autora iniciante. Entretanto, conhecendo a busca incessante por romances cristãos de cortejo bíblico por leitoras de ficção cristã, grupo no qual eu me encaixo, e sabendo da defasagem existente de tal temática, após assistir um vídeo de um testemunho sobre como *Meu Querido Caipira* influenciou uma jovem em sua caminhada cristã, aliado a tantos outros feedbacks de leitores, num ato de coragem resolvi levar o projeto para frente. E cá estamos, com esse enredo de deixar o

coração quentinho, além de proporcionar algumas risadas em quem se aventura por entre as palavras aqui organizadas.

Se você conhece meu trabalho e estilo, provavelmente sabe o que te espera nas próximas páginas. Se não, convido a conhecer um romance fundamentado naquilo que creio, permeando o que aprendi nas Escrituras, tanto sobre a soberania de Deus, sua providência e cuidado com os Seus, redenção e, claro, uma das marcas da minha escrita: o cortejo bíblico, em busca da pureza de um relacionamento entre cristãos.

No mais, espero que você goste desse que é o romance mais curto que escrevi e que representa o salto inicial de um caminho pela escrita, no qual eu tenho muito ainda a percorrer. Que essa história possa abençoar sua vida e que Cristo possa ser glorificado sempre e sempre.

Com carinho,
Maina Mattos. SDG

Nem todas as falas e contextos dessa obra significam ser o meu ponto de vista, nem se trata de uma verdade absoluta. Tanto eu, a autora, quanto os personagens, são humanos e muito suscetíveis a falhas. Minha intenção não é, de maneira nenhuma, trazer uma nova revelação acerca de Deus ou de Sua vontade, mas levar entretenimento a você, leitor, que poderá apreciar o conteúdo e se divertir com nossos queridos protagonistas. Claro, há também uma mensagem envolvendo essa história fictícia e ela tem embasamento cristão. Entretanto, não absorva nada como verdade absoluta, exceto as citações Bíblicas, que são nossa regra de fé e prática.



Prólogo

— Definitivamente, não, pai! Você não pode fazer isso comigo! — esbravejei, deixando meu corpo cair na poltrona da sala, os meus olhos fixos no homem que acabara de me dar uma notícia aterrorizante.

— Filha, não temos opção. — Meu pai me lançou seu famoso olhar intimidador, reprovando minha rebeldia. — Você ainda é menor de idade e, enquanto não puder se sustentar e andar com as próprias pernas, não tem escolha.

— Pai...

E foi exatamente nesse dia que minha vida acabou!

Tudo bem, eu estou exagerando um pouco. Mas, sim, foi algo desesperador, apavorante, sem nexo! Meu pai queria que *euzinha*, Lara Nicole, fosse viver com ele naquele fim de mundo, atolada no meio de montes de cocô de vaca, pois era exatamente essa a definição que eu tinha do lugar para onde ele tentava me convencer — ou me obrigar — a nos mudarmos.

Meu progenitor estava realmente louco!

Chuchu e chocolate não combinam, assim como Lara e roça!

Está certo, quando eu era criança adorava aquela região. Mas as coisas mudam... e para melhor. Viver naquele fim do mundo, onde Judas perdeu as botas, pés e pernas, estava fora de cogitação e de meus planos para o futuro. Não, não, não!

Não é só pelo lado ruim da coisa, é pelo lado horrível mesmo! Além de deixar para trás minha vida agitada na cidade, precisaria conviver com a simplicidade daquele povo — será que eles ao

menos sabem o que é Instagram? — e seria obrigada a pisar no mesmo chão sujo, usado, diligentemente, como banheiro por cavalos, vacas, galinhas e outros animais que não têm um pingo de noção de higiene.

Não! Definitivamente, não! Seria a morte!

— Eu não vou! — determinei, cruzando os braços e pernas, elevando levemente o nariz, buscando intimidar meu pai. Ele não resistiria à súplica de sua única filha... Resistiria?

— Ok! Tem uma vaga para você debaixo do pontilhão — meu pai respondeu um pouco impaciente, retirando-se da sala, não me dando nem a chance de retrucar.

O problema era que ele estava certo: eu não tinha escolha.

Droga!

Os negócios estavam indo de mal a pior, e voltar para as suas origens sempre fora o sonho de papai. Se ele ainda não tinha concretizado esse desejo era apenas por minha causa e da minha mãe. Contudo, quando mamãe se foi, sete anos antes, ele começou a cogitar nosso retorno para a roça. E quando meus avós ligaram revelando a necessidade de mão de obra e ajuda com os afazeres da fazenda, ele resolveu, por fim, pisotear meu coração e passar em cima de sua filha, literalmente, com um trator.

Meu pai nasceu para viver uma vida simples, não posso negar.

Mas eu não!

Era injusto! Muita injustiça com uma pessoa só. Além do mais, não posso deixar de mencionar que Canaã era uma espécie de comunidade cristã. Todo mundo por lá era religioso. E como tal, provavelmente esperavam que nós não fôssemos diferentes — quanto tempo demoraria para eu estar vestindo uma saia no tornozelo e cantarolando hinos durante o dia? Provavelmente meu pai estivesse sentindo falta disso também. Desde a morte da mamãe, ele não era mais o mesmo homem religioso e devoto de antes. Vira e mexe reclamava que se sentia frio espiritualmente e precisava de um renovo em sua vida, e nos meses anteriores a nossa partida ele havia voltado a ser um membro assíduo na igreja, passando horas do dia debruçado em sua Bíblia e orando baixinho pela casa.

E eu estava feliz por ele ter retornado com parte de sua vivacidade de antes do luto, claro. Ele é meu pai, eu o amo!

Porém, eu não queria aquela vida para mim.



Capítulo 1

Eu estava encostada no vidro da janela da caminhonete, observando, distraída, a paisagem mudar, gradativamente, de urbana para rural, a cada quilômetro rodado. Era definitivo. Meu pai vendeu nossa casa, trocou nosso carro por um que aguentasse o tranco da fazenda e guardou o restante do dinheiro para investir em negócios na roça — vacas leiteiras, talvez? Eu perdi minha esperança e minha herança, porque nosso apartamento lindo, onde eu guardava as melhores lembranças de nossa vida familiar, já não fazia mais parte de mim.

O caminhão de mudança vinha atrás, mas meu pai fez questão de carregar poucas coisas. Foi necessário deixar alguns pertences para trás e ele insistiu comigo de que não eram necessários tantos pares de salto alto. Segundo ele, a vida na roça era simples.

Simples até demais!

Chegamos à casa da minha avó. O sítio, contrariando as minhas expectativas, era até bem arrumadinho. Embora, num primeiro momento, eu tenha demorado a reconhecer o local devido às mudanças, a região não me era estranha. Passei muitas das minhas férias ali durante a infância. Contudo, à medida que fui crescendo e conhecendo melhor os lazeres da cidade grande, arrumei uma maneira de negar a proposta de meu pai de visitar a vovó e corria para outra parte: casa dos meus tios, da minha amiga ou o lugar que fosse possível para poder continuar na cidade.

Porém, o que me adiantou? Ali estava eu, respirando aquele ar, que de puro não tinha nada, pronta para chamar de “meu lar”.

Meus avós estavam empolgados com nossa chegada. Meu pai estava empolgado. O cara do caminhão da mudança estava empolgado. Aparentemente, os cachorros do vizinho também. Só eu, a única ajuizada, não.

Saí do carro e já afundei na merda, literalmente.

Alguém deveria ensinar esses bichos a usar o banheiro! Minha sandália linda e cara...

— Lara, minha netinha! Como você cresceu! — Algo que eu não tinha me esquecido era dos abraços calorosos da vovó, esses que deixavam a gente sem ar. Contudo, a gentileza dela era aparente e realmente demonstrava uma grande medida de amor quando nos tomava nos braços. — Arrumamos um quarto lindo para você — declarou perscrutando todo o meu rosto, sem desfazer o sorriso enquanto apertava minhas mãos.

Ok. Eu estava super animada para ver. Sorri, porque eu não poderia ser insensível ao carinho demonstrado e subi as escadas, seguindo minha doce e amorosa avó, que falou sem parar durante o trajeto, e eu, finalmente, contemplei meu dormitório. Até que não era assim tão ruim. Era um quarto grande, tinha uma cama de casal, um guarda-roupa de seis portas, um movelzinho antigo. Apesar da decoração rústica, era um cômodo lindo!

— Não, Lara, esse é o do seu pai. O seu é esse aqui, à direita — vovó advertiu com sabedoria.

Tá. Agora estava visualizando o meu quarto. Era pequeno, tinha uma cama de solteiro, um guarda-roupa de quatro portas e uma cômoda, o que tornava o aposento bem apertado, quase não sobrando espaço para se andar lá dentro. Mas o ponto alto daquele espacinho minúsculo era uma janela de madeira azul enorme, rústica, cujo marco se estendia até quase o chão. Abri-a e me deparei com uma vista incrível, precisava admitir. Montanhas ao fundo pincelavam a paisagem que terminava no sítio do vizinho bem à frente, com um pasto enorme, exibindo a grama verdinha.

Suspirei, ainda apoiada à janela, contemplando a imensidão verde, recordando da realidade. Eu não tinha mais escolhas, aquela

era minha nova vida. De um jeito ou de outro, precisaria aceitar o infortúnio imposto a mim e arrumar minhas coisas.

— Vó! Aqui não pega sinal da internet? — perguntei, virando meu celular em todas as posições possíveis em busca de um sinal pela casa.

— Não — ela respondeu sem esconder a graça ao observar a cena. — Precisamos comprar uma antena rural. — Depois, deu alguns tapinhas carinhosos em minha mão. — Seu pai deve providenciar isso logo, logo, minha querida.

Fim do mundo! Sem internet? Literalmente, fim do mundo!

Sem opções, comecei a desfazer minhas malas e organizar meus pertences. Contudo, não demorou muito para que tudo estivesse no lugar, e o tédio, então, reinou absoluto.

O que fazer sem internet, sem amigos, sem vida? Talvez me sufocar com o travesseiro.

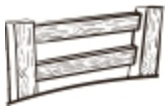
Lamentei, jogada à cama, pela minha triste sina. Àquela hora era para eu estar na escola, com meus colegas. E, não posso me esquecer de mencionar, com o Henrique. Eu e ele crescemos e estudamos juntos durante a vida inteira, por essa razão nos tornamos grandes amigos. Diante dessa realidade, devo acrescentar que desde os meus 13 anos eu nutria uma grande paixão por ele. Passei toda a minha adolescência esperando o dia em que ele me notaria e, assim como eu, desejaria levar nossa relação muito além da amizade. Tentei me declarar algumas vezes, entretanto, tive medo de estragar tudo pelo fato de termos uma relação tão legal. Porém, um dia antes da minha partida, quando estava me despedindo, eu entreguei uma carta, na qual eu abria meu coração e dizia tudo o que sentia em relação a nós dois. Estava esperançosa de que ele viesse me visitar e, enfim, pudéssemos viver o que sempre sonhei.

Também o veria na formatura. Meu pai conseguiu fazer um acordo com a escola, que devido às minhas excelentes notas, me permitiu sair de férias um mês e meio antes, garantindo minha formação no Ensino Médio sem maiores problemas. E meu pai prometera que me levaria na festa, custasse o que custasse.

E quanto à faculdade... Bom, era o desejo de meu pai que eu morasse durante um ano na roça antes de fazer qualquer coisa, de tomar qualquer decisão. Depois de muito conversar, firmamos um

acordo: se em 365 dias eu não me adaptasse a minha nova vida, ele me deixaria partir, me apoiaria e sustentaria, independentemente da minha escolha. Lógico que usaria isso ao meu favor! Sempre sonhei em ir para o exterior.

E ele deu sua palavra, então... Só precisava sobreviver durante aqueles doze meses.



Uma semana se passou e já estava louca. Já havia lido todos os livros que havia trazido e assistido a todos os programas de TV existentes; também já rodei por toda a casa com o celular em mãos, tentando achar um sinal de internet. Nada! O que se fazia em um lugar como aquele?

Estava sentada à mesa, tomando café com minha avó, quando meu pai apareceu. Ele parecia apressado e muito aflito.

— A vaca do João está atolada. Eu e o pai estamos indo com o trator tentar ajudar — deu as explicações antes mesmo que perguntássemos o motivo de estar tão afoito e saiu.

Muito emocionante! Olha que atividade legal: puxar a vaca atolada com o trator! Quanto a mim, a melhor coisa a se fazer seria subir e me trancar no meu quarto, me atolar no colchão e dali nunca mais sair.

Da minha janela, pude acompanhar o movimento na fazenda do João, ao lado. Dava para ver que um acontecimento do tipo era suficiente para movimentar toda a comunidade local, uma vez que havia muitas pessoas reunidas tentando ajudar, seja com o trabalho braçal, seja gritando palavras que pareciam não surtir nenhum efeito em prol de alcançarem o êxito da missão.

Eu conhecia aquele lugar. Quando criança, atravessava a cerca de arame e passava o dia todo no sítio ao lado, brincando com uma menininha, filha do casal. Porém, minha lembrança era bastante vaga e, devido às mudanças ocorridas com o passar do tempo, a fazenda não se parecia mais com o mesmo lugar que mantinha em minha memória.

Será que eles tinham internet? Meu íntimo se agitou ao pensar na pequena possibilidade de encontrar um mísero sinal, ao

menos para conferir se não havia alguma mensagem para mim. Certamente meus amigos sentiam minha falta.

Pronta para desbravar o desconhecido, munida com o aparelho celular, eu saí rumo à fazenda vizinha, determinada em conseguir algum sucesso na minha empreitada. Após vencer uma verdadeira maratona para desviar do campo minado que tomava conta de toda a extensão do caminho, cheguei à divisa da cerca, tentando avistar alguém pronto para me receber. Mas, ao que parece, toda alma viva estava no pasto, lutando pela vida da vaca. Empurrei a porteira e fui entrando. Mas voltei para trás correndo quando os cachorros vieram latindo desordenadamente em minha direção.

— Saiam daqui, seus monstros! — gritei desesperada, gesticulando com as mãos, tentando afastar os donos dos latidos para longe.

Entretanto, para meu sucesso e dando o pontapé inicial para minha vitória, os cachorros alertaram alguém dentro da casa de que tinha uma visita no portão — no caso, eu.

Uma menina de cabelos loiros escuro, olhos azuis e com a pele queimada de sol veio me receber. Ela trajava um vestido florido e romântico, combinando perfeitamente com as tranças laterais. Enquanto caminhava, sustentava no rosto uma expressão meio de dúvida, meio de surpresa.

— Lara? — Ela parecia admirada e feliz em me ver. E eu... Bom, não fazia ideia de quem era aquela linda moça.

— Oi — cumprimentei, muito simpática, tentando disfarçar meu embaraço e ganhar tempo para desvendar o mistério de como ela me conhecia.

— Entre — declarou, animada, abrindo a porteira para mim. — Por favor, venha. Que honra recebê-la aqui!

Eu entrei devagar, insegura com a presença dos cachorros, que, na companhia da dona, deixaram de ser tão ameaçadores. Sensível ao meu medo, ela os tocou para longe, enquanto eu planejava como começaria uma conversa com alguém que eu não fazia a mínima ideia de quem era e que não só me conhecia, mas demonstrava estar feliz em me ver. Como pediria acesso à internet no meio de uma situação tão constrangedora? Imaginei, óbvio, ser

aquela a garotinha que brincava comigo, mas não me recordava nem o seu nome.

Resoluta, abri o jogo.

— Você é a... — deixei no ar para ela entender que era uma pergunta.

— Gabi — ela respondeu prontamente ao compreender minha falta de modos. — A gente brincava junto quando criança. — Ela riu. Graças a Deus não a ofendi com minha péssima memória. — Sua avó me contou da mudança definitiva de vocês. Fiquei tão feliz com a notícia!

E lá vamos nós... Mais uma feliz e empolgada com a minha amarga vida. Mas tudo bem, eu superaria.

Só um ano! Aguenta Lara, são apenas 365 dias! Você resiste!

— É sim. — Sorri forçado, tentando parecer empolgada, mas minhas mãos nervosas pareciam denunciar meu verdadeiro sentimento. — Embora não seja totalmente definitiva. A princípio, ficarei por um ano. — Mordi os lábios enquanto caminhávamos em direção ao casarão. — Eu me lembro vagamente de você, me perdoe. — Tentei ser bem simpática, uma vez que não poderia arriscar ofender minha única esperança de comunicação com o mundo exterior. — Mas me recordo que passava o dia todo por aqui durante minhas visitas nas férias.

— Sim, é verdade. Passamos por muitas coisas juntas. — Sua expressão se tornou nostálgica. Ela parou e me encarou, o olhar denunciando uma singeleza e doçura diferente. — Uma vez caímos da pinguela[1] no ribeirão...

— E ficamos correndo por todo o pasto para tentar fazer nossas roupas secarem e não levamos uma baita repreensão dos nossos pais.

Fiquei feliz com meu primeiro sucesso: lembrei-me de uma situação divertida. Progredi na minha missão!

— Isso mesmo! — Gabi voltou a andar, fazendo-me acompanhá-la em direção a casa. — Bons tempos, aqueles — declarou suspirando. Quando chegamos ao primeiro degrau que dava acesso à varanda, nós interrompemos a caminhada. — Veio atrás de seu pai?

— Na verdade, não. Hum, eu estou sem internet e preciso olhar urgente meu e-mail. — Uma mentira com meias verdades. O que papai pensaria sobre isso? — Queria saber se vocês têm *wifi* aqui e se porventura eu poderia usar. Estou preocupada porque estou há uma semana sem sinal e não consigo ter acesso às notícias.

— Ah, claro. O sinal daqui não é lá essas coisas, mas acho que é suficiente para você abrir seu e-mail. Por favor, entre. Na sala funciona melhor. — Com um sorriso e as mãos estendidas, ela me encaminhou para o cômodo referido. A propriedade era muito bonita e charmosa, possuía uma varanda enorme e os móveis eram de muito bom gosto. Toda a casa tinha o estilo rústico e era muito bem projetada. O jardim em frente dava um toque final à beleza do lugar. — Você trouxe seu aparelho?

Balancei o celular na mão, sorrindo. Senha colocada e eu, enfim, consegui voltar ao mundo real. Meu celular apitou inúmeras vezes, com notificações referentes a todos os aplicativos. Havia muitas mensagens no grupo da escola, no meu grupo de amigas e algumas da minha família. Uma das minhas amigas mais chegadas pedia notícias. Esperei carregar todas as mensagens e decidi que leria com calma em casa, na preciosidade da minha privacidade. Entretanto, para a minha tristeza, não tinha nada do Henrique. Nada. Não sabia se era um bom ou um mau sinal — o da internet era péssimo, sem dúvida.

Não quis ficar por muito tempo ali. Logo demonstrei minha necessidade de partir quando a mãe dela se aproximou e, enxugando as mãos em um pano de prato, estendeu-a em seguida em minha direção, cumprimentando-me.

— Oi, Lara. Menina, como você cresceu! Tornou-se uma linda jovem — elogiou sem esconder como seus olhos avaliaram cada parte do meu ser, com um sorriso brincalhão e um olhar materno. A mulher de meia idade se parecia muito com a filha, apesar do cabelo com muitos fios grisalhos sobressaindo os de cor de mel. Ela era alta, esguia, muito bonita e cheia de gentilezas ao direcionar sua fala a mim. — Que bom te ver aqui. Nossa casa está aberta para você vir sempre, vamos adorar te receber para um café.

Olhei para Gabi e ela sorria balançando a cabeça positivamente.

Ok, isso era uma coisa boa.

Lá tinha internet.

Acho que faria visitas com mais frequência.



Capítulo 2

— Lara, quero que me faça um favor. — Meu pai se aproximou de mim, na varanda, interrompendo minha leitura matinal, a única possibilidade de diversão que me restara. — Preciso que busque uma encomenda lá na mercearia do Seu Genaro.

— Sonho seu se acha que vou andando até lá! — retruquei, sem me dar o trabalho de tirar os olhos das páginas amareladas do meu livro de romance.

— Você pode ir a cavalo — ele disse, fazendo-me encará-lo bem a tempo de ver um sorriso malicioso brincando em seu rosto.

— Nossa, como você está engraçadinho hoje! — Revirei meus olhos e, ignorando-o completamente, voltei para a leitura.

Embora eu amasse meu pai, ainda estava sentida por ser ele o causador dos meus recentes infortúnios. Eu me recusava a dar o braço a torcer e a melhor maneira de deixar claro minha insatisfação era, aos meus olhos, evitá-lo, como fazia naquele momento.

— Lara, é o seguinte — soube que viria chumbo grosso para meu lado quando o pé dele tocou minha perna, obrigando-me a erguer os olhos e dedicar a ele minha atenção —, tem exatos 20 dias que estamos aqui e você não fez nada a não ser reclamar de tudo e me implorar para colocar internet para você se afundar no seu mundinho cheio de ilusões. Contudo, quando eu te peço alguma coisa — e aqui ele acentuou com um pouco de drama —, uma coisa só, você é incapaz de se dispor a fazer.

— Contratar um pacote de internet rural não te faz desgastar as solas dos sapatos correndo o risco de ser um alvo fácil nesse

campo minado de caquinha que existe pela estrada a fora — respondi, compreendendo bem a comparação que ele tentava fazer. Se ele pensava que eu cairia no joguinho dele, estava enganado. — Sem contar que é bem longe para eu ir até lá a pé — apelei para as únicas armas que possuía naquele momento: meus argumentos.

— 600 metros? Isso por acaso é longe? — Ele riu zombeteiro, cruzando os braços em frente ao peitoral.

— 1200 metros, contando a ida e a volta — corrigi.

— Ok, vamos fazer um acordo. — Meu pai se abaixou até ficar na mesma altura que eu.

— Gosto de acordos! — principalmente os vantajosos. — Faça sua proposta — pedi, fechando o livro para demonstrar minha predisposição para negociar.

Papai sorriu e me olhou dentro dos olhos.

— Você busca minha encomenda sem reclamar e permanece... — ele pensou um pouco antes de continuar — dez dias, ao menos esse tempo, privando a mim e seus avós de tanta murmuração.

— E... — indaguei esperando a recompensa.

— Se você conseguir manter sua parte no acordo, eu providencio a internet para você — propôs, tocando gentilmente em meus cabelos, provavelmente querendo me desarmar com seu carinho de pai.

Crispei os olhos e, fugindo de seu contato, quis me certificar de que ele falava sério.

— Dez dias? Promete?

— Dez dias! — garantiu, com um sorrisinho brotando nos lábios. — Você tem a minha palavra!

Sorrindo por dentro por dar como certa a minha vitória e apreciando sobremaneira o que ganharia com aquele trato, estendi a mão para ele, pronta para firmar nosso acordo.

— Tudo bem. Negócio fechado. — Depois de selarmos com um aperto de mãos, eu me levantei rapidamente. — Eu vou trocar de sapatos e partirei em seguida.

Dei os primeiros passos em direção ao interior, quando ouvi a voz de meu pai interromper minha caminhada.

— Filha — ele chamou e eu me voltei para ele, que se levantava com tranquilidade, sorrindo abertamente. — Eu já fechei o contrato com o provedor da internet, e eles estarão aqui daqui dez dias. Você teria sua internet, mesmo se não topasse. Mas, acordo é acordo! Precisamos manter nossa palavra! — Deu de ombros, terminando com outro sorriso vitorioso.

Droga!

Meu pai era engraçadinho mesmo. Parece que eu nunca aprenderia! Ele e seus acordos, sempre conseguindo o que ele quer no fim das contas. Depois de avaliar entre meus sapatos qual seria melhor para aquela longa jornada, optei por um tênis de caminhada. Desejando cumprir rapidamente minha tarefa e voltar para a segurança do casarão, andei a passos rápidos pela estrada de terra empoeirada, em direção ao armarinho do seu Genaro, uma espécie de “ponte” entre a cidade e a região.

E, assim, prossegui no desafio. Desviei de cocô, de galinha, espantei cachorro. Sorri um sorriso falso para o senhorzinho que passava cumprimentando, todo simpático. Enfim, ao chegar no meu destino final, constatei que meus problemas não tinham acabado.

A cena do meu pai rindo freneticamente da minha cara ao constatar qual era a encomenda dele surgiu em minha mente, servindo apenas para me deixar ainda mais horrorizada.

Uma galinha viva! Isso, uma galinha! Que espécie de pai manda a filha andar por 600 metros para buscar — na mão — uma galinha? E eu precisava levar ela viva, porque, segundo o seu Genaro, ela era boa para botar, não para comer. Fiquei um minuto em silêncio, olhando para aquele ser vivo à minha frente, me perguntando como eu completaria com sucesso minha missão. O senhorzinho sorridente, vendo-me inerte, garantiu que não havia motivo para preocupação, uma vez que ele colocaria o animal em um saco, facilitando o transporte.

Sabe quando você estende a mão, hesitante, para pegar algo que você não quer tocar? Era exatamente eu naquele momento. Demorei a reagir, até que, enfim, recebi da mão do Seu Genaro o saco com a galinha “gritando” lá dentro. Afastei o objeto, deixando-o o mais longe possível de meu corpo antes de tomar o rumo de volta

para casa. Entretanto, rapidamente concluí que aquela tarefa não seria nada fácil.

Já tinha percorrido metade do meu caminho, parando diversas vezes, desesperada com a movimentação do bicho agitado dentro do saco, quando ouvi a aproximação de um cavalo, cujo cavaleiro não demorou muito para se manifestar.

— Quer ajuda para levar a galinha? — Constatei que a voz que ouvi era de um homem jovem.

Instintivamente, olhei para o lado e encontrei um rapaz vestido a caráter: um jeans surrado e uma camiseta cinza com as mangas dobradas. O cabelo liso estava desalinhado e os fios de cor castanho escuro, apresentavam ter vida própria e insistiam estar onde claramente não deveriam, como uma mecha caída sobre a testa. A pele era morena, queimada de sol, os ombros largos e os braços com músculos bem escondidos dentro da camisa pareciam capazes de sustentar uma grande quantidade de peso. De fato, o caipira não aparentava ser alguém que ficava parado esperando o mundo servi-lo em vez de fazer o trabalho pesado. Não duvidaria se as mãos também fossem calejadas e grossas.

Seus olhos, assim como seus lábios, sorriam. Não havia qualquer esforço da parte dele para esconder o quanto estava se divertindo, achando graça da minha situação.

— Não, obrigada! — respondi, ríspida, desviando o olhar para a estrada.

— Me parece que você está com um pouco de dificuldade. Posso levá-la para você — insistiu, mas a oferta me pareceu um tanto zombeteira.

—Não, eu consigo. — O desafio me fez erguer a cabeça e me concentrar em meu objetivo, embora mantivesse a galinha o mais distante possível do meu corpo.

O animal, logicamente, não estava nenhum pouco feliz com o transporte desajeitado.

— Você vai estressar a galinha dessa forma — ele disse. Embora eu continuasse com os olhos presos à estrada, eu o vi, de soslaio, descer de sua montaria e caminhar do meu lado. Para minha surpresa, o cavalo o seguia, sem nenhuma corda para guiá-lo.

Gente, será que ele era um encantador de animais? — Por favor, estou preocupado com o bem-estar dela.

Olha só! Quanta audácia vinda de um caipira desconhecido!

Vendo que ele não desistiria, cessei minha caminhada e me voltei para ele.

— Olha, eu fiz um acordo com meu pai e eu vou levá-la de qualquer maneira. Por favor, peço que me deixe cumprir com meu dever — disse, firme, dando a entender que não estava disposta a ceder ou mesmo conversar.

Mas ele não entendeu meu recado e continuou me seguindo quando voltei a caminhar. Será que eu deveria me preocupar? Afinal, papai garantiu que Canaã era um lugar tranquilo e não havia indícios de perigo, ladrões ou de pessoas mal intencionadas.

— Por favor, deixe-a mais próxima do seu corpo, dessa forma você evitará que o saco balance tanto. — Sua voz dessa vez saiu mais serena, demonstrando uma real preocupação com o estado da bichinha.

— Muito obrigada pelo seu conselho, mas minha casa é logo ali. — Apontei em direção a fazenda, tentando afastá-lo de vez. — Já estou chegando e dou conta do serviço.

— Tudo bem — respondeu um pouco impaciente, voltando a montar no seu animal — Vejo você em breve. Miúda...

— Miúda? Que raios significa isso? Esses caipiras não tem respeito com os outros? — indaguei, enquanto o via se afastar apressado.

Indignada por ser destratada daquela forma, mal vi quando atravessei a porteira de casa. Contudo, não demorou para eu ouvir a repreensão severa de meu pai pelo modo que eu carregava a galinha. Ela estava estressada — e, pelo visto, não só ela.

— Não enche, pai. Cumpri o acordo. Não fazia parte do trato trazer a galinha no colo. — Enfim pude me livrar daquele bicho, entregando o saco na mão dele, com cara de poucos amigos. — Isso só me fez perceber como você pode ser muito ruim quando quer.

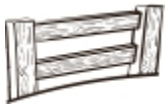
E assim eu o deixei, indo direto para o banho. Precisava lavar todos os vestígios de sujeira do meu corpo.

Mais tarde, deitada na cama, pronta para dormir, olhei para o teto, lembrando daquela aventura que mais parecia um filme de

terror.

E também daquele jeca a cavalo...

Seria assim o fim dos meus dias?



Os dez dias se passaram e a antena rural, capaz de captar um sinal de internet — lento como uma tartaruga — estava lá, instalada e funcionando. Porém, serviu apenas para aumentar minha decepção. Dessa vez não havia nenhuma mensagem pessoal para mim, muito embora o grupo da escola estivesse bastante movimentado. Faltava apenas uma semana para a nossa formatura. Todo mundo demonstrando a ansiedade característica que antecede um evento daqueles, comentando todos os detalhes do que esperavam do nosso grande dia.

Para não ser injusta, no meio das milhares de mensagens perguntaram por mim. Minha colega mais próxima respondeu que eu não tinha acesso à internet. Eu iria? Alguém respondeu que sim.

Não minto, assim como meus colegas, eu estava bastante empolgada. Já tinha comprado meu vestido antes mesmo de me mudar, sabendo que não encontraria nada decente naquele fim de mundo. Encontrei alguém para arrumar meus cabelos na vizinhança e estava torcendo que a pessoa soubesse o que estava fazendo, me transformando em Cinderela e não em Gata Borralheira. Eu e meu pai optamos por sair de casa e seguirmos direto para a festa. Passaríamos a noite na casa de uma tia e voltaríamos assim que acordássemos no dia seguinte.

Mandei mensagens para minhas amigas e fiquei aliviada quando recebi a resposta, garantido que estavam muito empolgadas em me ver em breve.

Mas nada do Henrique. Nenhuma mensagem. Nenhuma referência. Nenhuma aparente saudade.

Será que a minha carta o teria afastado de mim? Ou ele estava esperando para me encontrar ao vivo e se declarar? Confusa, considerei a segunda opção e permaneci silenciosa, não entrando em contato, ainda que tenha aberto ao menos cinquenta vezes o chat entre nós.

Meu consolo era que ele estaria lá, lindo, como só ele era. Ahhhhh!



Capítulo 3

— Lara, minha menina! — Papai se aproximou, a emoção visivelmente manifestada em sua feição. Ele segurou minha mão com carinho e beijou minha testa, tão cuidadoso e amoroso como costumava ser. — Como você está linda! Me lembra sua mãe quando a conheci.

— Obrigada, pai. — Fechei meus olhos, emotiva com a comparação.

Ele estava certo, de fato eu parecia com mamãe. Havia herdado dela os cabelos claros, que não eram nem loiros, nem castanhos, mas algo que remetia ao mel. Nossos olhos também continham traços esverdeados, embora a cor avelã predominasse. Já os fios ondulados eram características da família do meu pai, apesar de, naquele momento, como costumava usar nos últimos anos, estivessem escovados e lisos.

Meu pai se afastou gentilmente, enquanto tomava o guarda-chuva em suas mãos.

— Vamos?

Acenei positivamente, contudo, meus pensamentos me levaram diretamente para a água que descia do céu, caindo no solo encharcado depois de dois dias de chuva ininterrupta.

— Espero que a chuva não atrapalhe meu cabelo — declarei apreensiva, tocando na cabeça, onde um penteado muito bem elaborado era resultado do trabalho bem sucedido de uma cabeleira local.

Papai olhou para o exterior, depois para mim e, me entregando o guarda-chuva, sorriu.

— Vou buscar o carro e parar aqui, bem pertinho, não se preocupe.

Meu pai desceu a escadaria correndo, os braços elevados, protegendo a cabeça. Suspirei, um pouco aflita.

Era meu tão sonhado dia. Havia passado todos os meses, desde o início do ano, idealizando o meu baile de formatura. E, até então, tudo havia saído como o planejado. Eu estava devidamente vestida, como o esperado para um evento de tal porte. Meu cabelo e maquiagem ficaram impecáveis, como eu desejava. Meu pai estava encantador, como há tempos não o via, tão charmoso vestindo um terno alinhado.

Nada havia saído do planejado, com exceção daquela chuva teimosa, que insistia em molhar cada espacinho de terra ao nosso redor. Porém, como prometido, papai parou o carro bem próximo da entrada e eu consegui entrar sem maiores problemas.

— Podemos ir? — meu pai questionou com um sorriso um pouco forçado.

— Por favor! Não vejo a hora de rever meus colegas.

Ele me olhou mais uma vez e pareceu um pouco tenso, mas era eu quem demonstrava mais toda a minha preocupação e frustração com o clima e os eventos inesperados daquela noite. Sabendo o quanto o baile era importante para mim, em silêncio, deu partida no carro, seguindo os nossos planos. Entretanto, não contávamos com o aumento exponencial das águas que desciam do céu, sem dó de uma adolescente cheia de expectativas com o dia mais especial de sua vida escolar.

Estava anoitecendo, e a chuva tornava a visibilidade ainda pior. Papai, porém, nada disse. Continuou o trajeto, respondendo uma ou outra pergunta de sua filha aflita, sem tirar os olhos da estrada. Porém, quando estávamos a cerca de sete quilômetros de nossa casa, sentimos o carro deslizar pela lama e travar as rodas em algo.

— Droga! — papai murmurou e, tentando fazer o carro se mover, acelerou mais uma vez. — A roda atolou. — A apreensão e o nervosismo eram bastante claros em seu tom de voz. — Vou ter que

sair para tentar mover o carro — declarou, evitando me encarar, prevendo, talvez, minha total desolação.

— Pai... Está chovendo muito!

Imaginando como ele poderia encarar tanta chuva e se manter seco para continuarmos nossa viagem, olhei para o lado de fora, avaliando nossa real situação. Ouvi a porta do carro se abrindo e, sem atender minhas súplicas, meu pai saiu.

— Pai! — tentei chamar, mas ele desapareceu na escuridão.

Mordi os lábios, preocupada, cheia de dúvidas de como sairíamos daquela enrascada. Cerca de um minuto depois ele apareceu diante da porta aberta.

— O buraco não é muito grande, mas a roda ficou presa e a lama não ajuda. Vou colocar uma pedra ou tábua embaixo e tentar dar tração para conseguirmos sair — ele explicou tentando esconder a irritação.

— Pai, você vai se molhar ainda mais, por favor, vamos esperar dar uma trégua — pedi inclinando-me sobre o assento do motorista, tentando convencê-lo a pensar melhor na ideia.

Papai negou com a cabeça.

— Essa chuva não vai parar tão cedo. A água está escoando bem ao lado da roda e eu temo que ela afunde ainda mais com essa pequena correnteza que se formou. Se eu não tentar agora, pode ser impossível retirar o carro sozinho — ele declarou e em seguida partiu, depois de fechar a porta.

Enquanto meu pai procurava algo que servisse de suporte para a roda, pensei se haveria algo que eu pudesse fazer para ajudá-lo. A chuva chicoteava no vidro, e minha tensão aumentava a cada segundo. Olhei para trás e o vi com um pedaço pesado de madeira nos braços, caminhando em direção à traseira do automóvel.

Tudo aconteceu muito rápido. Ouvi um barulho estranho, seguido de um urro e de palavras nada belas saindo da boca de meu pai, que não estava mais em meu campo de visão.

— Pai? Você está bem? — gritei, passando para o banco do lado do motorista.

— Lara — ele respondeu, e percebi a voz entrecortada. — Acho que me machuquei.

Aflita, pulei para o banco de trás e abri um pouco a janela. Ele estava caído no chão, apoiando uma das mãos na lataria do carro. A madeira estava no solo, ao seu lado. Meu coração disparou só por imaginar o que poderia ter acontecido com ele.

— Eu vou aí te ajudar — declarei rapidamente e levei a mão até a maçaneta da porta, mas ele protestou.

— Calma, meu bem. Você vai se molhar toda, vou tentar me levantar, deve ter sido só uma torção.

Ele tinha razão. Cabelo, maquiagem, roupa... Iria tudo embora na chuva. Peguei meu celular para tentar encontrar um sinal de telefone naquele fim de mundo, mas, sem sucesso, acabei me concentrando no esforço que ele fazia na tentativa de se levantar.

— Acho que quebrei a perna — ele declarou, por fim.

Sem pensar duas vezes, abri a porta e desci, sem me importar com qualquer coisa. Meu coração batia acelerado e eu entendi a seriedade da coisa quando observei que a perna dele se encontrava numa condição bastante preocupante. A luz era pouca, mas consegui ver em seu semblante o quanto ele estava sentindo dor.

— Ai, meu Deus, pai! — Me abaixei, mas não sabia o que fazer. — Precisamos de ajuda. Não consegui sinal no celular. — Me levantei e olhei em direção à luz que vinha de uma propriedade um pouco distante. — Vou até a fazenda ali da frente tentar pedir socorro.

Não deu tempo de ouvir a resposta dele, pois logo meus ouvidos captaram o som de um carro se aproximando. Sem pensar nas possíveis consequências, acenei freneticamente enquanto caminhava em direção aos faróis cada vez mais próximos. Não era possível enxergar muita coisa, mas ouvi quando a porta do carro desconhecido se abriu antes de uma voz masculina soar em nossa direção.

— Ei, está tudo bem aí?

— Não, meu pai... Acho que ele quebrou a perna — gritei pensando se iria até o homem implorar por auxílio ou voltava até onde meu pai estava.

— É você, Benjamin? Que bom ouvir sua voz — papai respondeu, aliviado. — Não consigo me levantar. Acredito que vou precisar ir para o hospital.

— Marcos? — O homem perguntou, preocupado, enquanto caminhava em nossa direção. — Está tudo bem?

Quando, enfim, pude ver quem se aproximava, constatei que se tratava do caipira tosco. Contudo, poderia ser até um jumento — se esse jumento tivesse carro e pudesse dirigir — que eu estaria muito aliviada pela chegada de socorro. Após eu explicar o ocorrido, ele se prontificou a buscar ajuda e eu agradeci. Voltando até meu pai, segurei sua mão e falei palavras de consolo que pareciam mais para mim mesma do que para ele.

Aos poucos, a chuva foi diminuindo de intensidade e eu me dei conta de meu estado: completamente molhada, provavelmente com o rosto todo borrado pela maquiagem e de salto alto no meio de todo aquele barro.

— Consegui falar com a Daniela, logo a ajuda chega — o caipira em questão apareceu e se posicionou ao nosso lado.

— Como conseguiu sinal? Meu celular não funciona por nada nesse fim de mundo! — indaguei, encarando-o e percebendo que ele também não tinha mais nenhuma parte do corpo seca.

Benjamin me encarou um pouco confuso e, para a minha completa surpresa, esclareceu:

— Meu celular está funcionando normalmente. Qual é a sua operadora?

Depois de responder sua pergunta e ele me explicar que apenas uma operadora tinha sinal em Canaã, pensei, por um instante, que minha família certamente não quis que eu soubesse daquela informação. Porém, meu pai murmurou ao lado, expressando sua dor e eu logo mudei meus pensamentos.

— Tem hospital por aqui? — Levantei e, aproximando-me do caipira, expressei baixinho minha preocupação. — Ele não me parece bem.

— Provavelmente irão levá-lo para a cidade. No posto aqui perto não terão muito o que fazer para ajudá-lo — ele respondeu no mesmo tom.

Naquele momento, a preocupação com meu pai era tão grande, que nem me lembrei de que estava perdendo a minha formatura. Todos os meus esforços eram em prol de seu bem-estar. Não suportava pensar em algo ruim acontecendo com ele e, por isso,

agachei ao seu lado, abraçando-o para tentar buscar algum consolo para nós.

— Vai ficar tudo bem, minha pequena — ele disse, acariciando meus braços.

A chuva começava a dar trégua, quando um carro chegou. Benjamin tomou a frente, recepcionando as pessoas que rapidamente desciam com seus equipamentos. Eram três homens, que manobravam uma maca, e uma mulher. Afastei-me do meu pai enquanto ela imobilizava a perna dele, entre gritos e gemidos de dor. Quando o levaram para o carro, segui atrás, porém, fui barrada.

— Você não pode ir, querida — disse a mulher num tom gentil, mas firme. — Feche o carro e vá para casa. Não vão autorizar mais de um acompanhante, e você não ficará bem acomodada em um hospital, principalmente no estado em que está.

— Eu cuido da Lara, Marcos, e amanhã providencio para rebocar seu carro — Benjamin, que estava próximo, disse ao meu pai, que murmurou um agradecimento sincero já dentro do veículo.

Ficamos ali, na chuva, eu e o caipira, observando o carro partir.

Suspirei e ergui a cabeça, fitando o céu. Como tudo poderia dar tão errado de uma hora para a outra?

Caminhei até o carro e tirei a sandália, cujo salto travava a cada passo dado naquele chão lamacento. Meus pés tocaram a lama e eu fiz uma careta, expressando todo o meu nojo. Joguei os sapatos dentro do automóvel, peguei meus pertences e tranquei todas as portas.

Benjamin já estava ao lado do carro dele. Caminhei lentamente até lá, mas, quando olhei para baixo, percebi o quanto meu vestido havia se tornado transparente e colado ao meu corpo, devido à água que ainda escorria pelo tecido. Agradeci internamente pela escuridão, evitando me aproximar demais do rapaz.

— Ei — ele disse quando percebeu eu me afastar lentamente. Havia um casaco em sua mão. — Toma, veste. Você precisa se aquecer ou vai ficar doente.

Tive um pequeno momento de dúvida se o casaco era para me esquentar mesmo ou esconder meu corpo, contudo, para as

duas coisas ele me serviria muito bem. Aceitei a oferta e o vesti, agradecendo pela gentileza.

— Vamos, vou te levar para casa.

Benjamin abriu a porta e, ao perceber meu receio em entrar e molhar todo o assento, ele sorriu.

— Não se preocupe, eu já molhei tudo aqui também. Pode entrar, por favor.

Sentei-me no banco de passageiro e mantive meus olhos fixos na estrada à frente. Ele deu a volta e entrou no carro também, dando a partida e fazendo uma conversão para retornar pela estrada de onde viemos.

— Seu pai vai ficar bem, não se preocupe, ele está em boas mãos. A Daniela é excelente profissional — ele tentou me consolar, cortando o silêncio instaurado.

— Ela é médica? — perguntei mantendo meu plano de olhar apenas para frente.

— Enfermeira.

— Fico um pouco mais aliviada, ele não me parecia muito bem — respondi e me rendi, reclinando a cabeça no encosto do banco.

Ficamos em silêncio por mais um tempo.

— Vocês estavam a caminho de uma festa? Você está... Ham... — Percebi com o canto dos olhos que ele me olhou rapidamente ao fazer uma pausa hesitante. — Toda bonita...

— Eu *estava* bonita — corrigi, lamentando minha infelicidade. — Agora estou toda molhada. — Suspirei e passei a mão nos meus cabelos. A ficha caiu e eu me recordei do que estava perdendo. — Era minha formatura.

— Sinto muito — declarou sincero.

Não respondi. Não desejava falar sobre aquele assunto, principalmente com um desconhecido. Além de tudo, estava muito preocupada com meu pai e preferia o silêncio, enquanto a frustração e a raiva cresciam, misturando-se a acusações de que deveríamos ter sido mais prudentes e mudado os planos, saindo mais cedo.

Contudo, minha parcela de contratempos ainda não tinha acabado. Na porta de casa, ao ver tudo escuro e trancado, lembrei

que meus avós tinham saído mais cedo e as chaves de casa haviam ficado no porta luvas do carro.

— Ai, meu Deus, só me faltava essa! Eles não voltaram — constatei consternada.

— Seus avós ainda estão na vigília — o caipira respondeu apoiando-se no capô do carro.

— Vigília? Que vigília?

— A nossa igreja está reunida com a igreja de Nova Canaã, a comunidade vizinha. Passamos a noite orando, louvando a Deus, ouvindo a Palavra. Provavelmente renderá algumas boas horas até acabar — ele explicou, condoído com minha situação. — Seus avós foram com os Bezerra. Eu estava indo para lá também quando encontrei vocês.

Sentei na escada e levei as mãos até a testa, apoiando meus cotovelos nos meus joelhos. Estava me segurando, com todas as forças, para não desabar em choro. Respirei fundo e passei a pensar no que faria sozinha, toda molhada, sem as chaves de casa.

O rapaz, aparentemente, percebeu meu desespero.

— Olha, a Gabi está em casa — ele informou apontando em direção a casa dela. — Você pode passar a noite lá, até seus avós chegarem. Ela te empresta uma roupa seca, vocês parecem ser do mesmo tamanho. Se continuar toda molhada assim, amanhã estará de cama.

Eu não tinha nenhuma opção, sabia que aquela era a única alternativa diante do meu desespero. Rendida, voltei para o carro e ele nos conduziu até a fazenda ao lado. Quando estacionou em frente à varanda, buzinou algumas vezes, até Gabi abrir a porta, assustada.

— O que aconteceu? — questionou, vendo nosso estado.

Eu abracei meus próprios braços e pressionei os lábios. Sentia muito frio e se ousasse contar minha péssima experiência, choraria até não poder mais. E chorar estava fora de cogitação.

Benjamin explicou rapidamente todos os acontecimentos, sugerindo que nós entrássemos devido ao frio. Gabi abriu espaço e colocou a gente para dentro. O caipira entrou com muita naturalidade na casa, enquanto eu estava sem graça por estar descalça, imunda, pingando água do meu vestido e cabelos.

Gabriela me guiou até o seu quarto.

— Ainda bem que o Ben encontrou vocês — ela disse, enquanto procurava uma peça de roupa limpa no armário.

— Ben? — perguntei, tentando fazer a ligação do nome ao caipira.

— Sim, Benjamin, meu irmão.

Estava explicado! Tudo fazia sentido, então. Por isso ele havia me chamado de miúda naquele nosso encontro na estrada. Gabi tinha um irmão mais velho que, na infância, sempre importunava a gente e havia me apelidado, implicando com o fato de eu ser pequena e magrinha.

— Tome, roupa e toalhas limpas. — Gabi me entregou os objetos e indicou a porta do banheiro. — Tome um banho.

Obedeci a ordem dela e, já dentro do banheiro, vi no espelho o meu real estado. Ainda estava vestida com o casaco do caipira, graças a Deus, porque por baixo estava tudo transparente até demais.

Entrei no chuveiro e a água quente foi um alento para meu corpo gelado e minha mente conturbada. Todos os meus pensamentos estavam com o meu pai e o que seria dele. A falta do baile de formatura seria sentida posteriormente. Eu precisava que ele ficasse bem antes de tudo.

Seguindo as recomendações da Gabi, coloquei as roupas que ela me havia emprestado e abri a porta do banheiro, dando de cara com Benjamin, todo molhado, encostado na parede, com uma toalha em seus ombros, aguardando para tomar banho também. Senti uma pontada de culpa por ter demorado um pouco mais no chuveiro, ele devia estar congelando.

Atrevi-me a encará-lo por um momento, mas desviei o olhar quando constatei o quanto ele era bonito e eu não tinha percebido. Ele sorriu e eu me afastei, dando espaço para que ele pudesse seguir com seus intentos e fui para o quarto da Gabi, com as minhas roupas encharcadas na mão.



Capítulo 4

Os pais de Gabi também estavam na tal reunião de oração. Ao que parecia, todo mundo ali, assim como meus avós e meu pai, era cristão. Bem, eu não poderia negar que cria que existia um Deus em algum lugar, mas Ele estava preocupado demais em punir as pessoas más para olhar para as boas. Era inconcebível, em minha opinião, que um livro antigo pudesse ser o responsável por ditar regras às pessoas, a ponto de estragar toda a diversão do mundo.

Benjamin, cuja noite também havia sido arruinada com aquele trágico acidente, resolveu mudar seus planos e ficou em casa nos fazendo companhia. Gabi estava se recuperando de um resfriado, sendo assim, compartilhou conosco a deliciosa sopa feita por sua mãe, muito embora eu não estivesse muito animada para comer. Eu pouco disse e tive minha privacidade respeitada, uma vez que eles compreendiam minha preocupação com a saúde de meu pai.

Estávamos sentados na sala, um pouco antes de nos retirarmos para dormir, quando o único homem entre nós recebeu um telefonema. Assim que desligou, se dirigiu a mim.

— Era a Daniela no telefone — ele falou e, por seu semblante sério, imaginei que as notícias não seriam boas. — Tudo indica que seu pai será submetido a uma cirurgia, um procedimento específico para tentar consertar o estrago nos ossos. Ainda não há uma data estipulada para a operação, por isso, ele precisará ficar internado. Está sendo medicado, sentindo um pouco de dor, mas estável e bem. — Vendo meu estado de choque, ele encostou-se à mesa de madeira e cruzou os braços, tentando parecer mais relaxado. — A

Dani disse que a previsão é permanecer no hospital por mais ou menos uma semana, contando com o pós-operatório, e ela mesma ficará lá para se certificar de que Marcos receba todo o atendimento necessário. Seus avós foram informados e a igreja está orando por ele.

Mesmo com o coração apertado, agradeci as notícias e tentei parecer que estava tudo bem. Contudo, obviamente, mais tarde, eu não consegui dormir direito. Primeiro porque estava repousando na casa de pessoas com quem eu não tinha intimidade. Segundo, porque eu estava desolada. Preocupada com o meu pai e decepcionada por ter perdido a minha festa de formatura, pela qual eu tinha criado tantas e tantas expectativas.

Mas meu terror não tinha acabado ali. Doce ilusão!

No dia seguinte, ainda era bem cedo quando peguei o celular para olhar as horas, louca para fugir para casa. Gabi dormia profundamente na cama ao meu lado, o quarto estava escuro. A tela do celular indicou a notificação de centenas de mensagens no grupo da escola. Eu estava em dúvida se deveria ou não abrir, mas a curiosidade foi maior e meu dedo seguiu o caminho exato para abrir as mensagens. Fotos e mais fotos exalando uma felicidade sem igual, comentários, brincadeiras e, de repente... *Pá!* Fui atingida com um choque de realidade que fez todos os meus músculos se retraírem. Uma das fotos se destacava devido ao número de comentários logo depois. Henrique... meu querido Henrique estava aos beijos com outra garota da minha sala, enquanto o restante de meus colegas cumprimentava com “parabéns pelo namoro dos dois”, seguido de muitos “até que enfim”.

Eu me senti uma verdadeira otária. Meu estômago embrulhou quando lembrei das palavras escritas naquela carta de amor que havia entregado a ele dias antes da mudança.

Tantos anos investindo para que Henrique entendesse como eu queria algo a mais dele, além da nossa amizade. E todo esse tempo ele estava de olho em outra menina, bem embaixo do meu nariz. Pelo visto, eu era a única que não tinha percebido o amor dos pombinhos.

Ridícula! Lara, como você é idiota e boba.

Larguei o celular ao lado, sentindo um tremor em minhas mãos enquanto tentava controlar minhas emoções. De certa forma, ao menos eu tinha um motivo para agradecer por não estar lá. Seria infinitamente pior ter assistido ao vivo, seria muita humilhação para suportar. Além, é claro, de precisar encará-lo depois de ter feito papel de trouxa.

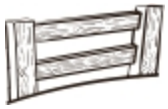
Enquanto a dor percorria meu corpo, analisei outro fato importante: não havia nenhum comentário sobre minha ausência na festa. Passou completamente despercebido àqueles que se diziam meus “amigos”, levando-me a compreender que eram apenas colegas, e já haviam se esquecido de mim.

Engoli aquilo tudo e decidi que não derramaria uma lágrima por aqueles que diziam gostar de mim, muito menos por aquele imbecil. Aliás, a maior imbecil em toda a história era eu. Quanta ingenuidade!

Pensei em sair do grupo, mas a atitude poderia atrair alguns olhares deles para mim e tudo o que eu queria era ser invisível depois de toda a situação. Levantei da cama e, em silêncio, fui até a varanda, na esperança de que meus avós tivessem lá. Suspirei aliviada ao ver fumaça saindo da chaminé do fogão a lenha. Vovó deveria estar preparando o café.

Com um nó formado na garganta, juntei meus pertences e me retirei da fazendo do vizinho, voltando para casa em silêncio, com minhas roupas molhadas nas mãos.

Tudo que eu sonhei até então tinha, literalmente, ido por água abaixo.



Acredito que boa parte das pessoas já passou por uma decepção amorosa, então, devem compreender com exatidão o que eu vivi nos dez dias seguintes ao desastre daquela noite chuvosa. Mas, ao invés de me afundar em crises de choro, eu fiquei com

raiva... Muita raiva! Primeiro, de mim mesma, segundo, do resto do mundo. Me isolei, sumi das redes sociais e passei a evitar contato com qualquer pessoa, ainda que ela não fosse a responsável por minha infelicidade.

Depois de uma semana, meu pai estava de volta, operado e sentindo muita dor. Eu fui escalada como enfermeira particular, uma vez que sua locomoção era limitada. Tornei-me quase um robô auxiliar: “Lara, pega isso para mim”, “Lara, leva aquilo lá”, “Lara, me ajuda!”. Porém, eu não reclamava — talvez um pouco —, pois estava realmente sentida por ele e, apesar dos meus desgostos e mau humor com a vida, estava feliz em poder ser útil em meio ao sofrimento dele.

Para minha sorte, todos ao meu redor atribuíam o fato do meu estado deprimido à perda da festa de formatura e da condição de meu pai, me poupando de precisar dar explicações sobre meu humor tão alterado. E, no fim das contas, estava grata por ter me livrado do vexame de ver, ao vivo, o beijo dos pombinhos.

Aparentemente, Gabi se sentia tocada pela minha situação após ter me acolhido ainda em estado de choque. Mesmo sem entender, ela procurou aliviar o meu desconforto, sempre fazendo uma visita, ainda que rápida, para saber como eu estava e tentando melhorar meus ânimos. Eu relutei um pouco, mas precisei admitir para mim mesma que estava feliz em tê-la como amiga.

— Lara, vamos? — Ouvi a voz dela me chamando da varanda, certa tarde, quando os piores dias haviam passado.

— Ei, Gabi, já estou indo! — gritei, já me dirigindo até ela.

Após muita insistência, eu tinha aceitado o convite para me juntar à família da Gabriela em um piquenique numa tarde de sábado. Aceitei porque, de fato, precisava me distrair e também gostava da companhia dela, além de achar seus pais amáveis. E talvez encontrasse no irmão uma beleza bem distinta, da qual eu realmente me sentia tentada a apreciar.

— Ah, não! — Gabi protestou assim que me viu. — Pode dar meia volta e trocar essa roupa! Olha só, vamos para um piquenique na cachoeira. — Ela me lançou um olhar incrédulo. — Não estamos indo passear no shopping. — E, num tom imperativo, completou: — Aproveite e coloque seu maiô por baixo, por favor.

Não pude evitar rir dos modos de minha amiga. Realmente, a ocasião pedia algo mais leve, por isso, atendi seu clamor e voltei para meu quarto. Me livrei do jeans, coloquei meu maiô e um vestido floral por cima. Desci e corremos em direção a casa dela, sabendo que seus pais e irmão já nos aguardavam no carro.

Fui recebida com muito carinho e me sentei no meio do banco traseiro, entre Gabi e Benjamin, que me cumprimentou com um lindo sorriso. Enquanto seguíamos o caminho pela estrada de terra, fui bombardeada com perguntas sobre o estado de saúde de meu pai. João e Ana eram sempre muito atenciosos, e eu gostava muito deles, embora passassem tempo demais falando sobre coisas cristãs e sobre as utopias bíblicas. Benjamin, contudo, permaneceu a maior parte do trajeto calado, concentrado na paisagem exterior.

O carro parou assim que chegamos a uma cachoeira linda. Meu queixo caiu e me perguntei como algo tão belo poderia estar tão perto da minha casa, ali, escondido no meio da mata. Ana abriu uma grande toalha xadrez, vermelha e branca, e a estendeu sobre o chão. Eu e Gabi ajudamos a organizar as comidas em cima, enquanto os homens se apressaram para ir nadar. Admito, tive uma leve decepção, misturada com surpresa, quando vi Benjamin entrar na água vestido com a bermuda e camisa, nada diferente de seu pai.

— Vamos nadar também, Lara! — Gabi se levantou e estendeu a mão, insistindo para que a acompanhasse.

Desviei meus olhos da mão dela e olhei em direção a cachoeira, imaginando os perigos que havia ali.

— Ai, não sei, não. Sou muito medrosa. Não sou uma grande fã de rio e parece um pouco fundo. Tenho medo de haver algum bicho escondido, sabe? — desconversei tentando negar com alguma delicadeza.

— Ah, deixa disso, aqui não há perigo algum. A água é clarinha, como você pode ver. E qualquer coisa você fica no raso. Vamos, por favor! — continuou insistindo, carinhosa como sempre.

O dia estava quente e a água realmente estava convidativa, porém, eu era neurótica. Imaginava uma cobra enroscando em minhas pernas e me levando para o fundo, um triste fim para uma jovem cheia de vida. Porém, após grande insistência de Gabi, resolvi

ceder e entrar. E sim, foi uma boa escolha. A água não estava tão fria como eu esperava, o clima quente tornava tudo agradável.

Depois de um tempo, me arrisquei a ir até águas mais profundas na companhia de Gabi, quando algo se enroscou em minha perna direita.

Imagine a cena por um instante: Eu gritei muito, histérica. Todos os olhares se voltaram em minha direção, claro, cheios de preocupação. Eu comecei a me debater, desesperada, enquanto Benjamin e João davam fortes braçadas nadando para me socorrer. Quando percebi que aquilo, fosse o que fosse *aquilo*, se desenroscou de mim, saí correndo para a margem do rio. Claro, os quatro esperavam que eu os explicasse o que tinha acontecido, avaliando meu estado, em busca de alguma ferida, quando se aproximaram. Eu estava sem ar, com o coração disparado, e as palavras demoraram a sair para que eu pudesse explicar o meu drama.

Todos riram aliviados. Eu ri de nervosa. Senti-me uma boba. Morri de vergonha.

Sentei na beira da água ainda um pouco sem ar, traumatizada com meu vexame. Gabriela, Ana e João, após se certificarem de que eu estava realmente bem voltaram a nadar, talvez até mesmo tentando aliviar meu desconforto e vergonha claramente demonstrados quando tudo se acalmou. Benjamin, porém, sentou-se ao meu lado, com os pés dentro da água, me fazendo companhia.

— Que cobra enorme essa, hein? — declarou com um leve tom de ironia. Limitei-me a lançar a ele o meu melhor olhar de desdém. — Foi uma cena engraçada, admita. Não vou esquecer tão cedo, Miúda.

— Porque você insiste em pegar no meu pé? — indaguei encarando-o, embora estivesse sendo amigável o bastante para ele entender que eu não estava achando de todo ruim.

— Para lembrar os velhos tempos. Aliás — Ben virou-se para mim e esfregou o queixo —, se me lembro bem, você não era assim tão medrosa. Corria descalça pelo pasto, atravessava as pinguelas, nadava nos rios...

— Uau! Estou impressionada! Você lembra mais da minha infância do que eu mesma. — Levantei as duas mãos, como se

estivesse chegado a uma conclusão importante.

Ele gargalhou naturalmente, jogando o corpo para trás. Quando se conteve, ainda sorrindo, apontou para a cachoeira.

— Não tem melhor vida que essa, Lara.

— Isso porque você nunca experimentou as maravilhas da cidade grande. Aposto que nunca andou de elevador. Você deve ser igual a esses jecas quando vão ao shopping pela primeira vez e não sabem o que fazer na escada rolante — expressei em amigável zombaria.

— Agora a senhorita pegou pesado, hein? — Ele fez um sinal de rendição com as mãos, as sobrancelhas levantadas e o riso preso nos lábios.

— Você é um baita de um caipira atrevido, isso sim! — afirmei com certa malícia e com um sorriso que eu julguei charmoso.

— Desculpa te incomodar com minha presença... Patricinha! — ele respondeu a altura com um sorriso que eu pude confirmar que era muito charmoso.

Não sei o porquê, mas a presença dele me incomodava mesmo. Ele falava com aquele sotaque carregado e vez ou outra soltava palavras que não entravam no meu vocabulário, pois não faziam parte do português. Mas, ao mesmo tempo, era sempre muito agradável e simpático.

Depois de um tempo trocando algumas farpas, ele voltou para a água, deixando-me só, observando-os.

O saldo do dia foi muito positivo. Nós comemos as delícias preparadas por Ana, sentados no tecido, no chão. Apreciamos o sol e dividimos risadas. Eu realmente fiquei feliz por estar ali com eles. Aquela família tinha alguma coisa especial. Eu ainda não sabia o que era, mas me atraia.

Cada vez mais.



Eu e Gabi estávamos sentadas, certa tarde, na escada da varanda da casa dela, conversando animadas, como fazíamos desde que passei a frequentar constantemente a casa ao lado. Benjamin

surgiu pulando uma cerca de madeira e caminhando ao nosso encontro, com a roupa característica de um trabalhador da fazenda, visivelmente imundo. Quando ele estava próximo o suficiente, atestamos aquela verdade, o cheiro horrível exalando em nossa direção.

—Nossa, Ben! — Gabi tampou o nariz e ergueu uma das mãos, como se pudesse afastá-lo, tão logo se aproximou.

— Ui! Você está fedendo. — Eu a acompanhei, tampando o meu também.

— Estão achando ruim? — Ele parecia se divertir com nosso desgosto. — Então vem cá me dar um abraço.

Dito isso, ele veio em nossa direção com os braços abertos. Eu e Gabi nos protegemos com as mãos, mas ele nos abraçou mesmo assim. Aquela sujeira impregnou em nossos braços. Ficamos muito bravas com ele, que não parava de rir, sentindo-se vitorioso por nos atingir.

— Qual é, garotas? Um pouco de esterco não faz mal a ninguém — ele falou e passou o dedo no nariz de Gabriela, provocando-a.

— Ah, não, Benjamin! Olha só! – Gabi gritou com ele, mas não conseguia deixar de rir.

— Vocês duas deveriam levantar a bunda daí e ir lá ajudar a gente a preparar o esterco para colocar nos pés das frutas. — Ele parou, colocou uma das mãos na cintura, outra na face. — Ah, verdade, me esqueci! A patricinha não pode. – Ele começou a andar imitando uma modelo, com o olhar atrevido em minha direção.

— Você é tão besta! — esbravejei, mas ria junto da cena ridícula que ele fazia.

— Eu estou brincando — disse e sentou entre a gente, exalando aquele “perfume delicioso”. — Porém, vocês podiam nos ajudar, já estão sujas mesmo.

— Deus me livre! Cocô de vaca? — Fiz uma cara de nojo, me afastando dele.

— E de boi — completou Benjamin, ainda rindo da minha expressão exagerada.

— Vá trabalhar, Ben! – Gabi ordenou, empurrando o irmão pelos ombros, obrigando-o a se levantar.

Vi Benjamin seguindo o caminho dele. Eu o observei se afastando com aquele jeans e todo sujo de bosta, literalmente.

Eca!

Não era à toa que não gostava daquela vida.



Capítulo 5

Alguma coisa de muito errada estava acontecendo comigo.

Primeiro, eu simplesmente desencanei com a história do Henrique. Parecia que todo o sentimento de rejeição tinha se revertido em uma grande indiferença por aquele que eu subestimara com atributos que ele não merecia receber. De jeito nenhum! Pouco me importava se ele estava beijando outras meninas por aí ou me convidasse para ser madrinha de um casamento, no qual, obviamente, eu não seria a noiva.

Em segundo lugar, meu coração andava acelerando sem permissão, minhas mãos suando sem motivos aparentes e meu sorriso parecia brincar em meus lábios constantemente. Eu passava mais tempo na sacada do meu quarto — um espacinho de laje entre o telhado e a janela, que eu chamava de minha varanda —, observando a fazenda ao lado, atenta a todo movimento que porventura pudesse surgir por lá.

Não precisava ser uma expert em relacionamentos para constatar que meu corpo emitia sinais de que alguém estava mexendo comigo, e justamente o alguém mais improvável de toda face da terra entre todos os *alguéns* do mundo que um dia pudesse passar pela minha cabeça.

Minhas visitas até a casa da Gabi passaram a ser diárias e, notoriamente, eu gastava mais tempo por lá, o que acabou estreitando ainda mais a nossa amizade. Eu até mesmo cheguei a cogitar a ideia de ir até à igreja com ela, afinal, Gabi era uma menina incrível e bastante religiosa. Provavelmente não seria tão ruim assim

acompanhá-la algumas vezes aos cultos para agradá-la. E, apesar de amar a companhia da minha mais nova amiga íntima, confesso que sempre permanecia com aquela tensão, esperando que a qualquer momento meus sentimentos se agitassem dentro de mim e eu tivesse a agradável visão que era bastante recorrente quando eu estava na fazenda vizinha.

Sim, eu esperava ter a oportunidade de me encontrar com Benjamin. Ou vê-lo, ainda que de longe.

E quando minhas expectativas eram atendidas, eu me agitava por dentro. Era muito esquisito, confesso. Ao mesmo tempo em que gostava muito de estar perto dele, eu abominava aquele jeitão caipira, a forma que se vestia, falava, andava. E seu vocabulário extremamente religioso, quase fanático, sempre pronto a recitar algum versículo ou dar uma lição de moral em alguém. Mas, apesar disso, precisava me repreender todos os dias por estar desejando tê-lo sempre por perto e por achá-lo tão bonito, atraente, charmoso e muito mais. E ele... Bom, ele me via como a amiga da irmãzinha mais nova.

— Então, Lara, a reunião de jovens é mais informal, você não vai precisar se preocupar tanto com a liturgia. Nós cantamos algumas músicas, depois vamos conversar sobre a Bíblia. É muito legal, um programa divertido.

Gabi, deitada do meu lado, tentava usar seus melhores argumentos, com uma voz suave, para me convencer a não resistir mais aos seus constantes convites. Ela não escondeu, pela feição em seu rosto, como estava apreensiva, sabendo que eu sempre desconversava quando o assunto era igreja ou qualquer coisa do ramo dos crentes.

— Ai, Gabi — ergui o tronco e me apoiei nos cotovelos, encarando-a com a testa levemente franzida. No fundo eu me sentia mal de estragar seu entusiasmo —, não sei.

— Ah, vamos, por favorzinho! Que mal pode te fazer? Nenhum! — implorou, fazendo aquela carinha de cachorro abandonado pedindo abrigo. — Eu ainda nem mencionei que a reunião desta semana será regada por um delicioso piquenique, e posso garantir que terá tortas da dona Val. São perfeitas!

Gabi piscou algumas vezes, com muita expectativa transparecendo em seus olhos. Seria muito frustrante se eu negasse daquela vez, principalmente depois de todo o tempo que ela havia se dedicado para construir um vínculo sincero de amizade comigo.

— Tudo bem! — Levantei os braços em rendição. — Eu vou — apontei meu dedo indicador em direção a ela —, mas é por você, só por isso!

— Obaaaaaaaa! — Comemorando a vitória suada, Gabi me abraçou, demonstrando sincera alegria por eu ter me rendido a um de seus apelos.

E foi assim que eu me dirigi pela primeira vez até um evento religioso, para alegria de meu pai, que aprovou muito a ideia.

Com minhas roupas nada adequadas para a ocasião, segui sozinha até o sítio do Seu Manuel, onde seria a reunião, e Gabi me encontraria lá, já que antes ela estaria na igreja, no culto matinal de domingo. Quando cheguei ao meu destino, tal foi a minha surpresa: Benjamin não só estava lá, como demonstrava ser muito entrosado com todo o pessoal.

Mas é claro que ele estaria presente! Ele também é da turma dos crentes.

Gabi, logo que me viu, correu para me receber com um caloroso abraço. Fez questão de me apresentar a cada um e depois me levou pela mão para sentar ao seu lado, em cima de uma toalha xadrez vermelha. Por um momento, o olhar de Benjamin, que estava do lado oposto, encontrou-se com o meu e ele sorriu abertamente.

Sabe quando você sente seu coração errar uma batida, seu rosto parece que vai queimar de vergonha e você quer, de toda maneira, esconder o quanto ficou balançada com um simples e sincero sorriso? Então...

As surpresas não pararam por aí. Foi Benjamin quem, depois de um dos rapazes tocar duas ou três canções acompanhado do grupo que cantava com alegria, tomou a palavra. Sim, era ele quem estava liderando aquele encontro. O caipira, jeca e tosco.

Imediatamente, minha curiosidade se elevou e eu queria saber exatamente como e o que ele falaria. Pois bem, após dar as boas-vindas e dirigir um olhar especial para mim, ele fez uma oração. Uma oração que eu nunca havia visto igual antes. Era com certa

intimidade, como se ele acreditasse mesmo que Deus estava ali, ouvindo suas petições. Não como as orações tediosas, das quais eu tinha pavor de acompanhar, mas uma oração simples e sincera, que me envolveu de tal maneira que eu me peguei falando um “amém” no fim, junto com o restante dos presentes.

E, então, ele começou a pregar.

Oi?

Ele não só sabia falar, mas falava muito bem. Com simplicidade, usando situações do nosso cotidiano para fazer aplicações do que, segundo ele, a Bíblia ensinava. Sem mencionar que, mesmo levando a sério o que estava fazendo, vez ou outra provocava nosso riso, tornando tudo mais leve.

Confesso, me surpreendi. Nunca esperaria algo assim vindo dele!

Os minutos se passaram rapidamente e, ao concluir suas palavras — embora eu não me lembre exatamente o seu discurso, já que estava mais preocupada em admirar sua desenvoltura do que ponderar sobre seu sermão —, Benjamin orou, agradeceu pelos alimentos e iniciou-se o melhor momento: a comilança.

Por que eu estava tão balançada? Com toda certeza fora o susto de vê-lo à frente, falando sobre aquelas coisas que eu insistia em deixar bem distante de minha mente e coração.

E somente no fim, quando todos estavam se despedindo, tomando o caminho de volta para seus lares, ele se aproximou com um sorriso nos lábios e a Bíblia na mão.

— Ei, miúda! Que alegria receber você entre nós — Benjamin falou com sinceridade, sentando-se ao meu lado. Ele ainda vestia aquele traje típico de fazenda, o jeans e a camiseta cinza habitual, mas estava limpinho — e cheiroso, pude constatar. A barba bem feita e o cabelo penteado sem a presença do chapéu na cabeça.

Lindo de morrer, precisava admitir.

— É, eu apareci... Enfim... — respondi, tentando esconder a inquietação das minhas mãos, que denunciava o quanto eu estava mexida com a aproximação dele.

— E o que você achou? — ele indagou, esticando uma das pernas enquanto apoiava o braço no joelho elevado.

— Fiquei chocada — respondi e sorri, assumindo o controle de minhas emoções. – Não esperava isso de você. Um pastor!

Benjamin soltou aquela gargalhada espontânea que eu tanto gostava, fazendo sua cabeça inclinar levemente para trás.

— Pastor? Acho que não!

— Mas, talvez um dia? — Lancei um olhar sugestivo, imaginando o que se passava na cabeça dele.

— Provavelmente, não. — Ele balançou a cabeça em negativa torcendo o nariz. — Eu creio que esse não é meu chamado. Não para pastorear.

— Chamado? Como assim? — indaguei, confusa.

— Acho que o Senhor tem outros planos para minha vida, outro trabalho. Talvez, quem sabe, fazendo missões.

— Missão? Como um objetivo de vida? — Olhei rapidamente para ele, antes de desviar os olhos. — Não seria seu chamado tirar leite de vaca e coletar esterco? — provoquei, pronta para me divertir como costumávamos fazer quando conversávamos.

— Hum... — Ele ficou pensativo e me repreendi por ter, talvez, ido longe demais. — No momento, sim. Contudo, eu creio que as coisas podem mudar a qualquer instante. — Seu olhar se tornou desconfiado, antes dele continuar. — Eu pensei que você era cristã.

— Eu sou! — De repente, senti a enorme necessidade de me parecer como ele. — Quer dizer, eu cresci na Igreja.

— Embora a igreja seja de extrema importância, você sabe que ser cristã não é a mesma coisa que ter uma religião.

— Eu sei! — Dessa vez senti a enorme necessidade de mudar de assunto. O papo estava tomando um rumo que eu não gostava. — Porém, talvez eu não esteja pronta para esse passo ainda.

Benjamin me encarou e parecia estar perscrutando meus pensamentos. Ele estava sério quando perguntou:

— O que te impede, Lara?

— Benjamin, vamos? — Salva pelo gongo! Quer dizer, por um menino que se aproximou chamando-o sem nem perceber que estava interrompendo uma conversa.

Meu companheiro sorriu sem jeito e voltou-se ao garoto em pé na nossa frente.

— Claro, Esdras, já estou indo.

Ele se levantou e estendeu a mão em minha direção, oferecendo auxílio para que eu também me erguesse. Sem querer parecer uma menina frágil e dependente, fingi não entender o gesto e, sozinha, também me levantei. Ele recolheu a mão.

— Eu vou fazer uma visita à mãe do Esdras. Mas, sabe, você podia aparecer lá em casa um dia desses de noite. Podemos terminar essa conversa.

— Quem sabe um dia. — Dei de ombros.

Estava determinada. Precisava fugir dessa conversa!

— Tudo bem, vamos marcar — ele respondeu, satisfeito. Depois, olhou ao redor. — Você vai para casa com a Gabi?

— Vou sim, não se preocupe. Ela deve estar me esperando também — apontei para onde a irmã dele se encontrava, conversando, distraída, com outras duas meninas. — Até mais, Ben. — Me virei depois de dar um tchau tímido com as mãos, sentindo meu coração palpitar.

Certifiquei-me de que ele estava longe antes de ficar tranquila novamente. Eu e Gabi voltamos caminhando para casa. Ela evitou tocar no assunto do que eu havia vivenciado, ao contrário do irmão, embora me garantisse que eu seria muito bem-vinda em todas as reuniões, se assim fosse do meu interesse.

Eu agradeci e mudei o rumo da nossa conversa.



Capítulo 6

Conservei minha resolução e, depois daquela reunião, mantive o máximo de distância possível de Benjamin. Apesar de sentir falta de sua companhia, sua voz, sorriso e olhar não saíssem de minha mente; mas eu fugi com todas as minhas forças de qualquer oportunidade de encontrá-lo, a fim de não precisar ouvir perguntas cujas respostas eu não estava disposta a oferecer.

Papai estava em um lento e doloroso processo de recuperação, e era necessário que fizesse exercícios e fisioterapia para que não afetasse os movimentos de sua perna. Sendo assim, usei a desculpa de suas dores e dificuldades e me coloquei à disposição para ser sua serva fiel, não podendo sair de casa, porque, se porventura ele precisasse de mim, eu não poderia decepcioná-lo.

E nesse tempo que passamos juntos, eu pude perceber que, embora sofresse muito com as constantes dores e também por ter sido privado de trabalhar, ele parecia diferente. Seus sorrisos eram mais constantes e eu não o via murmurar, ao contrário, passava longas horas desfrutando de momentos que ele chamava de “meu momento com o Senhor” ou “devocional”, e, ao que parece, era regado de leitura da Bíblia e grandes momentos de oração.

Tendo-o tão alegre, não era difícil manter minha missão de ficar dentro de casa, em sua companhia ou dentro do quarto, assistindo um filme quando a internet permitia.

E assim permaneci, até que o universo conspirou contra mim.

Meu pai, sem condições de dirigir, havia conseguido um “motorista particular”, um amigo de uma das fazendas vizinhas que

sempre o levava até a cidade para suas consultas médicas. Contudo, esse amigo havia viajado e quando a alma bondosa — chamada Benjamin — soube da situação, prontamente se ofereceu para levá-lo no lugar do vizinho. Não seria um grande problema se meu pai não tivesse me convidado para acompanhá-los, deixando claro que fazia questão de minha resposta positiva.

Sabe quando você é pega de surpresa pelo seu coração, que não deixa a razão falar mais alto? Então...

Lá fomos nós.

Os três.

Meu fone de ouvido tinha sido um excelente aliado, mantendo-me distante da conversa masculina até chegarmos em frente ao hospital, onde papai desembarcou acompanhado apenas de suas muletas.

— Tudo bem, queridos. Eu vou mesmo demorar por aqui. — Ele deu uma olhada no relógio de seu pulso. — Acredito que só vou ser liberado daqui umas três horas. — Então ele ajustou bem as mãos nas muletas, deixando claro que ninguém precisava segui-lo e sorriu. — Eu ligo quando terminar. Vão dar uma volta. Lara, aproveita que estamos na cidade e realize suas vontades, Ben tem carta branca para te levar onde você quiser.

Forcei um sorriso. Como se desse para realizar minhas vontades com o pouco dinheiro que ele me deu. Benjamin seguiu para a porta do motorista e eu estava prestes a abrir a porta de trás quando ele pigarreou.

— Por favor, não me faça ser motorista de táxi — disse num tom de repreensão e apontou para a porta do passageiro da frente.

Sem escolha, fiz como ele sugeriu e tomei lugar ao seu lado no carro.

— Então, o que faremos agora, senhorita? — perguntou num tom divertido.

Virei-me para ele e sorri maliciosa.

— Você já foi ao shopping?

— Claro que eu já fui — ele me encarou com os olhos semicerrados.

—Não estou falando desse shopping daqui. — Dei de ombros, parecendo desafetada. — Estou falando desses de capital, grandes,

com mais de dois andares. — Fiz uma pausa e sorri de novo. — Já andou de escada rolante?

— É claro que sim! — ele respondeu cruzando os braços em frente ao peito.

— Ah! E ficou na frente da escada sem saber o que fazer? — Continuei com minha missão de atormentá-lo.

Benjamin abriu a boca, mas fechou. Apertou os lábios antes de voltar suas mãos para o volante.

— Você está engraçadinha hoje, hein? O que houve? — Ele me olhou de relance e ligou o carro.

—Nada. — Dei um sorrisinho provocativo. — Vamos para o shopping!

— Sim, senhora! — Ele bateu uma continência e partiu.

Aproveitei o silêncio e voltei a colocar os fones de ouvido. Eu sabia que não poderia fugir dele para sempre, mas o quanto pudesse evitar o confronto, faria. Claro que eu não consegui deixar de observá-lo, vez ou outra, concentrado no trânsito. Ele parecia ainda mais bonito naquela condição e meus pensamentos voaram alto até o momento que chegamos ao Shopping e os fones precisaram voltar para a bolsa.

Em comum acordo, fomos para a praça de alimentação e já era tarde demais quando eu constatei que me sentar sozinha com ele numa mesa enquanto desfrutamos de um milk-shake não era uma boa ideia.

Eu sabia que ele não me deixaria escapulir daquela conversa.

— Então, Lara. — Ele inclinou o corpo para frente, aproximando-se mais, como se estivesse me encurralando, impedindo-me de fugir.

— Então, Benjamin. — Sorri, fingindo não ter compreendido a deixa.

— Desde a reunião de jovens mal tivemos tempo de conversar. — Ele deu um gole na bebida e me encarou. Eu, claro, fiz cara de paisagem, como se não tivesse estado ao meu alcance vê-lo. — Você estava me contando que nasceu em um lar cristão quando fomos interrompidos.

Bem, falar de mim não seria um problema tão grande assim.

— Sim, meus pais eram cristãos. Bem, quando eles se casaram não eram religiosos. Depois de um tempo meu pai passou a frequentar a igreja e, depois de um pouco de relutância, minha mãe passou a acompanhá-lo também. — Umedeci os lábios sentindo aquele conhecido nó se formar na minha garganta por falar dela. — Meu pai conta que ele mudou muito depois de passar a ler a Bíblia dele e que minha mãe notou essa diferença e decidiu seguir o mesmo caminho. — Dei de ombros, apenas repartindo com ele uma das muitas falácias de meu pai sobre o encontro verdadeiro dele com Cristo.

— Compreendo — Benjamin disse e escondeu o sorriso voltando sua atenção à bebida.

— Até onde eu sei, minha mãe também teve dificuldade em engravidar e, segundo eles, eu fui um grande milagre de Deus. — Cruzei as mãos no colo. — Sei lá, ela falava que orou muito para Deus abençoá-la. Ela brincava que não se chamava Sara por coincidência. Sabe, Sara, de Abraão, que não podia ter filhos? — Tentei explicar a brincadeira e pelo sorriso dele, deu a entender que ele compreendia.

— Conheço bem a história. Aliás — ele encostou-se na cadeira e seus olhos estavam fixos em todos os meus movimentos —, pelo visto, você também.

— Frequentei a Igreja desde pequena, e minha mãe... — Apertei os lábios quando as lembranças voltaram. — Ela me contava uma história da Bíblia toda noite antes de dormir. Mas eu nunca fui de fato envolvida com essas coisas.

— E por que não? — Indagou, muito interessado, sem me dar nenhuma saída.

— Sei lá. — Me senti num verdadeiro interrogatório. — No princípio, eu frequentava a escola dominical. Mas depois minha mãe morreu, meu pai também parou de ser assíduo, e na minha adolescência eu simplesmente não achava graça nenhuma em ir para a Igreja.

— Porque, provavelmente, você não tenha sido encontrada pela graça — afirmou, convicto, com os lábios curvados em um sorriso iluminado.

Eu estava realmente sem saída.

— Você está mesmo interessado em pregar para mim? — questionei, rindo, enquanto olhava dentro daqueles olhos escuros que me observavam atentamente.

Benjamin tentou relaxar o corpo e voltou a mexer no copo de sua bebida gelada, parecendo desinteressado.

— Não, só queria saber mais sobre você. — Ele ergueu os olhos e inclinou-se para frente novamente. — É que eu me lembro de você uma criança alegre, correndo descalça pelo quintal, sem medo de se sujar e indo aos cultos no domingo com sua família.

— Sério? — Arregalei os olhos e parei com a boca aberta por alguns segundos. — Você se lembra disso?

— Claro que me lembro! E hoje eu vejo que você não sorri tanto — respondeu cauteloso. — Entendo que quando meninas crescem ficam mais preocupadas com sua aparência, mas parece que você é outra pessoa agora.

Senti um aperto no peito e a raiva crescendo lentamente, como acontecia quando eu me lembrava da mudança drástica de minha vida.

— Talvez porque o seu Deus tirou de mim o que eu tinha de mais valioso. — Desviei meu olhar. Odiava, com todas as minhas forças, falar sobre aquilo.

— Sua mãe? — Ben indagou, mas se mostrou sensível aos meus sentimentos.

— Também. — Queria desconversar, mas sabia que ele não deixaria, por isso, suspirei e peguei o copo quase vazio nas minhas duas mãos. — Ela foi apenas o início, e talvez a pior parte. Mas sinto que sempre quando algo está bom em minha vida, Deus vai lá e arruma uma maneira de arrancar de mim.

— Espero não estar sendo intrometido, mas, poderia me explicar o que quer dizer com isso?

— Eu acho que não quero levar a conversa para esse lado pessoal — respondi mais ríspida do que gostaria.

— Tudo bem. — Ele levantou as duas mãos, tentando parecer descontraído. — Não quero invadir seu espaço.

— Obrigada.

— Mas... — Ele riu de si mesmo, não conseguindo manter-se calado. — Estou disposto a ajudar. Talvez você não tenha com quem

se abrir.

Confesso que aquilo mexeu um pouco comigo. Eu deixei o copo na mesa e voltei a cruzar os meus braços.

— Eu serei sua missão agora? Isso me incomoda um pouco — confessei.

— Não. — Benjamin deu uma gargalhada. — De verdade, não. Eu estou aqui como um amigo. Você aceitaria minha oferta de amizade?

Amizade. Poderia ser um começo?

— Tudo bem. Contanto que você não fique me enchendo o tempo todo com a Bíblia.

— Eu não tenho nenhuma intenção de te encher com a Bíblia, Lara. Entretanto, também não consigo deixar de compartilhar com você o que eu sinto sobre Deus, Ele faz parte da minha vida, do meu dia, do meu respirar. O pacote de amizade virá com as histórias do que Ele fez e tem feito em minha vida.

— Você não me entende! — murmurei e inclinei a cabeça para baixo, desviando do seu olhar.

— Por que não tenta? Talvez eu possa compreender algum dos seus dilemas.

Ergui minha cabeça novamente e meus olhos agora transpareciam as emoções que tanto me incomodavam. Raiva, tristeza, indignação. Porém, ele não recuou.

— Você vive sua vidinha ali na roça, com sua família perfeita. — Soltei o ar em uma bufada irônica. — Não sabe o quanto eu perdi junto com a morte de minha mãe. E, para piorar, agora fui privada de tudo o que amava, sendo obrigada a viver num lugar ao qual eu não pertenço. — Balancei a cabeça algumas vezes em negativa com os olhos fechados. — Você nunca vai entender o que é ter todas as coisas boas da vida na cidade grande e depois ser forçada a viver na roça, num fim de mundo, onde o cinema mais próximo fica há quilômetros de distância.

Benjamin ficou pensativo por um momento.

— Você já se permitiu tentar gostar dessa vida que eu levo? Essa vida simples? — ele, por fim, perguntou.

— Aonde você quer chegar com isso? — Senti todas as minhas armaduras se erguendo ao meu redor.

— Você já se deu uma chance? Para tentar olhar o lugar onde está vivendo com outros olhos que não seja de desprezo? — Sua voz era firme, mas carregada de um afeto desconhecido para mim.

Eu parei para refletir por três segundos.

— Não. Só consigo ter desprezo — soltei, deixando claro minha condição. — Eu daria minha vida para poder ter outra vida.

— Engraçado essa escolha de palavras. — Benjamin captou minhas palavras antes mesmo de eu me dar conta do que tinha dito. — "Dar sua vida para ter outra vida". Você pode fazer isso.

— Se me converter, né? — Já sabia onde ele queria chegar.

— É um bom caminho. — Seus olhos procuraram os meus até eu dar a ele minha atenção. — Você tem razão. Eu realmente não posso calcular o quão duro foi para você precisar lidar com essas perdas, sobretudo a de sua mãe. Talvez não saiba o que é ser forçado a sair de onde ama para morar contra sua vontade em outro lugar, longe de tudo, inclusive de suas memórias. Mas Deus entende.

—Deus? — interrompi seu discurso com desprezo. — Se Ele me entendesse, para começar, não teria tirado minha mãe de mim. Sabe o que é crescer sem uma mãe? — Senti meu coração acelerar e me controlei para não falar alto demais. — Essa conversa de "Deus te entende, Deus te ama", isso, definitivamente, não funciona comigo.

Para minha surpresa, ele se manteve calmo, mesmo diante de meu comportamento alterado.

— Você já tentou conhecer esse Deus de verdade?

— Você está tentando de novo me converter — conclui e revirei os olhos.

Ben sorriu.

— Estou apenas tentando falar sobre o Deus que um dia me resgatou e me adotou como filho.

Suspirei, ciente de que era melhor ser sincera. Se para ter o prazer da companhia dele eu precisaria ouvir aquela ladainha toda, era melhor me conformar com a distância.

— Olha, Ben, vou ser clara com você. Eu até acredito que Deus existe e que Ele está lá no céu, em algum lugar, preocupado com seja lá o que interessa a Ele. Mas esse papo raso de Bíblia não funciona comigo. Não quero me ajustar a uma religião que obriga a

gente a fazer os desejos e caprichos de um livro antiquado. Eu não acredito que a vontade de Deus é boa.

— Perfeita e agradável — ele completou, satisfeito.

— Experimente perder sua mãe ou seu pai, e me diz se continua achando-a agradável.

Meu tom de voz nos obrigou a permanecer em silêncio por um tempo. A antipatia crescia e substituía cada traço de admiração que eu sentia por ele. Foi Benjamin quem falou novamente.

— Você sabe onde sua mãe está? — perguntou extremamente carinhoso, o que acabou despertando minha atenção.

— Como assim?

— Você disse que ela era cristã. Então, supostamente, ela está na presença de Deus agora. E eu duvido que, se pudesse, ela desejaria voltar para esse mundo corrompido.

— Talvez voltasse para ver a filha crescer — respondi, sentindo a dor daquelas palavras me atingirem em cheio.

— Você conhece a Bíblia, Lara? Digo, além das histórias que disse conhecer? Tem uma Bíblia? — ele perguntou sem dar importância para minha resposta.

— Não tenho e não leio. Aliás, não entendo nada, se quer saber. Uma vez peguei a do meu pai e achei tudo extremamente complicado — respondi friamente.

Vi um sorriso pequeno se formar em seus lábios.

— Eu posso te fazer uma proposta? Como amigo? — Mesmo com meu desprezo explícito, ele parecia não se afetar.

— Hum? — murmurei, imaginando o que viria a seguir.

— Posso estudar com você o que sua mãe acreditava e juntos tentarmos entender um pouco sobre o Senhor e sua Palavra?

Demorei a responder e quando o fiz, perguntei:

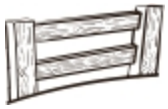
— Porque você tem interesse nisso?

— Porque não posso deixar de falar do amor redentor de Cristo, Lara.

Sentindo-me vencida e cansada daquele assunto, dei de ombros.

— Eu não posso te garantir nada, mas vou pensar no seu caso.

Mal não faria... Faria?



Era uma sexta-feira. Eu havia recorrido a uma nova estratégia, usando um mal-estar inexistente para me manter trancada no quarto, disposta a fugir novamente de Benjamin, enquanto remoía as palavras ditas por ele no shopping que, de alguma maneira, estavam assolando meus pensamentos.

Eu estava dividida. Parte de mim queria estar com ele, ouvi-lo, aceitar sua oferta de amizade — e até mais, se ele quisesse —, contudo, outra parte sentia rancor e antipatia do que ele era: um jeca religioso que tentava enfiar na minha goela abaixo o que cria.

Mesmo tendo essa *alta* consideração por Benjamin, várias vezes me peguei pensando em como seria casar com ele e precisei repreender meus pensamentos por irem tão distante. Embora me agradasse a ideia de estar em seus braços, era completamente impossível que nossa amizade avançasse para um nível romântico.

Primeiro, porque eu nunca viveria minha vida toda na roça, como supunha ser o desejo dele. Segundo, embora muito bonito, ele era um jeca caipira tosco, que não combinava nem um pouco com minha personalidade. Terceiro, porque ele era mais velho que eu e tão maduro. Nunca me aceitaria. E, por último, ele era um cristão fanático. Por todos esses motivos, eu não poderia me dar ao luxo de manter aqueles pensamentos. Entretanto, eles me assolavam de vez em quando e eu me imaginava servindo o café da manhã para ele.

— Lara, você tem uma visita — meu pai enfiou a cabeça dentro do quarto e anunciou.

— Ai, pai! Não quero ver ninguém — murmurei, sem me mover, deitada de bruços na cama.

— Vou mandar subir aqui — ele realmente não se importou com minhas queixas e se retirou depois de deixar o aviso.

— Quem é? — gritei, na esperança que ele me respondesse e eu arrumasse uma desculpa a tempo.

Mas ele não me ouviu — ou se ouviu, fingiu que não. Sentei na cama e me ajeitei. Apeguei-me a toda a minha auto piedade,

tentando inventar motivos reais para estar mal e escondida naquele quarto.

Após duas batidas de leve, a porta se abriu.

Vestido com um jeans, camiseta preta e um boné, mas sem deixar as botas de lado, Benjamin sorriu quando me viu. Eu me desconcertei toda com a presença dele dentro do meu quarto e movi minhas pernas, erguendo os joelhos para parecer mais apresentável.

— Oi — ele cumprimentou com um aceno. Vi que uma de suas mãos estava ocupada segurando um pacote de papel marrom.

— Oi, Ben. Entra, por favor.

Benjamin deu dois passos, hesitante, para dentro do quarto. Parecia sentir um pouco de desconforto por estar lá.

— Seu pai me disse que você não está muito bem essa semana. — Ele olhou para a porta aberta atrás de si, talvez esperando o retorno do meu pai.

— Verdade, estou um pouco indisposta — respondi rapidamente.

Ele me encarou e depois olhou para o pacote que tinha nas mãos.

— Eu trouxe uma coisa para você!

— Para mim? — perguntei, surpresa.

— Sim.

Ele se encontrava em pé, ainda plantado perto da porta. Eu não tinha ideia do que fazer.

— Então? — questionei, esperando-o reagir.

— Ah! — Ele compreendeu minha confusão e, com passos rápidos, se aproximou da cama, estendendo o pacote em minha direção. — Aqui está, espero que goste.

— Eu estou sem graça, nem é meu aniversário para você me dar um presente — respondi, rasgando o papel que revelou o conteúdo. — Isso é uma Bíblia? — questionei, enquanto analisava aquele livro com uma aparência diferente das que estava acostumada a ver.

— Sim, uma Bíblia de estudos de Genebra.

— Que legal. E diferente. — Avaliei as páginas, percebendo uma clara divisão entre os textos.

— Sim, tem notas e explicações dos textos no rodapé. — Ele me mostrou a diferença entre o texto original e os comentários. — Você disse que não tinha uma, pensei que, talvez, pudesse gostar.

— E tem uma dedicatória. Você quem escreveu? — Fiquei impressionada com a letra tão bonita. Não imaginava que pudesse ter sido ele mesmo.

— Claro!

— “Que a Palavra seja lâmpada para teus pés e luz para teu caminho. Benjamin!” — recitei e o encarei, surpreendendo-me com o olhar de expectativa presente em sua feição. Eu não poderia ser rude depois de um gesto tão bonito da parte dele. — Obrigada! De verdade, eu gostei.

— Vai ler?

— Sem promessas — respondi, torcendo o nariz.

Ele uniu as duas mãos e deu um passo para trás.

— Ainda está de pé meu convite para estudar com você, basta aparecer.

— Ainda estou pensando na proposta — respondi com um sorriso.

Meu pai apareceu subitamente na porta do quarto. Eu suspirei aliviada por ter sido salva de mais um sermão, estando despreparada. Papai, alheio ao novo objeto em minhas mãos, passou a tratar de algum assunto da fazenda com o vizinho. Ben se afastou da cama e eu passei a folhear as páginas do livro, fingindo interesse nelas. Como esperava, papai levou o rapaz dali, após ele se despedir devidamente.

Percebi, após a saída deles, que alguns versículos estavam marcados, propositalmente, chamando minha atenção. Curiosa, li o primeiro versículo: “Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus? Porventura, pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim?”.[2]

Fechei a Bíblia num só impulso, as mãos trêmulas e a raiva me consumindo.

Não!

Eu não queria aquilo! Eu não queria conhecer aquele Deus! Eu não acreditava que Ele era bom como diziam. Não seria como as

pessoas que acabam se deixando enganar por toda aquela história para boi dormir.

Entretanto, eu estava ficando cada vez mais confusa e não sabia o porquê daqueles sentimentos tão conflitantes.

Certamente, o melhor a fazer era fugir daqueles sentimentos que me atormentavam. E do homem que os provocava em mim.



Capítulo 7

A chuva caía sobre o telhado de casa com menos intensidade naquela tarde, depois de dois dias seguidos sem dar trégua para a região. O solo estava encharcado e o trabalho no campo, limitado, devido ao mal tempo, segundo papai havia comentado durante o almoço. Sendo assim, concluí que Benjamin já estava em casa, possivelmente descansando, sem imaginar a luta travada em minha mente durante todo o dia.

Ir ou não ir até lá? Aceitar ou não sua oferta de amizade, se junto dela havia a condição de ouvir sobre toda aquela baboseira de religião?

Não conseguia parar de pensar nas palavras dele, e não há como deixar de mencionar o quanto aquele caipira jeca estava fazendo um estrago na minha mente. Sendo assim, munida da Bíblia que ele me deu, tomei coragem e atravessei a cerca de divisa entre as duas propriedades, escapando como dava da lama e das poças d'água.

Ana se encontrava na varanda, o fogão a lenha estava aceso, denunciando, junto com o cheiro que emanava no ar, que algum quitute estava sendo preparado pelas mãos talentosas da mulher. Quando me viu, abriu um largo sorriso, incentivando-me a entrar logo para sair da chuva.

— Lara, querida, que bom vê-la — ela disse, auxiliando na retirada da minha capa de chuva, que foi pendurada em seguida.

Olhei para ela, pensando em como revelaria minha motivação para estar ali, enquanto apertava a Bíblia sobre meu peito com certa

força.

— Veio ver a Gabi? — Ana indagou, percebendo meu silêncio.

— Ah, não... Quero dizer...

Fui salva pela aparição daquele a quem eu desejava tanto ver, acompanhado da irmã, atravessando a porta de casa. Evitei o rapaz, cumprimentando primeiro Gabriela, para só então conseguir encará-lo. Entretanto, não estava preparada para uma recepção familiar daquele jeito e me senti uma tola de repente, me humilhando em busca de um pouco de atenção.

Porém, não tinha mais saída. Não tinha como voltar atrás ou justificar o livro que eu segurava, principalmente quando o olhar curioso de Benjamin esperava alguma reação da minha parte.

— Estou com dúvida sobre alguns trechos e queria saber se poderia me ajudar a entender melhor.

Embora eu dirigisse as palavras para ele, foi a reação de Gabi que me surpreendeu primeiro. Os olhos dela brilharam de repente e fui premiada com o sorriso mais sincero que já tinha visto no rosto de minha amiga até então. Sem esperar a resposta do irmão, ela me puxou para a mesa, me mandou sentar e esperar enquanto eles buscavam suas Bíblias. Ana aproveitou para perguntar sobre minha família e comentar sobre o clima, afastando-se para a cozinha apenas quando os filhos retornaram.

Benjamin assumiu o lugar do meu lado à mesa. Para minha surpresa, colocou a mão em meu ombro de forma carinhosa e sorriu. Porém, era estranho notar que seu comportamento era muito diferente dos rapazes por quem normalmente eu me interessava, ele parecia me tratar com um pouco de reserva, o que me deixava levemente decepcionada.

— Estou muito feliz por estar aqui. — Ele retirou a mão e repousou sobre a Bíblia dele — Pelo visto, tem usado seu presente.

Sentindo o golpe das palavras gentis atingirem um coração apaixonado, eu sorri discretamente.

— Eu andei lendo, principalmente os que você marcou. — Mordi os lábios e olhei para Gabi, antes de voltar a ele novamente. — Confesso que não entendi muita coisa. Sei lá, tem algumas palavras difíceis, não fluiu, sabe? Bem, não é como ler um romance, que estou mais acostumada.

Gabi deu uma risadinha contida, mas não me ofendi com a reação dela, principalmente porque os dois demonstravam compreensão.

— É normal isso acontecer, Lara — ela disse. — Você não é a primeira nem a única que tem dificuldade para entender as Escrituras. Acho que todo mundo costuma ter dificuldade a princípio, mas com o tempo e com a graça de Deus vamos compreendendo, basta ter perseverança.

Benjamin concordou com um leve aceno de cabeça.

— E eu me dispus a ajudá-la. No que puder, estarei à disposição para auxiliar. — Ele sorriu de novo e demonstrou uma estranha satisfação por fazer aquilo. — E vamos orar para que o Espírito Santo abra seu entendimento para compreender de verdade o que o Senhor nos fala pela Sua Palavra.

Benjamin conduziu uma breve oração. Relutante, fechei os olhos e disse um "amém" quase inaudível quando ele terminou. Não gostava dessa parte. Conversar com Deus, para mim, era como compactuar com o que Ele havia feito em minha vida e, definitivamente, eu não estava em bons termos com o responsável por tantas coisas ruins que aconteceram comigo.

Eu não tive nem mesmo tempo de falar nada. Os dois abriram suas Bíblias — e eu confesso que estranhei vê-las com tantas marcas de uso. A de Gabi tinha algumas folhas soltas, ameaçando despencar de lá, e a de Ben possuía muitas anotações nas margens.

— Bom, acho melhor a gente começar do começo — ele disse abrindo a Bíblia logo nas primeiras páginas, apresentando-me o primeiro livro das Escrituras, Gênesis. — Esse é o lugar onde conta como tudo começou.

Surpresa com aquela iniciativa, fiz o mesmo e abri a minha. Eu conhecia um pouco das histórias de alguns personagens da Bíblia, sabia bastante sobre a vida de Jesus, os milagres e conhecia algumas parábolas, como do filho pródigo e do bom samaritano. Minha mãe, na infância, me estimulava com filmes e historinhas bíblicas. Mas, sinceramente, embora eu soubesse quem era Davi, que Daniel não tinha sido comido pelos leões, que a arca de Noé tinha flutuado com animais e que o pastor tinha ido atrás de uma de suas cem ovelhas, eu não compreendia o contexto de nada daquilo,

tampouco sabia reconhecer onde, nas Escrituras, se encontravam aqueles textos.

— Na verdade, primeiro quero frisar que a Bíblia é a Palavra de Deus. Em Segundo Timóteo, capítulo 3, versículo 16, diz que "Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça". Isso significa que tudo aqui — Benjamin tocou no livro aberto — foi inspirado por Deus, é a verdade e apresenta o que precisamos saber sobre a redenção em Cristo. Por isso é tão importante ler, conhecer, estudar e aprender o que está aqui, porque é o nosso Senhor se revelando a nós.

Impressionada demais com a segurança dele em falar aquilo, apenas assenti. E então, ele começou a discorrer sobre a criação do mundo, do homem, de como fomos feitos à imagem e semelhança de Deus e sobre o que ele denominou como "queda", quando Adão e Eva, desobedecendo uma ordem direta do Senhor, pecaram pela primeira vez e o pecado entrou no mundo, condenando toda a humanidade a qual ele representava à morte.

— Por isso está escrito aqui em Romanos 3. — Benjamin continuou abrindo em um dos versículos marcados com agilidade. — "Como está escrito: Não há um justo, nem um sequer. Não há ninguém que entenda; Não há ninguém que busque a Deus. Todos se extraviaram, e juntamente se fizeram inúteis. Não há quem faça o bem, não há nem um só.". Todos pecaram, todos!

— Nós nascemos em pecado — Gabi completou. — No Salmo 51, Davi cita que em "iniquidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe". Ou seja, todos estaríamos condenados se o Senhor não tivesse proporcionado a redenção em Jesus.

— Exatamente — Ben concordou e olhou dentro dos meus olhos. — Por isso, precisamos de Cristo, de um Salvador, de quem pague o preço pela culpa. O Senhor mesmo providenciou, para seus eleitos, o pagamento da dívida. Consegue entender isso? — indagou com expectativas.

— Acho que sim — concordei um pouco insegura.

A verdade é que, de alguma maneira, embora eu compreendesse o que eles explicavam, não conseguia aceitar o que ouvia. Era como se houvesse uma barreira impedindo as palavras

entrarem em meu coração frio, duro e fechado. Eu relutava, com todas as minhas forças, a aceitar o tal amor de Deus que eles me apresentaram logo depois. Afinal, eu não era tão má assim, me comportava relativamente bem em vista às outras pessoas e mesmo assim o Senhor havia me castigado com uma história de vida digna para um assassino da pior espécie.

Mas, apesar disso, a maneira afetuosa como eles falavam me convenceram a prosseguir ouvindo. Surpreendida demais em como Benjamin conhecia tão bem a Bíblia e como parecia ter amor ao me mostrar seus conhecimentos, eu me senti disposta a aprender e era capaz de ficar horas e horas apenas admirando-o tão concentrado e preocupado comigo.

Após duas horas de conversa, Ana nos convidou a dar uma pausa para o lanche e instruiu que continuássemos o estudo no dia seguinte. A atmosfera não mudou com a adição dela e de João, que apareceu a tempo de desfrutar da refeição conosco. Aquela família era diferente de tudo o que eu conhecia. Eles tinham uma fé que parecia tangível, como se fossemos capazes de vê-la em seus atos, em suas palavras. E, para piorar, Ben demonstrou estar bastante animado em continuar me ensinando mais sobre Deus e sua obra, me deixando ainda mais encantada quando meu olhar encontrava com o dele, quase desnorteada.

Bem, se eu queria continuar tendo toda a atenção dele dispensada a mim e me sentir tão amada e querida, eu estava disposta a ouvir qualquer coisa que ele me dissesse, por quanto tempo ele desejasse.



Capítulo 8

“Ele enxugará de seus olhos toda lágrima; e não haverá mais morte, nem haverá mais pranto, nem lamento, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas” Apocalipse 21:4

Li e reli esse versículo dezenas de vezes. Benjamin havia passado como dever de casa que eu meditasse nas palavras escritas no fim da Bíblia, em busca de algumas respostas cujas dúvidas me atormentavam, conforme confessei a ele.

O primeiro estudo deu espaço para outros, ora com os dois, ora apenas com um dos irmãos, sempre terminando com um delicioso café da tia Ana, com quem eu já havia adquirido liberdade e estreitado os laços de amizade. Aliás, toda a família se tornava cada vez mais importante para mim, sobretudo Benjamin, o responsável por fazer minha visão mudar sutilmente em relação à religião.

Sim, confesso que no início meu interesse estava mais em receber atenção do que compreender aquilo que eles criam. E, sim, também confesso que com a proximidade e vendo toda a dedicação de Benjamin, meu coração batia cada vez mais apaixonado quando o via, meu ar faltava quando ele sorria e eu quase desmanchava quando ele brincava comigo. Mas, preciso admitir, aos poucos eu fui compreendendo os ensinamentos profundos tão bem expostos durante os nossos estudos. Ele não se limitava em dizer apenas que Jesus me amava e eu precisava só crer Nele e tudo daria certo para mim. Não! Benjamin não media esforços para apresentar sobre a queda e corrupção do homem, como ele dizia, e a necessidade desesperada por um Salvador para quitar a dívida do meu pecado.

E isso estava me incomodando cada dia mais. Era muito mais fácil ignorar aquele Deus quando eu não conhecia nada sobre Ele. Era muito mais fácil quando eu olhava apenas para os crentes que tinham uma vida que não condiziam com o que afirmavam crer, do que após conhecer uma família tão especial como aquela, cuja boca toda hora expunha algo sobre o amor deles pelo Senhor.

Voltando ao versículo, foi Ben quem sugeriu que eu gastasse algum tempo pensando nele, após eu abrir meu coração na noite anterior a ele quando Gabi se retirou para ajudar a mãe com a refeição que viria a seguir. Ele tinha conseguido ganhar minha confiança e fui sincera ao relatar meus temores e a dor por causa da prematura perda de minha mãe e o quanto isso era difícil para mim ao associar ao Deus que ela cria. Após me ouvir, ele se demonstrou compreensível e fui pega de surpresa com a sugestão de um passeio a três, no dia seguinte, anotando em um papel a referência de onde eu encontraria a passagem sugerida para meditação.

Eram 7 horas em ponto quando desci as escadas, vestida com um jeans e uma camiseta apropriada dessa vez, não muito distante da minha nova realidade do campo. Minha família, acostumada a madrugar, já estava à mesa para desfrutar do café da manhã e eu pude notar a presença de uma quarta pessoa adicionada ao momento. Daniela, a enfermeira que tinha socorrido e auxiliado meu pai, fazia companhia aos demais, apreciando o café quente da vovó antes de se sentar com meu pai para estudar as escrituras. Semelhante ao que acontecia comigo, papai também estava tendo companhia em seus estudos.

— Lara! — Ouvi o grito vindo do lado de fora e reconheci na hora a quem pertencia a voz que conseguiu me fazer prender o ar por alguns instantes.

Gritei para a família que estava partindo e recebi em troca incentivos e desejos de um bom passeio antes de me retirar.

O dia estava ensolarado e poucas nuvens cobriam o céu. Reconheci a figura masculina montada em seu cavalo, segurando firmemente as rédeas de outro animal, logo atrás dele.

— Hoje está um ótimo dia para um passeio a cavalo! — ele declarou sorrindo e apontou para uma cesta presa atrás de si. — E mamãe preparou o nosso café.

— Se você pensa que eu vou montar em um cavalo, Benjamin, está muito enganado — protestei cruzando meus dois braços em frente ao peito.

Ele não disse nada. Desceu de seu animal, e seu encantador sorriso me forçou a me aproximar, desfazendo minha pose rebelde e me rendendo a tudo que ele propusesse.

— Trouxe uma coisa para você. — Ele tirou de cima do cavalo reserva um chapéu e colocou na minha cabeça. — Agora sim, está pronta, Miúda. No seu melhor estilo caipira.

Eu desatei a rir, arrumando o acessório sobre meus cabelos. Eu só tinha andado em cima de um cavalo quando era criança e tinha sérias dúvidas se aquilo daria certo.

— Gabi está nos esperando na porteira — ele informou, me guiando até a lateral do cavalo. — E se demorarmos muito, o chocolate quente vai esfriar.

Atrasamos algum tempo, já que Ben precisou dar instruções sobre como montar e guiar o cavalo, embora tivesse me garantido muitas vezes que escolheu o animal mais manso que ele conhecia. Ouvi com atenção e querendo fazer bonito, não hesitei e montei, abrindo um sorriso vitorioso quando estava em cima da sela.

— Você foi muito bem! — elogiou, ajudando os meus pés a encontrarem o estribo.

— Estou me sentindo uma amazona! — comemorei meu avanço, sentindo a felicidade tomar conta de mim. — Mas, é sério, Ben, e se eu não conseguir parar esse cavalo? Já imaginou a cena se ele sair em disparada comigo?

Ben se divertiu com minha gracinha e deu alguns tapas no pescoço do animal.

— Não se preocupe — seus olhos me passaram uma segurança absurda —, o velho Arnold é de confiança, nunca faria mal a uma Lady.

Revirei os olhos, mas ri com ele.

Nós partimos e, para minha alegria, o cavalo era realmente muito tranquilo, seguia Ben sem eu precisar guiar. Encontramos Gabi levemente entediada nos aguardando, mas logo a alegria tomou conta e seguimos no caminho do pequeno riacho, localizado nas terras do Seu Manuel. No trajeto, notei como meus modos estavam

agradando os dois e me senti orgulhosa por causar, enfim, uma boa impressão.

Andamos cerca de meia hora até chegar ao nosso destino e eu me diverti muito, por incrível que pudesse parecer. Depois de ultrapassar a cerca de madeira e Ben cumprimentar ao menos meia dúzia de trabalhadores no local, seguimos pelo pasto até uma área aberta, com o riacho correndo ao fundo. Ele desceu do seu cavalo, amarrou as rédeas em uma árvore que produzia uma refrescante sombra e se aproximou de mim enquanto Gabi também desmontava de seu animal.

— Quer ajuda para descer? — ofereceu esticando uma das mãos.

— Acho que consigo me virar sozinha. — Respirei fundo, passei as pernas para um lado e saltei sem esconder a emoção.

— Você está quase virando uma jeca! — brincou.

— Você é um bobo. Meu Deus, que lugar lindo! – exclamei, assim que consegui olhar à minha volta.

Gabi se aproximou e nós duas assumimos a responsabilidade de montar o piquenique debaixo de uma árvore próxima às águas enquanto Benjamin amarrava os animais para pastar. Em pouco tempo, nós três estávamos desfrutando de uma conversa amigável e dos deliciosos quitutes de Ana.

— Mamãe sempre exagera — Gabi disse quando estávamos satisfeitos. — Aqui tem comida para ao menos dez pessoas.

Nós concordamos com ela e continuamos nossa conversa, até que, em determinado momento, uma senhora acenou de longe para nós.

— Ah! — Gabi exclamou entusiasmada. — É a dona Gracinha. Vocês se importam se eu for lá conversar com ela por um momento?

Benjamin assentiu e vimos a menina se afastar, até abraçar a mulher, que parecia muito contente em vê-la.

— Gabi era frequentadora assídua da casa da família. Ela tem um vínculo forte com eles — Ben explicou.

Assenti e encarei Ben, rapidamente sentindo um pouco de nervosismo momentâneo. Resolvi quebrar o silêncio arriscando demonstrar um pouco de afeto.

— Eu estou feliz por estar aqui com vocês. Obrigada pelo convite.

— Espero que continue com sua boa opinião ao meu respeito depois da nossa conversa. — Sem desviar os olhos, indagou. — Você fez o dever de casa?

Desviei meus olhos e uni minhas mãos.

— Sim, eu li. Muitas vezes, inclusive.

— E?

— Eu entendi o que você queria dizer. Minha mãe está lá, não é? Neste lugar. Sabe, Ben, eu acredito em tudo que você diz e sei que é verdade, mas eu não consigo. — Neguei com a cabeça, me sentindo triste por saber o quanto o decepcionaria. — Não posso simplesmente aceitar tudo o que Deus fez ou as mudanças exigidas se eu desse um passo em direção ao que você tem ensinado. Não posso confiar minha vida a Ele, não estaria sendo verdadeira. Eu não acho, sinceramente, que Ele saiba o que é o melhor. Eu não quero fazer isso...

Benjamin assentiu com a cabeça. Depois de um tempo, respondeu.

— A questão não é o que você quer, Lara. — Benjamin refletiu um pouco e resolveu focar sobre a minha falta de confiança em Deus. — Ele é Deus, sabe do futuro. Como não saberia o que é melhor?

Senti a raiva crescer novamente dentro de mim.

— Ele errou ao tirar minha mãe de mim. Pode até ser que ela esteja melhor agora, mas eu não estou. Não estou nada bem sem ela! — Umedeci os lábios sentindo a respiração acelerar. — Não é fácil, se quer saber. Dizem que precisamos superar, mas como? Sem ela aqui, nada está certo. Sei que sou egoísta nesse ponto. Eu acredito que minha mãe está lá, onde ela queria estar. Mas não sei se eu quero encarar esse Deus que destruiu minha vida!

Tentei descobrir, nos olhos dele, o que a minha sentença havia provocado, mas foi em vão. Ele continuou com o mesmo olhar e por isso senti ainda mais raiva. Não sei se eu esperava que ele me repreendesse ou concordasse com o que coloquei, mas certamente não esperava aquele olhar cheio de compaixão, como se ele compreendesse meus sentimentos.

— Eu não vou desistir de ensinar a verdade a você, se é o que pensa. — Sua voz interrompeu meus pensamentos. — Vou tentar expor a verdade e continuarei orando por você. Sei que se é o desejo Dele, a Palavra irá transformar você, Lara, mesmo com todas as suas dúvidas e dores, porque o amor Dele é grande e capaz de curar suas feridas e transpassar as barreiras que você ergueu.

— Você ora por mim? — Fiquei chocada com aquela revelação.

— Claro! — respondeu, surpreendido com minha surpresa.

— Eu não imaginava.

— Um dia, eu espero, sinceramente, que toda oração de seus pais e das pessoas que se importam com você sejam respondidas.

Ficamos em silêncio novamente. Querendo ou não, ele havia declarado que fazia parte das pessoas que se importavam comigo, e aquela revelação fez meus sentimentos embolarem minhas emoções. Naquele momento, eu tive certeza que estava completamente apaixonada por aquele caipira.

— O dia em que Deus me mostrar o porquê Dele ter levado a minha mãe, qual o propósito Dele com isso, eu me entrego.

Ele deu uma risadinha, me levando a crer que havia dito alguma bobagem.

— Quando Ele te chamar, Lara, você não terá escolha. – A expressão do seu rosto se abriu de repente. — Sabe, em nossa vida, tudo que acontece está debaixo da vontade e soberania das mãos de Deus. E tudo o que Ele faz é para a Glória Dele. Às vezes, não entendemos mesmo o porquê de certas coisas que, aparentemente, são terríveis, mas elas não são sem sentido. Ele está fazendo algo. É claro que você não pode ver o que está sendo feito, mas não devemos olhar para o que é visível. Devemos crer que mesmo nas coisas mais terríveis, Ele está no controle.

Embora ele procurasse me motivar com aquelas palavras, eu me fechei. Não queria mais falar sobre aquilo. Especificamente, eu não queria ouvir sobre a vontade de Deus nem sobre o que Ele fazia. Eu estava totalmente relutante quanto a isso.

— Você é um crente muito chato, se quer saber — disse, tentando ser divertida para terminar aquela conversa — Além de um caipira inocente. Posso te perguntar uma coisa?

— Depende — respondeu com um meio sorriso.

— Porque você gosta de estar aqui? Por que, especificamente, esse lugar? Acho você incrível e fico me perguntando se nunca pensou o que pode estar te esperando por aí, além de vacas, esterco e plantações. Parece que está desperdiçando sua vida nesse fim de mundo.

Benjamin sorriu enquanto eu falava. Em seguida, abaixou a cabeça, levantando-a novamente com uma expressão de quem não queria revelar demais.

— Eu estou aqui porque Ele me quer aqui hoje. Talvez, um dia, eu saia e encontre o que está me esperando lá fora, mas eu não tenho certeza disso. Eu não me interesso pelo futuro, Lara, e sim pelo presente. Não quero estragar meus olhos espirituais tentando adivinhar o que virá depois. Estou preocupado em me dedicar a Deus agora, e é aqui que eu estou nesse momento. E, confesso, sou feliz limpando esterco, tirando leite da vaca e abrindo buracos, porque faço isso para a Glória Dele. Não quer dizer que é fácil, mas eu creio, e tenho esperança no futuro, no que é eterno. Ele nunca prometeu que seria fácil.

— Você não sabe o que está perdendo ficando por aqui! Deveria fazer uma faculdade, até mesmo de veterinária ou agronomia, se gosta tanto dessa área. Eu não entendo como você não pode querer outra vida. — Apontei para a Bíblia e conclui. — Está vendo, esse é um dos motivos de eu relutar tanto em me tornar uma cristã fanática.

O olhar de Ben me fez concluir que eu tinha falado algo errado e me amaldiçoei por expor demais meus pensamentos. Foi ele quem mudou o rumo da conversa até que Gabi retornou e nós permanecemos mais um tempo ali, desfrutando da companhia um do outro. O clima ficou leve de novo e a tensão já tinha ido embora quando nós retornamos para casa.

Gabi deixou que Ben me conduzisse até a entrada de casa sozinho, adiantando-se até a fazenda deles, após se despedir com muito carinho.

Quando chegamos ao nosso destino final, tomei coragem e resolvi que era hora de dar um passo importante e revelar a ele

meus sentimentos, já que tinha plena certeza do quanto gostava dele e não me oporia em entregar a ele meu primeiro beijo.

Quando ele desceu do cavalo, fiz o mesmo e me aproximei discretamente. Olhei ao redor para ter certeza de que não havia ninguém por perto e quando ele sorriu, concluí que ele sentia ao menos um carinho especial por mim.

E eu precisava contar que era recíproco.

— Ben, eu adorei o nosso passeio. — Ele, que anteriormente estava distraído pegando a rédea do cavalo, me deu atenção. — Eu me sinto muito bem quando estou com você. Eu sinto algo diferente entre nós.

— Lara – ele me interrompeu bruscamente, os olhos levemente arregalados. Umedeceu os lábios parecendo desconfortável com o que ia dizer —, eu tenho dois versículos para você meditar essa semana. Quero que você leia com atenção, tudo bem?

— Tá. – Eu havia entendido o recado e me senti envergonhada de repente.

— Certo. — Ele deu um longo suspiro antes de me falar. — Jeremias 17:9 e Cantares 8:4. — Sem esperar eu reagir, montou no cavalo e saiu rapidamente. — Vejo você depois.

Corri para meu quarto repetindo as passagens na minha mente para não as esquecer. Esperançosa de ter entendido errado a cortada dele e esperando que aqueles versículos me dissessem algo, abri minha Bíblia e li, sentindo o gosto amargo daquelas palavras.

“Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?” Jr 17:9

“Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém, que não acordeis, nem desperteis o amor, até que este o queira.” Ct 8:4



Quando Benjamin chegou em casa, logo depois de me deixar às pressas, encontrou Gabi na varanda com um sorrisinho no rosto,

querendo descobrir se suas suspeitas estavam corretas. Porém, o irmão estava muito concentrado em seus problemas para perceber a presença dela e foi direto para seu quarto. Precisava pensar em uma saída para aquela situação.

Gabi o seguiu, entrou no quarto sem bater e o encontrou sentado na cama com o olhar distante. Ela não sabia, mas ele orava a Deus buscando sabedoria para não cair em uma armadilha perigosa.

— Ei, faça o favor de me contar o que existe entre vocês dois — Gabi pediu, sentando ao lado dele.

— Você está louca, Gabi? — Benjamin a repreendeu. — Não existe nada entre nós.

— Eu sei. — Ela riu. — Mas está nítido que ela tem um interesse especial em você. E a Lara é uma menina muito bonita por quem eu nutro um carinho muito especial.

— Gabi, pare agora mesmo! — Ben se levantou, nervoso. — Não coloque minhocas onde não tem.

— Ah, Ben! Por que você não ora a esse respeito? Talvez Deus tenha algo mais aí.

— Eu não preciso orar a esse respeito, Gabi. — Ele apontou para a Bíblia ao lado. — A resposta está aí.

— E qual é? — Gabi perguntou, apreensiva.

— Ela não é cristã!

Vendo os olhos arregalados da irmã e sentindo-se oprimido, ele se levantou disposto a sair dali depressa.

— E pare de criar algo onde não há nada. Vocês, mulheres, têm a tendência de enxergar qualquer afeto como interesse romântico! — disse e saiu, deixando a irmã perplexa com a verdadeira colocação dele.



Capítulo 9

Se eu pudesse arrancar alguma coisa da Bíblia, com toda certeza seria os dois versículos que Benjamin me deu para meditar, o que, obviamente, eu não fiz, quando compreendi o fora que eu levei dele. Eu nem cheguei a dizer o quanto o admirava, e aquela admiração fez a curva, transformando-se em uma ira contida provocada por um orgulho ferido ao ser dispensada mais uma vez.

Caipira crente tosco!

É isso que dá levar a Bíblia ao pé da letra! Sua alegria é minada e qualquer traço de felicidade é arrancado por aquele Deus que diziam se importar com nossa alma. Se Ele se importava, era apenas em não me deixar ser feliz!

Como resposta, decidi ignorar Benjamin e tudo que o envolvia. Sendo assim, parei de frequentar a fazenda ao lado e praticamente não saia mais do meu quarto, me refugiando em livros, séries e pesquisas constantes sobre como fazer um bem sucedido intercâmbio. Sentindo-me uma verdadeira tola, enfiei a Bíblia no fundo de uma das gavetas e decidi nunca mais perder meu tempo com aquelas bobagens ou com pessoas que não se importavam de verdade comigo.

Faltavam menos de seis meses para o fim do trato com meu pai e, depois disso, eu poderia sair em busca dos meus sonhos, longe de qualquer pessoa que conhecia, pronta para desbravar novos lugares, conhecer gente diferente e fazer algo para mim.

Mas como tudo pode sempre ser pior do que imaginamos, fui pega novamente de surpresa com mais uma revelação que viria para

estragar um pouco mais meus planos de perfeita felicidade.

Era um sábado. Desci as escadas a tempo de presenciar uma cena, no mínimo, curiosa. Minha família estava reunida na sala de estar, e Daniela se encontrava, novamente, no meio de todos. Quando entrei, houve um silêncio suspeito e meus avós, outrora sorrindo, saíram da sala com uma desculpa qualquer. Daniela me cumprimentou, gentil como sempre, e eu respondi de igual modo, querendo sair logo do ambiente e me refugiar novamente longe de todos.

— Lara, minha filha, preciso conversar com você — papai disse, interrompendo meu andar e frustrando minha escapulida. — Poderia, por favor, ficar?

Sem opção, resolvi atender seu pedido. Daniela se levantou.

— Vou partir também. Já está na minha hora — ela disse e lançou um olhar significativo para meu pai, que de sério mudou o semblante para um sorriso carinhoso.

— Nos falamos mais tarde — ele respondeu e se ergueu, tomando a mão de Daniela e apertando levemente, num gesto bastante amável da parte dele.

As fichas estavam caindo, e a mulher mal havia se retirado quando eu compreendi o significado daquele ato.

— Você e a Daniela estão tendo um caso? — indaguei, um pouco exasperada por não ter notado antes.

— Caso? — Papai arregalou os olhos e negou com a cabeça. — Claro que não, Lara. Sou um homem de respeito para ter caso com uma mulher! E ela é uma pessoa incrível, não deveria pensar isso de nós.

Papai voltou a se sentar e, pela postura, compreendi que a conversa seria longa. Escolhi o sofá de frente a ele e juntei os pés em cima, abraçando meus joelhos, esperando ele dizer logo o que estava acontecendo.

— Confesso que não sei como te contar isso. Mas vou direto ao ponto. — Ele se inclinou levemente e uniu as mãos, esfregando uma na outra. — Desde o acidente, eu e Daniela nos aproximamos bastante. Nossa amizade cresceu, passamos a conversar mais sobre o que cremos e, de repente, notei o quanto ela é uma mulher especial, que ama o Senhor de verdade.

Até então não era uma novidade para mim. Continuei quieta, encarando-o, até que me olhou rapidamente antes de continuar.

— Percebendo meus sentimentos, eu orei por um bom tempo, pensei bastante sobre minha vida, sobre o que quero para o futuro. Sei que não sou um homem jovem, mas a Daniela também não é mais uma menina. — Papai parecia um pouco perdido em suas explicações. Ele suspirou. — Então eu a pedi em casamento ontem e ela aceitou.

— O que? —perguntei, exasperada. — Você o que?

— Eu pedi a Daniela em casamento e, surpreendentemente, ela também sente o mesmo por mim e aceitou minha proposta.

— Espera, pai! Casamento? Entendo que você pode estar querendo viver um romance e até aí tudo bem. Mas casamento, assim, de uma vez? — Franzi as sobrancelhas e soltei os joelhos. — Você quis dizer que pediu ela em namoro, não?

— Namoro, Lara? — Papai negou com a cabeça. — Eu não tenho idade para perder tempo com namorico e sei bem o que quero. Quero uma esposa, não um passatempo.

Pressionei os lábios sentindo o teor daquelas palavras agindo dentro de mim. Ele queria uma esposa! Como eu não percebi que eu só não era suficiente?

— Eu sei que isso pode soar estranho para você e compreendo seu sentimento. Eu mesmo nunca imaginei que um dia isso aconteceria comigo novamente, principalmente porque sua mãe... — A voz dele embargou e ele fez uma pausa. — Sua mãe é insubstituível. Eu a amei e sempre a amarei, ninguém pode mudar isso e não espero que a Dani substitua o papel dela na sua vida. Espero que entenda isso. Mas também, vi uma possibilidade de ser feliz com uma pessoa de novo e sei que sua mãe aprovaria. Ela me pediu, antes de morrer, para seguir com nossa vida.

Meu coração disparou e senti o nó se formar na garganta. Eu e papai quase nunca falávamos da mamãe nos termos ruins, da perda. Sempre quando nos referíamos a ela, falávamos dos bons momentos que passamos juntos. E, de repente, o assunto estava ali no nosso meio.

— A Daniela sabe? Que você amava a mamãe? — indaguei, sentindo os olhos marejarem.

— Sim, Lara, eu não escondi dela e fui sincero ao dizer o quão importante a Sara foi na minha vida e que eu não estava disposto a fingir que ela não existiu. Simplesmente, não posso anular essa parte tão fundamental e linda da minha vida. — Papai se emocionou de repente e seus olhos brilharam. — E a Daniela é tão incrível, tão compreensiva! Nós, inclusive, já conversamos muito sobre o meu casamento. Ela não se importa com o meu passado.

Puxei bastante ar, tentando controlar minhas emoções. Eu gostava da Daniela, até então ela se mostrava uma boa mulher e não duvido que meu pai estivesse sendo sincero ao contar sobre o valor dela. Meu problema não era com ela. E eu não queria estragar a felicidade de meu pai, nem a dela também, só porque a minha vida era um abismo profundo.

— Eu só queria a mamãe aqui — murmurei, por fim, deixando as lágrimas escorrerem livremente. — Eu não queria ter que passar por isso tudo. Se ela estivesse aqui... Se ela estivesse...

Não consegui terminar a frase, porque poderia enumerar muitas coisas diferentes na minha vida se ela ainda estivesse viva. Tampei a boca e chorei. Papai se levantou e sentou do meu lado, me tomando em seus braços e afagando meus cabelos.

— Eu também queria, meu amor.

— Eu tenho medo, pai. Medo que esse relacionamento rompa o último elo existente com a mamãe, que é através de você e suas lembranças, de nossas conversas. Temo que você fique feliz com a Daniela e esqueça minha mãe.

— Não, meu bem, isso é impossível. Não vou esquecer — ele respondeu, me apertando ainda mais.

— Eu a queria aqui, me apoiando, me ajudando em minhas escolhas. Queria ela me ensinando sobre os garotos e sobre coisas de mulher — desabafei afogando-me no peito dele. — Queria que ela estivesse comigo, dizendo que tudo ficará bem.

De repente, me dei conta de que com aquela nova situação, eu estava perdendo também o meu pai. Qualquer esperança de partir na companhia dele, para vivermos na cidade novamente ou para um recomeço em um lugar que fosse do meu agrado estava terminando ali, com aquele novo relacionamento. Se eu desejava

uma vida diferente, seria apenas eu, sozinha, porque nem mesmo o tal Deus estava comigo.

— Oh, filha. De alguma maneira ela está fazendo algo por você. Não houve um dia sequer, depois que ela conheceu a Cristo, que ela não orou e pediu a Deus por você e seu futuro. Ela pedia que o Senhor cuidasse e guiasse seus caminhos, orava até mesmo pelo seu casamento, mesmo você sendo uma menina. As orações dela não foram em vão, minha filha e, de certa forma, isso significa que ela está fazendo algo por você e eu espero que Deus ouça cada uma dessas orações e cuide de sua alma.

— Não me fale de Deus! — gritei, sentindo raiva de repente e me afastei bruscamente. — Eu não quero ouvir nada sobre isso!

Papai se surpreendeu com minha reação e eu me levantei. Passei a andar pela sala tentando acalmar minhas emoções. Quando consegui que elas ficassem um pouco menos intensas, voltei-me a ele.

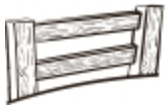
— Olha, eu não quero impedir você de ser feliz, pai. Eu compreendo que deseja continuar sua vida, ter uma mulher com quem se identifique, mesmo sendo muito estranho pensar nisso. O problema é que você não percebe que eu estou infeliz! Eu não gosto dessa vida, não há nada aqui que me prenda, que me dê satisfação. Eu não vejo um futuro nesse lugar e sinto que você está me impedindo de ser feliz também! — Eu o encarei e fechei os olhos por alguns segundos. — Eu preciso mesmo ir embora desse fim de mundo, seguir a minha vida e ir atrás de algo, porque não suporto mais nada.

— Filha, nós já conversamos. — Ele entrou na defensiva. — As coisas não funcionam assim. Você vai para onde? Precisa de ao menos um plano.

— Eu não sei! — gritei em meio a lágrimas insistente. — Eu não sei! Eu só preciso sair daqui e depressa, ou vou ficar louca! Você não entende? — Vendo o olhar dele tão perdido como eu me encontrava, voltei e me deitei no colo dele. — Eu preciso sair daqui, pai, por favor.

Ouvi o longo suspiro dele e suas mãos acariciando minhas costas.

— Eu vou orar sobre isso — respondeu, por fim.



Uma semana depois, eu me encontrava ainda bastante deprimida, porém, feliz por ver meu pai e Daniela se dando tão bem. Era nítido para qualquer um que eles formavam um casal bonito, e ela parecia mesmo compreensiva. O mais engraçado era perceber que, diferente de mim com minhas paixonites, Daniela parecia ter um amor sadio pelo noivo. Tudo bem, ela tinha o dobro da minha idade, mas mesmo assim, parecia estar muito centrada e os sentimentos pareciam maduros demais para eu entender.

E isso me deixava ainda mais para baixo, pensando na minha falta de sorte.

Continuei dentro da minha bolha, quieta em meu refugio secreto, dentro do quarto. Descia apenas para as refeições e mal tinha ânimo de sair da cama. Gabi foi me ver algumas vezes, porém, minha apatia deixou claro que eu precisava de espaço. Eu me sentia mal por tratar ela daquela maneira, mas estava desesperada demais para me esforçar para ser simpática quando ela me lembrava do jeca tosco e as reuniões de Bíblia abandonadas. E Benjamin não havia me procurado nenhuma vez sequer. O que soube dele foi pelas poucas vezes que papai me contava que o encontrou e ele perguntou sobre mim, demonstrando preocupação com meu bem estar.

Melhor assim. Se eu queria esquecê-lo, precisava manter distância dele, meus olhos, mente e coração.

— Lara? — Papai bateu na porta e abriu, entrando dentro do meu quarto. — Podemos conversar?

— Claro, pai — respondi deixando o celular ao lado da cama. Eu ficava feliz quando ele vinha me ver. — Pode entrar.

Notei um envelope na mão dele. Ele se sentou na minha cama e sorriu.

— Tenho algumas notícias para você. A primeira é sobre meu casamento. Eu e Daniela queremos marcar a data para logo, uma vez que não vemos sentido em prolongar nosso noivado. — Ele me deu um sorriso brincalhão. — Acho que estou um pouco ansioso. Não pensei que sendo velho ia me sentir assim.

— Você não é velho! Está com tudo em cima. A Daniela é muito bonita também e não foi nada boba em fisgar um partidão como você! — Empurrei levemente o ombro dele, provocando-o. — E, por mim, tudo bem. Já disse que não vou me pôr no seu caminho.

Percebi que estava alegre com a felicidade dele. Desde a morte da mamãe eu não via meu pai cantando e sorrindo à toa como estava fazendo ultimamente. Ele tinha se encontrando, embora eu não.

— Eu conversei com a sua avó e ela cedeu um espaço do outro lado do pasto e pretendo construir uma casinha simples para a gente morar. Tenho guardado ainda boa parte do dinheiro do apartamento, vou utilizar para começar a construir semana que vem. E eu vou me atrever a construir um quarto para você, mesmo dizendo que não quer continuar vivendo aqui.

— Isso não seria má ideia. Vou precisar de um lugar quando vier visitá-los. E eu não vou mudar de ideia, se é isso que esse olhar está pensando em sugerir.

Papai sorriu, dando a entender que eu tinha acertado no palpite.

— Vamos pensar no seu quarto depois.

Eu assenti e ele tomou minhas mãos, depositando ali o envelope que ele tinha trazido consigo.

— Agora é sobre você. Eu ainda não estou seguro disso, mas orei muito e tive apoio de outras pessoas que me aconselharam também. Bem, espero estar fazendo a coisa certa.

— O que é isso? — indaguei, curiosa, tentando entender todo aquele drama dele, enquanto as expectativas aumentavam dentro de mim.

— Abra — ele instruiu.

Obedeci e encontrei dentro do envelope um cartão de banco no meu nome. Sem compreender o significado daquilo, encarei meu pai, esperando explicações.

— Quando você nasceu, eu e sua mãe abrimos uma conta poupança para você e, desde então, todos os meses depositamos uma quantia fixa. Esperávamos que você pudesse usar esse dinheiro para seu futuro, embora eu nunca tenha pensando sobre qual futuro estávamos esperando. — A voz de papai falhou novamente, quando

recordações invadiram sua mente. — Mesmo depois da morte dela, eu continuei depositando, como faríamos se estivéssemos juntos ainda. Inclusive, já depositei o valor deste mês.

— Uau, pai! Eu não sabia disso.

— Eu sei que não. Sei também que você ficou frustrada com a venda do nosso apartamento e que o dinheiro vai ser usado para eu construir uma casa para morar com a Daniela. — Papai coçou a cabeça e sorriu fracamente. — Mas aí tem uma boa quantia, e dá para fazer muita coisa com ela. Eu quero que você use de uma maneira sábia e juntos possamos encontrar algo para você fazer. Talvez uma faculdade, ou uma viagem, eu não sei. Eu estou preocupado com você, minha florzinha, e não quero prendê-la aqui apenas por medo de perdê-la.

— O que?

Ele sorriu e eu vi as lágrimas aparecendo novamente.

— Também tenho medo de perder você, Lara. Se pudesse, a manteria o resto da vida debaixo das minhas asas e bem pertinho de mim. Sei que tenho falhado como pai, mas eu a amo, de verdade.

— Você não tem falhado, pai — respondi de súbito.

— Sim, tenho sim. Mas eu me preocupo com você, de verdade. — Ele umedeceu os lábios e olhou para as mãos. — Conversei com a Daniela e ela me fez enxergar o quanto eu tenho sido negligente com suas dores, e eu concordo com ela. E eu não suporto mais ver você aqui, ociosa dentro de um quarto. É por isso que eu estou te liberando do nosso trato e espero que encontremos algo de comum acordo entre nós para seu futuro.

— Você está falando sério? — perguntei para ter certeza de que aquilo era mesmo real.

— Eu estou falando muito sério.

— Ah, papai! — Eu o abracei e deixei muitos beijos em seu rosto, completamente absorta pela alegria que me invadiu. — Você não sabe o quanto me fez feliz agora!

— Acho que consigo ter uma ideia! — Ele sorriu comigo e pegou minha mão entre as suas. — Mas precisaremos chegar a um acordo, tudo bem? Se eu achar que não deve seguir com um plano, quero que acate minha decisão. Eu estou orando por você, minha pequena. Está na hora de deixar você crescer.

Apertei a mão dele e sorri ainda mais.

— Você está querendo se livrar de mim agora que vai se casar. Eu compreendi bem isso — brinquei, estreitando os olhos para ele.

— Não seja boba!

Eu o abracei mais uma vez, tentando acreditar que aquilo era real. Passei a relatar alguns de meus planos e ideias e ele ouviu tudo com atenção, prometendo não dar nenhuma resposta de imediato e pensar a respeito de todas elas.

Será que, enfim, as coisas começariam a dar certo para mim?



Capítulo 10

Os bons sentimentos derivados da sensação de que, enfim, as coisas começavam a dar certo para mim, abafaram outros sentimentos dos quais eu queria me livrar, embora não soubesse como.

No fim, Daniela se tornou uma amiga. A princípio, tive cautela ao me aproximar da noiva de papai, achando que, no fundo, ela era uma intrusa pronta para estragar nossa vida. Contudo, ela demonstrou ser exatamente como meu pai descrevia. Doce, inteligente, respeitosa, amorosa e, para meu deleite, tínhamos muitas coisas em comum, como o amor pela literatura. Embora fosse tão religiosa quanto os outros ao meu redor, pelo menos ela não tentava me forçar a aceitar o que ela cria e isso foi um ponto positivo. Aos poucos fui deixando as barreiras cederem e passei a gostar da ideia de ver papai tão feliz ao lado de uma mulher que parecia amá-lo de verdade.

E, por causa disso, eu estava tão empolgada quanto eles quando, diante do terreno onde futuramente veríamos a casinha erguida, fazíamos planos sobre os jardins e a varanda extensa com vasos de flores ladeando o espaço. O desenho de uma espécie de planta da casa estava nas mãos de papai e nós avaliávamos, tentando imaginar exatamente como seria ao findar da construção.

Apesar de que eu mesma só veria tudo pronto muito tempo depois. Meu destino àquela altura estava traçado. Em um mês, logo após o casamento dos dois, eu partiria rumo aos Estados Unidos. O plano de um intercâmbio por um ano foi precisamente combinado

entre nós e tudo estava pago. Papai fez questão de se envolver e escolher a família que me acolheria em sua casa enquanto eu estudaria Inglês na escola da própria agência. Papai estava satisfeito e nós começamos a curtir os planos do casamento e da minha viagem, juntos. Mais unidos do que há tempos estávamos.

— O terreno é um pouco irregular, Marcos — vovô, que nos acompanhava, ponderou, observando o espaço logo à frente. — Vai ser necessário aterrar os fundos. Você tem certeza de que vai manter esse desenho? — ele apontou para os rabiscos feitos por papai numa folha que um dia já tinha sido branca.

Papai sorriu e se aproximou do meu avô.

— Eu, Daniela e Lara colocamos no papel o que achamos viável, mas, no fim, é Benjamin quem vai dizer o que vale ou não a pena, pensando também no quanto podemos gastar. A planta final, só com a aprovação dele.

— Benjamin? — interrompi a conversa dos dois homens ao ouvir o nome que, mesmo sob meus fortes protestos, ainda fazia meu coração disparar. — Benjamin, o nosso vizinho?

Meu pai me olhou rapidamente, sem entender o porquê do meu questionamento.

— Sim, o filho do João — respondeu sem dar muita importância.

Umedeci os lábios e o encarei de novo, confusa.

— E por que mostraria a planta para ele? Ele vai ajudar na construção? Uma espécie de ajudante de pedreiro? — pensei, imaginando como soava pertinente ele pondo a mão na obra da casa e agradecendo pela minha sorte grande de estar longe para ver tal cena.

— Não — papai respondeu, achando um pouco de graça do meu comentário. — Embora eu não duvide que ele se disponha a colaborar em tudo, ele se dispôs a auxiliar com o projeto e, dado o conhecimento dele, tenho certeza que ajudará a poupar o máximo possível para construirmos uma casa boa e com baixo custo.

Olhei para os três, tentando entender, mas todos pareciam alheios às minhas dúvidas.

— Eu estou boiando. Por que ele ajudaria?

— Porque ele é engenheiro, oras — papai respondeu e voltou a olhar para a folha sem me dar atenção.

— Ele é engenheiro? Benjamin, esse Benjamin? — Apontei para o sítio do lado com as sobrancelhas erguidas. — O caipira?

Papai me lançou um olhar desconfiado.

— Não! — Eu ri nervosa. — A gente deve estar falando de outro Benjamin.

Daniela, percebendo minha surpresa, se aproximou e tocou em meu ombro.

— Ele é muito estudioso e inteligente. Quando estava na faculdade, inscreveu um projeto desenvolvido por ele em um concurso, ganhou e viajou para os Estados Unidos por seis meses, trabalhando nisso. Era algo relacionado à construção civil de baixo custo, específico para países subdesenvolvidos. Depois que se formou, apresentou o projeto para diversas organizações missionárias e várias delas utilizam gratuitamente para construir casas para população de baixa renda. No fim do ano ele está indo para Uganda, se não me engano, a convite de uma organização de lá. — Daniela, depois de me explicar tudo e provavelmente surpresa com minha cara assustada, indagou: — Você não sabia disso?

Nunca, nunca, nunca, eu poderia imaginar que aquele jeca era um engenheiro viajado. Neguei com a cabeça, mas evitei falar qualquer coisa, ainda em choque.

Por que ele não me contou isso?

— Além de inteligente, é um rapaz muito esforçado, sempre pronto a ajudar. Aqui na igreja, ele oferece assistência a todo mundo. E claro que eu aceitei a oferta dele quando soube da construção da nossa casa.

Observei a troca de olhar amoroso entre meu pai e Daniela e, por um momento, senti uma pitada de inveja por nunca ter vivido aquilo.

— E eu não duvido que vá ajudar colocando a mão na massa também — Daniela completou, cruzando os braços.

— Ah, que legal — finalizei, forçando um sorriso para não parecer mais perplexa do que estava.

Embora a conversa tenha continuado, minha mente passou a divagar por lugares que eu ultimamente tentava esquecer. Pensava

nos meus momentos com Benjamin e passei a questionar o motivo de ele não ter me contado aquele grande detalhe.

Por que ele ainda vivia ali? Por que, então, não foi viajar fazendo missões, já que parecia ser algo que desejava e que, pelo visto, era realmente bom nisso? E por que não me corrigiu quando eu disse que ele não conhecia o mundo?

Minha família terminou a inspeção do terreno e eu segui, um pouco atrás, tentando juntar os pontos. Contudo, quando chegamos em frente à entrada da casa, o próprio Benjamin, o engenheiro, apareceu sorridente e simpático como sempre, cumprimentando a todos.

— Boa tarde, Seu Antônio — ele disse com um aperto forte na mão de vovô. — Daniela, Marcos. — Ele seguiu fazendo o mesmo com os dois. Então, me encarou e com um tímido sorriso estendeu a mão em minha direção. — Olá, Lara.

Hesitei por um instante antes de aceitar a mão, mas quando o fiz e senti o calor da pele dele na minha, o frio na barriga foi intenso demais, sendo o responsável por desarmar minhas defesas e forçando o sorriso apaixonado abrir timidamente em meu rosto.

Senti-me uma tola pela maneira infantil e imatura na qual estava me comportando, fugindo, literalmente, dele. Talvez agora, que minha vida tinha um destino agradável, eu pudesse mudar essa situação também.

Benjamin apertou levemente minha mão antes de soltá-la, virando-se para meus parentes e unindo as duas mãos, contendo sua empolgação.

— Então, vamos trabalhar? — Ele ergueu o dedo indicador. — Mas só se tiver um cafezinho quentinho da dona Lúcia especialmente para mim.

Papai colocou a mão nas costas de Benjamin e com um sorriso o levou até a mesa onde todos sentamos, animados. Minha avó foi para o fogão fritar alguns biscoitos, segundo ela, os preferidos do caipira engenheiro, enquanto papai falava sem parar sobre seus planos para a casa. Eu me sentei de frente para o Ben, não por escolha, mas por falta de opção de lugar, e constatei que estava com sérias dificuldades de respirar vendo-o novamente tão perto... e lindo, e inteligente, e um engenheiro requisitado.

O que estava acontecendo comigo?

Papai entregou seus rascunhos e passou a falar animadamente todos os planos e desejos para a casa. Ben ouviu tudo atento, vez ou outra rabiscava algo em um papel ou fazia alguns cálculos, bastante concentrado. Só depois de deixar papai e Daniela falarem tudo — inclusive eu ri com a pequena discussão sobre o tamanho ideal da cozinha entre ela e vovó contra papai, que queria diminuir o espaço — é que ele expôs suas opiniões e deu ideias, intermediando, inclusive, a “briga” sobre a cozinha.

Eu entrei em completo estado de admiração. Aquele caipira de sotaque carregado que tive orgulho de rebaixar era bem mais experiente do que eu, que me julgava a mulher culta da cidade. E não sei por que, vendo-o ali, com as mesmas roupas surradas do trabalho de sempre, as mãos grossas devido ao pesado esforço manual, senti-me profundamente constrangida e culpada pelo meu comportamento.

Permaneci calada, meus sentimentos saltando de admiração a um aperto no peito, observando a conversa entre eles. Vovó serviu o lanche e todos comemos, embora o trabalho tenha continuado mesmo em meio às xícaras de café e biscoitos de polvilho frito.

Quando, por fim, ele se levantou, garantindo que entregaria a planta pronta até o fim de semana, minha inquietação me obrigou a levantar também. Eu precisava tentar ao menos resolver aquela questão. Ele se despediu e, aproveitando a deixa e a conversa animada entre meus parentes, eu o acompanhei até o lado de fora em silêncio. Não satisfeita, desci as escadas ao lado dele, seguindo em direção à porteira.

— Algum bicho te mordeu? — ele perguntou quando pegamos o pequeno caminho em direção à casa dele, divertindo-se com a minha súbita mudança de comportamento. Até então eu estava o ignorando por completo.

Eu apenas o encarei, sorrindo em seguida, mas me mantendo calada, pensando em como resolveria meus problemas com aquele homem que fazia meu coração bater mais forte.

Quando chegamos à cerca, paramos de frente um para o outro e eu gelei por completo ao encontrar os doces olhos dele.

— Você escondeu algumas coisas de mim — reclamei envergonhada e um pouco apreensiva.

— Talvez. Mas, sinceramente, não achei que faria alguma diferença — respondeu sereno, com a gentileza de sempre, mesmo sendo a primeira vez que eu lhe dirigia a palavra desde quando ele tinha me dado o fora.

O fora, Lara! Não se esqueça disso!

— Mas faz. — Abaixei a cabeça, encarando meus pés enquanto juntava minhas duas mãos. — Confesso que agora estou ainda mais confusa, sem compreender os motivos que prendem você nesse lugar.

Ele sorriu. E meu Deus, que sorriso!

— Ainda assim não faz diferença. Minha resposta é a mesma que te dei aquele dia, Lara. Eu só quero servir a Deus, onde quer que eu esteja, glorificando-o com meu serviço, seja ele qual for. Com a cabeça ou com as mãos.

Senti-me pequena diante daquela resposta.

— Eu estou indo embora — revelei meio sem jeito, meus pés passeando sobre a terra do chão.

— Seu pai comentou alguma coisa, estava sabendo por alto. Vai para onde? — perguntou, empolgado, sabendo o quanto eu ansiava por aquilo.

— Para os Estados Unidos. Um ano de intercâmbio por lá — respondi e mordi meus lábios, começando a perceber o quanto eu sentiria por me afastar.

— Fico feliz por ter conseguido o que tanto queria, e com o apoio do seu pai. Você vai adorar os Estados Unidos, é um bom lugar para patricinhas como você — ele brincou, cruzando as mãos atrás das costas.

— E você não é tão jeca assim, né? Fala inglês e tudo o mais.

Ele abaixou a cabeça, escondendo o sorriso. Depois olhou para trás antes de voltar para mim.

— Eu preciso ir. — Apontou para as terras da família dele. — O trabalho me chama. Posso ser um engenheiro, mas são as vacas que precisam de mim agora — disse, atravessando a cerca que nos separava.

Eu concordei com a cabeça e ele se despediu. Contudo, ele mal tinha dado alguns passos quando o chamei. Ele parou e me encarou.

— Está muito tarde para pedir desculpas?

Benjamin sorriu timidamente e, ainda de costas, continuou se afastando sem tirar os olhos dos meus.

— Nunca é tarde para pedir perdão. Nem para perdoar.

Seu sorriso sincero aumentou ainda mais, então ele se virou, seguindo seu caminho.



Capítulo 11

Os dias que antecederam minha partida de Canaã foram tão agitados que eu os classificaria como quase insanos. Graças à correria com os preparativos para a cerimônia de casamento de papai e Daniela, aliado à construção da casa deles e a programação da minha viagem, eu mal vi o tempo passar, enquanto aproximava-se o dia da grande mudança que ocorreria em minha vida, dessa vez para melhor.

Era evidente que a construção do novo lar não terminaria antes da data estipulada para o casamento, uma vez que eles decidiram que não era preciso esperar muito tempo para unir as escovas de dentes, sendo assim, enquanto a obra estivesse inacabada, eles ocupariam um quarto na casa dos meus avós. Por esse motivo, era óbvio que eles optaram por aceitar toda a ajuda possível, para que eles pudessem ter seu cantinho reservado, com toda a privacidade desejada de um casal recém-casado.

Lá no fundo, eu ainda tinha que lidar com o ciúme. Embora a cada dia eu amasse mais e mais a minha futura madrasta, era realmente estranho pensar na ideia de papai tendo outra mulher na vida dele que não fosse eu ou a minha mãe. Mas a felicidade deles era tão notável, que por vezes a minha inveja por testemunhar eles vivendo um amor correspondido e tão belo, o qual eu nunca tinha tido a oportunidade de viver, superava o meu ciúme.

Era um fato comprovado, Benjamin não correspondia à paixão que eu tinha por ele. Embora, por vezes, ele me confundisse com demonstrações de carinho e atenção que pareciam especiais,

sobretudo quando estávamos perto de meus familiares, ele não deu nenhum sinal de querer avançar em relação a um relacionamento amoroso entre nós. Não demonstrou tristeza por saber da minha partida, não tentou uma reaproximação mais íntima e nem manifestou indícios de que, como eu, tinha esperança de um compromisso além da amizade. E isso era frustrante e doía muito em mim, principalmente por precisar lidar com a constante presença dele na fazenda, sempre ajudando na obra da casa — porque, como Daniela tinha previsto, ele realmente colocava a mão na massa e atuava como engenheiro e pedreiro — ou se disponibilizando para fazer alguma coisa em prol do casamento.

Em vários momentos me mantive longe, para tentar forçar minha mente a não viajar por pensamentos fantasiosos de que aquele sorriso oferecido depois de alguma brincadeira entre nós era um sorriso de um homem apaixonado e esperançoso. Mas, mesmo tentando me convencer de que eu era uma garota que não precisava de homem nenhum para ser feliz, volta e meia era pega observando-o de longe, suspirando enquanto ele falava, trabalhava, interagia com todos ao redor. E, mesmo mantendo a pose de que havia superado tudo aquilo, fiquei triste porque não tivemos nenhuma oportunidade de uma conversa a sós. Nem mesmo ele tentou retomar os estudos bíblicos comigo, apesar de sempre perguntar se eu estava lendo a Bíblia, ou recitar alguma sabedoria religiosa quando tinha oportunidade.

Meus sentimentos estavam confusos. Ora eu ficava aliviada por, ao menos, ter me livrado daquela conversa toda sobre a Bíblia, ora eu sentia que algo lá dentro de mim me incomodava, curiosa, querendo saber mais sobre o Deus que, segundo meu pai, guiava sua vida e de todos os outros cristãos ao redor. O Deus soberano que sabia o melhor para os seus, mesmo quando esse melhor significava tristeza e dor, uma vez que eles criam que tal situação estava cooperando para o bem deles.

Não! Eu era a prova viva de que não era bem assim. Não era agradável nem bom viver tantas perdas como as que eu estava vivendo! E, convencida disso, abafava lá no íntimo toda e qualquer manifestação de qualquer desejo envolvendo a religião cristã que eles tanto defendiam.

E, nesse meio tempo, antes de minha partida, duas coisas interessantes e também importantes aconteceram.

Assim que corrigi meus erros e pedi desculpas a Benjamin pela maneira infantil que eu havia me comportado, minha amizade com Gabi também foi restaurada. Embora eu não me atrevesse a voltar a frequentar sua casa e o assunto de meus sentimentos pelo irmão dela nunca fosse mencionado por nenhuma das duas, nós voltamos a conversar. Ela era mais discreta quando queria "pregar", e mesmo que eu não gostasse de admitir, às vezes eu me desapontava por ela não levar o assunto mais adiante. Gabi também me contou que estava de partida para uma espécie de curso missionário, uma decisão de última hora, mas que a alegrou sobremaneira. Ela passaria alguns meses no Paraná, estudando a Bíblia e depois viajaria para algum lugar para, como ela dizia, praticar o que aprendeu.

Para minha tristeza, o dia da partida dela chegou rápido, antes mesmo do casamento do meu pai. Nossa despedida foi regada por lágrimas e abraços, adicionada a palavras carinhosas e lamentações de duas jovens que não sabiam quando se veriam novamente.

— Eu estarei longe, mas continuarei orando por você, Lara — ela disse, segurando minha mão. Estávamos na varanda da minha casa. — E você tem meu contato, por favor, não deixe de mandar mensagem.

— Eu digo o mesmo para você! — respondi com sinceridade.

— Eu tenho um presente — ela disse, se afastando um pouco, indo em direção à mesa da varanda, onde havia um embrulho que tomou nas mãos. — Eu espero que traga algumas respostas às suas dúvidas.

— Ah, Gabi, não precisava — repliquei no automático, aceitando o presente. — O que é?

— Abra — encorajou com um sorriso.

Desembrulhei com calma, já ciente de que se tratava de um livro. Quando retirei do pacote, o título *O sofrimento nunca é em vão*[3] se revelou. Fiquei um pouco perdida e sem graça, sem entender direito do que se tratava, então, agradeci com sinceridade, após ouvir de minha amiga sobre a expectativa que ela tinha sobre a minha leitura da obra de Elizabeth Elliot.

— Espero que você não se importe, mas tomamos a liberdade de fazer uma pequena dedicatória — ela disse, apontando para o livro.

Apenas quando abri e vi o pequeno trecho com um versículo bíblico e votos de uma boa viagem por parte dela e do irmão, entendi por que ela tinha dito o verbo no plural.

Gabi e Benjamin.

Engoli as emoções e abracei minha amiga uma última vez. Quanto ao livro, coloquei junto com os pertences já separados para levar aos Estados Unidos. Alguma coisa ali — e suspeito que tenha ligação com um dos nomes assinados na contra capa — atiçou minha curiosidade.

Gabi partiu alguns dias depois. Contudo, ainda antes do casamento, Daniela, certo dia, sentou-se ao meu lado no lugar onde eu costumava ficar admirando a obra — ou um dos trabalhadores — da casa.

— Está quase pronto — eu disse, assim que ela tomou o lugar no banco de madeira, voltando os olhos para o livro de romance no meu colo que eu não tinha nem aberto ainda. — E ficando lindo.

— É verdade — Daniela disse com um sorriso. — Confesso a você que eu achei que nunca me casaria, que viveria para sempre com meus pais. — Ela percebeu meu olhar e sorriu. — Eu não sou mais uma jovem, como pode ver.

— Ah, para com isso, Dani! — eu a repreendi. — Você nem chegou aos quarenta ainda! Meu pai teve sorte de encontrar uma mulher como você.

Daniela demonstrou a alegria dela ao ouvir minhas palavras sinceras e segurou minha mão com carinho.

— Eu fico feliz por saber que você não se opõe. Eu amo muito você, Lara, e amo muito seu pai. Sei que parece loucura, já que nos conhecemos há tão pouco tempo, mas, às vezes, Deus age de maneiras misteriosas e loucas. Ele é um homem incrível — ela disse voltando seus olhos para onde papai estava peneirando areia.

— Ele é — respondi, seguindo o olhar para o senhor Marcos, tão dedicado em recomeçar sua vida. — E sim, eu acho uma loucura esse relacionamento de vocês — eu disse com um tom de graça e ela riu comigo. — Apressado e... estranho.

Daniela compreendeu ao que me referia. Eles, definitivamente, estavam longe de ser um casal comum. Nunca tinha visto noivos trocando apenas apertos de mãos e beijos na testa e com tanta pressa de se casarem. Chegava a ser engraçado, se não fosse um pouco fofo — e era um alívio também, porque não fazia nenhuma questão de ficar contemplando as intimidades de meu pai com uma mulher que não fosse minha mãe.

— Sabe, seu pai não foi o primeiro homem com quem me relacionei, infelizmente — ela falou, de repente, abrindo-se comigo. — Eu era jovem, um pouco mais velha do que você, quando conheci meu ex-noivo.

—Ex-noivo? — indaguei com mais perplexidade do que gostaria de demonstrar.

— Sim. Tivemos um longo relacionamento. Durou quatro anos até eu tomar uma atitude após compreender o quão errado aquilo estava. — Ela friccionou as mãos no tecido da calça, claramente incomodada com o assunto. — No início, era tudo lindo. Ele era da igreja também e parecia tão apaixonado como eu. Começamos a namorar e eu não pensava muito em casamento. Para mim, era natural estar num relacionamento com alguém que eu gostava, mesmo que as circunstâncias não fossem favoráveis para o matrimônio. E foi essa a desculpa, da falta de condições, que ele deu quando eu comecei a pressionar sobre dar um passo a mais, já que estávamos tão envolvidos.

— Ele não queria casar?

Ela negou com a cabeça.

— Ele dizia que sim, mas que não dava ainda. Porém, acredito que não estava nos planos dele formar uma família. — Daniela suspirou. — Depois de um tempo, as coisas começaram a... esquentar entre nós. A intimidade aumentou e, bem, você sabe o fim que essas coisas acabam tomando.

Eu imaginava, embora não soubesse na prática o que aquilo significava. Apesar de ter me apaixonado diversas vezes, algo sempre atrapalhava meus planos de começar um namoro. Até mesmo o dia quando havia decidido ficar com um garoto da escola, a diretora descobriu o plano e contou para meu pai. Eu tive o maior castigo da minha vida e passei a ficar em pânico de ser descoberta

caso decidisse tentar de novo. Ou seja, eu era uma garota careta que ainda não tinha tido nenhuma experiência concreta sobre rapazes.

— Eu não me orgulho disso. Na verdade, sofri muito, porque eu sabia que estava desobedecendo a Deus e pecando. Porém, estava tão envolvida que não conseguia dar um fim naquilo. — Daniela estava sem graça por precisar falar do assunto, mas eu estava feliz por ver que ela queria se aproximar de mim mais intimamente. — Eu chorava muito, me sentia suja. Então ele vinha, pedia perdão, dizia que íamos nos casar e que eu não precisava me preocupar com isso, que tudo iria ser resolvido. Mas o casamento nunca vinha e ele continuava se esforçando para avançar os sinais.

— Que babaca! — disse sem ter ciência do quão sério aquilo era para Daniela.

— Não só ele, Lara, mas eu também. Mas, graças a Deus o Senhor me resgatou e me ajudou, na forma de um livro, a perceber o quanto aquele relacionamento estava errado. Que não era assim que Deus estipulou a união entre um homem e uma mulher. Então, depois de chorar copiosamente em arrependimento, tomei uma atitude séria e dei um fim naquela vida promíscua. Pedi perdão a Deus, aos meus pais e até mesmo ao rapaz. E depois disso, eu nunca mais me envolvi com nenhum homem. Não aceitaria menos do que um homem piedoso, que me amasse de verdade e me propusesse a segurança de um casamento, de uma família alicerçada em Deus e Sua Palavra.

Fiquei em silêncio, um pouco confusa, enquanto ouvia as colocações dela. O que, exatamente, ela queria dizer?

— Depois de tudo isso, achei que nunca mais casaria. Os anos foram passando, a idade chegando e eu já tinha perdido as esperanças, até encontrar seu pai — ela continuou, dessa vez mais alegre. — Confesso que se nós não tivéssemos nos tornado tão amigos antes, eu teria dificuldade em acreditar que daria certo me casar com ele.

— Um viúvo com uma filha? — brinquei.

— Uma filha adulta já! Eu teria me assustado — ela confessou, brincando. — Mas aconteceu tão naturalmente,

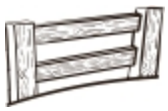
conversamos abertamente durante os dias que ele esteve ferido e... Oh, eu estou me emocionando. Eu não mereço tanto amor e graça!

Percebi os olhos marejados de Daniela e compreendi que meu pai estava ganhando um tesouro. Eu teria que ser muito insensível para não apoiar aquilo.

— Me perdoe — ela disse, forçando o sorriso. Depois de um tempo em silêncio, mudou de assunto. — Eu tenho esse livro que mencionei há pouco, em casa. Se quiser, eu posso te emprestar. Ele se chama *Sexo, namoro e relacionamento*[4] e faz uma abordagem bíblica sobre esse assunto. Mudou minha vida e minha visão.

— Seria legal — respondi, não querendo cortar o entusiasmo dela, mas sentindo um pouco de acanhamento por causa do tema e de toda a conversa. — Mas eu não vou ter tempo de ler antes de partir. Eu vou anotar o nome e procuro depois para ler mais para frente.

Daniela, sensível e amável como era, não insistiu. Mudamos de assunto e passamos a falar sobre a cerimônia de casamento que estava tão próxima.



O casamento de meu pai e Daniela chegou tão depressa que mal tive tempo de ficar ansiosa com minha viagem. E a cerimônia foi linda. Era impossível não me emocionar ao ver a felicidade de papai e a emoção da noiva, principalmente depois de conhecer um pouco mais da vida da minha madrasta. Por mais estranho que fosse admitir, aquela conversa sincera abriu uma porta entre nós e eu começava a sentir a vantagem de ter aquela presença feminina em minha vida, suprindo, de alguma maneira, a falta de minha mãe.

Benjamin estava lindíssimo em seus trajes de festa. Quase perdi o ar quando o vi tão arrumadinho. Contudo, não ousei me aproximar, temendo que me embolasse toda com a paixão gritando tão alto. Mas, quando nos cumprimentamos, eu estava bastante grata por ter ouvido os conselhos de Daniela e escolhido o vestido rosa que me deixou satisfeita com a imagem refletida no espelho depois de devidamente arrumada. Eu não poderia tê-lo como queria,

entretanto, ao menos ele não poderia evitar contemplar minha beleza.

A festa do casamento foi bem diferente de tudo que eu já tinha visto. Os vizinhos ajudaram na preparação das comidas e um verdadeiro banquete, regado a churrasco, feijão tropeiro e outras diversas quantidades de comida se estendeu por toda a noite, na área aberta da propriedade.

Os noivos passaram a noite de núpcias em um hotel na cidade mais próxima. Eles optaram por viajar logo depois de me deixarem no aeroporto. De lá, partiriam para a lua de mel.

Minha mala já estava pronta, os últimos ajustes estavam feitos e eu partiria três dias depois da festa. Sendo assim, unimos a comemoração do casamento com a minha despedida e os dias foram animados, com visitas em casa e muita, muita alegria.

E foi na pequena reunião de despedida organizada pela vovó que eu vi e falei com Benjamin pela última vez. Ele estava lá, junto com sua família e alguns outros membros mais próximos da igreja e comunidade. E em um determinado momento, tivemos, enfim, a tão esperada oportunidade de conversar com certa privacidade quando ele se aproximou de mim. Estava sozinha, sentada na escada da varanda, observando as pessoas ao redor da fogueira conversando alegres, papai e Daniela abraçados e felizes. Ben tomou o lugar ao meu lado.

— Então, está partindo, não é? — ele brincou. — Gabi pediu para mandar um abraço para você e disse que em breve manda notícias.

— Sua irmã é uma amiga desnaturada. Disse que escreveria e-mails gigantescos e agora só responde algumas pequenas mensagens — disse, fingindo estar indignada, sentindo meu coração ir à boca com a aproximação dele.

— Dá um desconto, Miúda. É bastante puxado o treinamento, quase não há tempo para nada mesmo. — Ele me olhou e seus olhos sorriam. — E eu aposto que logo, logo você também se esquecerá dela com todos os seus compromissos no exterior.

— Não exagere! — exclamei, juntando as mãos, nervosa.

— Bem, espero que faça um bom proveito desse tempo. Saiba que estaremos orando por você. Há muito que aprender em

experiências assim. É muito legal conhecer novas culturas, novos desafios, ajuda muito a abrir os olhos, amadurecer.

— Ah, falou o engenheiro viajado! — Pela primeira vez, eu consegui brincar sobre aquele assunto abertamente com ele, sem morrer de vergonha. — Eu entendi a indireta!

— Não tem indireta. — Ele riu. — Apenas um conselho.

— Conselho anotado, senhor Benjamin. — Fiz uma pequena continência. — Não se preocupe, eu realmente vou aproveitar cada minuto. Esperei por essa oportunidade por muito tempo.

— É verdade...

Fomos interrompidos pelo pai dele que, perto da figueira, acenava com os braços, indicando que ele e Ana estavam retornando para casa. Benjamin fez um sinal positivo para eles e se levantou.

— Eu tenho que ir, amanhã vamos acordar cedo, dia de colheita, por isso não posso me estender por aqui. Então, boa viagem.

Ele estendeu a mão em minha direção e eu só entendi que era para me cumprimentar, depois que usei ela como apoio para ficar de pé e sem pensar, o abracei, notando o embaraço inicial dele. Por fim, ele retribuiu o abraço, um pouco desajeitado.

— Obrigada por tudo, Ben. De verdade. Você e a Gabi são muito importantes para mim — declarei irrefletidamente, ainda abraçada a ele.

Nós nos afastamos, ele sorriu e enfiou as mãos no bolso da calça.

— Que Deus te abençoe, então — disse.

Vi Ben partir e me senti completamente confusa em relação ao que sentia por ele. Porém, logo papai e Daniela me puxaram para perto do pessoal e as conversas me fizeram relaxar.

Alguma coisa me dizia que, enfim, eu teria oportunidade de viver o que tanto desejava, e nem mesmo Deus poderia estragar isso dessa vez. Mal sabia eu que era Ele quem orquestrava a mudança radical que prosseguiria.



Capítulo 12

Alguns meses depois...

Meu coração dava sinais da emoção que se espalhava pelo meu corpo enquanto o avião aterrissava em solo Brasileiro depois de longas horas de viagem. Eu estava realmente ansiosa para rever meus amados, mas também para vivenciar a experiência de voltar para casa, dessa vez, completamente mudada. Embora não esperasse, sinceramente, um retorno tão breve, eu estava radiante com o que me aguardava.

Mais de um ano havia se passado e tudo em mim estava diferente da menina que embarcou naquele mesmo aeroporto no ano anterior. Não apenas pelos cabelos curtos na altura dos ombros, exibindo as ondas naturais, pela roupa nova ou os quilinhos a mais adquiridos em terras estrangeiras, mas o meu interior não era mais o mesmo. As velhas coisas se passaram, tudo tinha sido feito novo.

— Lara! — papai gritou, abanando as mãos freneticamente assim que eu atravessei a porta que dividia a área de desembarque, empurrando um carrinho com minhas malas. — Filhota!

Abri um grande sorriso, mas que ainda assim era incapaz de representar a minha emoção e felicidade por vê-lo. Apressei meus passos e eu mal saí da área de desembarque quando fui tomada por um abraço tão forte e confortador que meus olhos se encheram de lágrimas.

— Ah, como senti sua falta, pai — declarei, encostando meu rosto em seu ombro e agradecendo a Deus por poder vê-lo.

— Não houve um dia em que eu não lamentei sua ausência, minha pequena — ele falou com a voz meio embargada pela mesma emoção. Ele se afastou um pouco, avaliou todo o meu rosto e, não contendo o choro, sorriu. — Você está tão linda! Mais bonita do que me lembrava.

— Não exagera, pai — respondi, sentindo o mesmo que ele. Depois olhei ao redor, à procura do restante da minha família. — Onde está a Dani e a Rebeca?

— Não vieram — ele disse e, percebendo o traço de decepção em meu rosto, colocou-se a dar explicações. — Rebeca está enjoadinha, hoje foi dia de vacina. A Dani quase não dormiu essa noite, preferi deixá-las em casa, aguardando sua chegada.

— Ai, meu Deus! Ainda precisarei esperar algumas horas para poder conhecer minha irmã? — perguntei e papai sorriu. — Eu nem acredito que eu tenho uma irmã! Tudo bem que eu pareço mais uma tia do que uma irmã, mas eu não consigo acreditar nessa realidade. Só vou acreditar quando pegar ela no meu colo e dizer: “Eu sou sua irmã, Rebequinha!”.

— Ela se parece muito com você quando bebê — papai disse, demonstrando o orgulho que sentia pelas duas filhas. — Estou feliz porque você perdeu apenas quatro meses da vida dela. Espero que decida ficar com a gente, meu bem.

Eu não respondi, uma vez que ainda não tinha decidido o que fazer no futuro. Embora, inicialmente, meus planos seguissem o caminho de uma faculdade, eles tinham sofrido uma leve mudança com o passar dos meus dias nos Estados Unidos.

— Eu serei uma irmã babona, não tenho dúvidas. E mal posso esperar para entregar os presentes!

Papai e eu caminhamos até o carro e, após guardar as malas, embarcamos em mais uma viagem rumo a Canaã. Eu estava exausta, porém, não me contive e passei a relatar diversas experiências vivenciadas naquele tempo longe. Papai era curioso, queria muitas informações e mesmo com nossas constantes ligações em vídeo, era realmente diferente conversar assim, cara a cara, vendo um ao outro. Também recebi notícias sobre o nosso lar. Soube da chegada de um novo pastor na igreja, sobre o novo gerador para a fazenda, das vacas leiteiras que tiveram cria, e ele relatou como o

trabalho estava sendo puxado desde a morte de meu avô. Eu tinha recebido a triste notícia pelo telefone. Um infarto fulminante e inesperado deixou a casa vazia e vovó, solitária. Contudo, havia em todos a reconfortante esperança de que ele tinha ido para o lar e, como minha mãe, vivia sem traços de dor, tristeza ou pecado na companhia do Glorioso Deus.

— Sua avó reagiu bem, na medida do possível — papai contou, sem esconder a tristeza e a saudade. — Mas há dias que eu a noto mais triste. Seu retorno será um alento para ela, não fala de outra coisa.

— Sinto a falta de todos e fiquei triste por não poder estar aqui no enterro.

— Mas todos entenderam. Não seria viável que retornasse de súbito, e apesar de tudo, nós ficamos bem.

Aproveitei o silêncio que se seguiu e fechei meus olhos, tentando descansar no restante do caminho, mas minha alegria sobressaía o cansaço e eu só conseguia agradecer a Deus, internamente, por me levar de volta para casa em segurança.

Quando os primeiros sinais de Canaã apareceram, enchi-me de alegria. Era engraçado traçar o paralelo entre a primeira vez que chegamos e o meu retorno. Desta vez, eu mal podia esperar pelos dias que teria ali com minha família, compartilhando nossas vidas e minhas novas experiências. Passamos pela porteira e meu pai pegou um caminho novo, em direção a casinha que eu só conhecia por fotos e vídeos.

Daniela nos esperava, visivelmente contente, na varanda da nova casa, com um projeto de gente no colo. Mal esperei o carro parar completamente, abri a porta e pulei para fora, pegando minha irmã nos meus braços depois de dar um rápido abraço em Daniela. Rebeca era perfeita! Tinha as bochechas rechonchudas e quando ela sorriu para as minhas bobeiras, meu coração se derreteu.

Eu era uma irmã mais velha! Ainda não tinha caído a ficha.

— Vocês estão com fome? Porque acabei de tirar um bolo do forno, e seu pai me disse que você gosta de bolo quente tanto quanto ele — Daniela disse, colocando a mão dela no meu ombro.

— Com certeza! Comida brasileira foi algo que eu senti muita falta nos Estados Unidos.

— E você deve estar cansada também — papai disse, surgindo ao meu lado carregando uma de minhas malas. Depois de mexer com Rebeca e beijar a testa dela, ele beijou também a minha, sorrindo. — Deixe que eu levo suas coisas. A Dani vai mostrar para você seu quarto.

Aceitando a sugestão, entrei na casa sem coragem de soltar a bebê que parecia aconchegada em meu colo. Foi divertido ver os nossos sonhos, anteriormente colocados no papel, terem se transformado numa casinha linda e aconchegante, embora simples. Logo na entrada, a sala demonstrava o zelo da mulher que cuidava daquele cantinho. Havia um jarro com flores recém-colhidas e o cheiro do café vinha das comidinhas já colocadas na mesa, logo atrás do sofá.

Dani sugeriu que eu conhecesse a casa antes de comermos, para que me sentisse mais à vontade. Após conhecer os cômodos, fui direcionada até o meu quarto. Não era muito grande, mas havia uma cama de solteiro com uma linda colcha em cima, um armário vazio esperando por meus pertences e uma pequena escrivaninha de madeira rústica. Não precisei de muito esforço para perceber o quanto eles se esforçaram para demonstrar que eu era bem-vinda naquele lar.

Rebeca chorou no momento que papai entrou com as malas. Daniela avisou que era hora da mamada, e, a contragosto, tive que deixar minha irmã partir. Meu pai, depois de colocar minhas coisas num canto do quarto, me encarou em silêncio antes de me abraçar de novo.

— Estou tão feliz por você estar aqui, meu tesouro. Eu te amo tanto!

— Eu também, pai.

— Não sabe o quanto eu orei para que você voltasse.

Ele se afastou um pouco e eu também estava emocionada.

— Mas foi preciso. O Senhor orquestrou cada detalhe e transformou cada situação desse tempo distante em algo proveitoso.

Meu pai não aguentou e me abraçou de novo. Era óbvio que ele estava ciente de que Deus respondeu suas orações, e eu podia, então, compreender a extensão do significado de ter alguém a quem amamos encontrado pelo Senhor. Embora, nesse caso, era eu a que

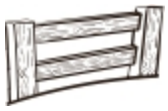
outrora estava perdida, mas pela graça de Cristo havia sido atraída e salva.

Vovó logo apareceu e foram muitos abraços antes que pudesse me sentar à mesa com minha família. Papai fez uma oração de gratidão a Deus e senti-me completa por poder louvar ao Senhor junto com eles. Nunca esquecerei aquela primeira oração, acompanhada com a sinceridade de meu coração, que agora se exultava em poder me direcionar ao meu Salvador sem reservas. Que experiência era poder servir o Senhor com meus amados!

Foi difícil comer enquanto a conversa fluía sem interrupções. Todos queriam saber sobre tudo, desde o que eu tinha feito nos Estados Unidos e sobre a família que me acolheu, até as minhas experiências e sobre a igreja que eu frequentava lá, entre outros assuntos que passaríamos horas e horas conversando, se eu não estivesse com muito sono. Entretanto, antes de deixar a mesa, busquei em uma das bolsas os presentes que eu havia comprado para cada um deles. Papai amou as ferramentas modernas, enquanto Dani se desdobrava entre os cremes, maquiagens e as coisas de bebê para Rebeca; e vovó pareceu gostar muito das forminhas divertidas de biscoito, prevendo quando as usaria pela primeira vez.

Quando voltei para o quarto, desejando um banho e minha cama, abri a mala e a primeira coisa que tirei de dentro dela foi minha Bíblia, toda marcada com sinais de intenso uso. Segurei o objeto em minhas mãos e, no instinto, meus olhos se voltaram em direção à fazenda ao lado, olhando através da janela, ainda que a escuridão já não me permitisse ver nada além do céu estrelado. Embora eu não pensasse mais em Benjamin como antigamente, não podia esquecer tudo o que ele tinha feito por mim e gostaria que um dia ele soubesse o quanto o presente tinha sido bem utilizado pela dona.

Disposta a não pensar em nada mais, coloquei a Bíblia e outros livros em cima do criado-mudo ao lado da minha cama, separei algumas roupas e, munida da toalha que Daniela tinha separado para meu uso, fui até o banheiro tomar um relaxante banho antes de cair na cama e dormir como um bebê.



Acordei cedo no dia seguinte. Depois do meu tempo de devocional, desci as escadas, atraída pelo cheiro do café recém-coado e encontrei papai na mesa lendo a Bíblia enquanto apreciava o líquido quente de sua xícara.

— Bom dia, pai — disse quando me aproximei, recebendo sua atenção e um sorriso em troca.

— Bom dia, filhota. Senta aqui comigo.

Eu ia obedecer àquela ordem, mas, quando me deparei com Rebeca dormindo no carrinho de bebê ao lado da mesa, fui obrigada a parar e ficar algum tempo admirando-a dormir tão tranquilamente, até Daniela chegar com o restante da comida e a pôr mesa. Nós três nos sentamos e papai fez uma oração.

— Como é bom poder tomar café da manhã em família — eu disse, expressando a verdade dos meus sentimentos. — Eu nem imaginava como algo tão simples pudesse fazer tanta falta.

— Deus é bom — papai respondeu, contente.

— Em todo o tempo Ele é bom — completei, sorrindo.

Tomamos café da manhã sem muita pressa, mas meu pai precisou sair para os afazeres diários da fazenda. Sem vovô, ele havia assumido todas as responsabilidades. Eu fiquei um pouco mais em casa na companhia de Daniela, conversando sobre os assuntos mais diversos e também aproveitei para mimar Rebeca quando ela acordou. Mais tarde, resolvi ir até minha avó. Sabia que ela estava sozinha e queria tentar fazer companhia a ela. Contudo, ela não queria me ver presa enquanto cuidava dos afazeres domésticos e me despachou, praticamente me obrigando a encontrar alguma coisa para me divertir.

Sentei na varanda da casa, sentindo os raios do sol da manhã tocar meu rosto. Olhei ao redor e boas lembranças invadiram minha mente. Inevitavelmente, meu olhar foi atraído para a cerca ao lado e para a varanda da casa onde outrora eu havia passado algumas horas aprendendo coisas que me confrontavam. Suspirei, lembrando-me de que Gabi estava no Chile e suspeitando que Benjamin também estivesse distante. O pouco contato com minha

amiga não foi opcional. Nossos horários não batiam e as muitas tarefas a mantinham longe da internet. Acabamos trocando alguns e-mails e acompanhando uma à outra através das fotos e atualizações nas redes sociais, embora as dela fossem mais escassas que as minhas. Entretanto, em um dia especial nós passamos algumas horas conversando. Ela não podia deixar de ouvir a notícia maravilhosa que eu tinha para compartilhar sobre como eu tinha sido resgatada pelo Senhor. E foi nesse dia que eu soube que Ben estava no exterior, em missões na África do Sul.

Juntei meus joelhos elevados e descansei a cabeça ali, pensando em tudo que tinha acontecido em minha vida desde a chegada em Canaã. Eu não me orgulhava do meu comportamento anterior, de certo não. Na verdade, quanto mais eu conhecia o Senhor, mais me arrependia de cada atitude desprezível minha e dos meus pensamentos pecaminosos. E quando, seguindo a sugestão de Daniela, li o livro *Sexo, namoro e relacionamento*, mais me envergonhava do meu comportamento, sobretudo com relação a Benjamin.

Pensando bem, é melhor que ele fique bem longe! Não sei com que cara eu olharia para ele sabendo do que eu fiz, pensei e senti!

Eu sabia que deveria fazer uma visita para João e Ana, porém, resolvi deixar o encontro inicial para aquela noite, quando todos nós nos reuniríamos na igreja. Lá, talvez, eu perguntasse sobre seus filhos.

Resoluta, retornei para casa e fiquei bastante satisfeita por encontrar uma bebê acordada, ansiando pelas gracinhas da irmã mais velha. Não havia outra coisa que eu queria ou pudesse fazer naquele momento do que curtir minha irmã em tempo integral.



Capítulo 13

Meu pai gritou, chamando pela terceira vez. Eu já estava pronta, apenas contemplando a minha imagem no espelho para ter certeza de que tudo estava no devido lugar. Embora eu tivesse ciência de que deveria esperar mais simplicidade em Canaã, aquele dia era especial para mim. Eu cultuaria a Deus pela primeira vez, verdadeiramente, junto com minha família, e tal evento pedia que estivesse arrumada a altura.

— Lara! Vamos nos atrasar! — ele gritou novamente lá da sala e eu sorri pensando em sua impaciência.

— Estou indo! — respondi já pegando a minha Bíblia.

Apaguei a luz do quarto e cheguei na sala a tempo de ver Daniela tocando carinhosamente no braço de papai que carregava Rebeca no bebê conforto.

— Amor, você tem três mulheres em sua vida, precisa aprender a ser mais paciente. Demoramos a ficar bonitas — ela falou em tom de brincadeira e papai, mesmo contrariado, riu.

Senti uma alegria enorme por Deus ter colocado ela na vida do meu pai. Quando eles me viram, ela se afastou um pouco e ele crispou os olhos em minha direção.

— Mas não queira abusar, por favor — ele aconselhou. — Odeio chegar atrasado na igreja.

— Eu também, pai — respondi, me adiantando até a bebê e suspirando por vê-la em um vestido rosa que eu tinha dado de presente. — Éramos sempre os primeiros a chegar na Bethlehem.

Ao mencionar minha querida Igreja americana, senti saudades de imediato de todos os meus irmãos em Cristo, que tanto me auxiliaram no meu crescimento espiritual, sobretudo do pastor Piper, sempre tão humilde e maravilhoso em expor as Escrituras.

— Vamos manter essa tendência por aqui também — meu pai disse e deixou claro que estávamos de partida.

A igreja não ficava muito longe de nossa casa. Rapidamente nosso carro estacionou em frente ao pequeno prédio branco, cujas paredes evidenciavam marcas da terra vermelha abundante nas ruas. Papai conduziu suas três mulheres até a primeira fileira e lá eu fiquei aguardando o início do culto, meu coração cheio de gratidão e alegria.

O culto começou um pouco depois de nos acomodarmos. Foi João, pai da Gabi, o presbítero que conduziu a liturgia. Ele não conteve o sorriso quando me viu sentada na primeira cadeira, mas, para meu alívio, não disse nada sobre minha presença. Fechei meus olhos e louvei ao Senhor. A palavra do pastor Tiago me fez refletir sobre o quanto eu estava disposta a servir ao próximo, e quando o culto estava prestes a acabar e tivemos um momento de oração com nossa família de mãos dadas, eu tive que conter a emoção para que as lágrimas não rolassem em minha face.

Claro que o pastor não perdeu a oportunidade e fez questão de me dar as boas-vindas na frente de toda a igreja após dar os avisos. Corei de vergonha e evitei olhar para os lados para ninguém perceber meu embaraço, mas sorri em resposta a toda aquela demonstração de carinho.

— Que orgulho que tenho de você, minha linda — papai disse baixinho, abraçando-me lateralmente quando o culto terminou. — Estou impressionado com sua mudança.

Apertei a mão de meu pai e nós nos levantamos. Quando me virei, parecia uma celebridade, com tanta atenção em cima de mim. Foram muitos apertos de mãos e abraços, tantas perguntas sobre diversas coisas que foi impossível responder a todos.

E então, para minha grande surpresa, eu o vi. Benjamin acabava de entrar pela porta do templo acompanhado de uma bela loira ao seu lado. Antes que pudesse me certificar de que ele tinha me visto, desviei o olhar e arrumei uma maneira sutil de virar de lado,

enquanto meu cérebro tentava raciocinar ao ouvir os irmãos contarem o caso de outra jovem que havia ido para a cidade grande estudar. Era óbvio que eu não poderia ignorá-lo para sempre, mas, naquele momento, parecia ser a coisa mais fácil a se fazer.

Ana e João logo apareceram. Fui recebida com o mesmo amor de sempre, com um abraço carinhoso da querida senhora. Logo me contaram sobre Gabi e suas aventuras nas missões, e apesar de ficar feliz com as notícias, eu só conseguia imaginar coisas para fazer e dizer quando o irmão dela se aproximasse — e provavelmente acompanhado.

— Ela chega daqui quatro meses. Tenho certeza de que ficará muito feliz por vê-la — Ana disse, completando as informações sobre minha amiga. — Você ainda estará aqui? — indagou.

— Acredito que sim. Ainda não defini exatamente meus planos, tenho orado a Deus e preciso conversar com meu pai. Mas ele não quer falar sobre isso ainda, disse que não é hora.

— Com certeza, ele sentiu muito sua falta — João comentou com um sorriso. — Vai fazer de tudo para mantê-la o maior tempo possível por aqui.

Concordei com ele e ao desviar meus olhos por um minuto, consegui ver Benjamin mais próximo, conversando com a garota misteriosa e outro jovem da igreja. Mudei rapidamente a direção do meu olhar, mas logo percebi que não adiantaria fugir. Benjamin vinha ao meu encontro.

— Olha só, quem encontramos por aqui! — ele disse com sua costumeira gentileza. — Veja se não é a patricinha da roça!

Aquela brincadeira encontrou um lugar propício no momento. De alguma maneira, quebrou toda a tensão na qual me encontrava. Eu sorri em resposta e, sem esperar, Benjamin me abraçou. Obviamente, era um abraço bastante cristão e respeitoso, mas era um abraço. E um abraço entre mim e o rapaz por quem eu tinha me apaixonado cegamente há apenas alguns meses.

— Eu não sabia que estava por aqui — declarei quando nos afastamos e minhas mãos seguraram a minha Bíblia com força. — Achei que estivesse na África do Sul ou em algum outro país.

— Eu também não sabia que já estava aqui. Achei que você ainda estava nos Estados Unidos ou em outro país.

Atrevi-me a olhar nos olhos dele e me perdi por um segundo. Como ele era bonito! Não era à toa que a antiga Lara tivesse caído de amores por ele. E pensar nisso só me deixou ainda mais envergonhada, uma vez que eu tinha agido de maneira tão imprópria no passado. Benjamin pareceu reagir e resolveu chamar a garota loira dos olhos azuis para nos apresentar. Para minha surpresa, ele falou em inglês.

— Lara, essa é a Jennifer. Jenny, essa é a Lara, uma amiga de longa data.

— Muito prazer — disse e estendi a mão para ela, atentando-me que eu tinha sido apresentada como amiga e ela não tinha sido nomeada como nada. De repente senti uma enorme necessidade de saber quem exatamente era ela. Namorada? Noiva? Amiga? Parente?

Porque eu estava tão preocupada em saber o que ela representava para ele?

— Muito prazer — ela respondeu, educada.

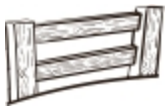
Meu momento de desespero foi interrompido com a chegada de papai. Ele se aproximou e, pedindo desculpas, solicitou que eu o acompanhasse, alegando que Rebeca estava chorando e nós precisávamos partir.

— Foi bom rever você, Ben. — Estendi a mão para ele, evitando outro abraço inesperado.

— Foi sim — ele disse, apertou minha mão e sorriu. — Mas receio que nos veremos novamente em breve. — Ele soltou minha mão e deu de ombros. — É minha vizinha agora.

Concordei, me despedi dele e da garota e corri atrás de meu pai, olhando para frente, imaginando o que Ben estava pensando de mim. No caminho de casa, mantive-me em silêncio, tentando não pensar nas suposições da minha mente sobre aquele encontro e o quanto ele tinha mexido comigo.

“Senhor, por favor, não me deixe ser como antes! Me impeça de cometer os mesmos erros do passado. Tem misericórdia de mim e me ajude a manter meu coração quietinho e nas mãos do Senhor!” Orei silenciosamente e fiz o possível para deixar minha mente longe de pensamentos impróprios.



Na manhã seguinte, ainda levemente alterada pela mudança do fuso horário, resolvi fazer meu momento de devocional ao ar livre. Lembrei-me das minhas manhãs em terras norte-americanas, quando me sentava na grama do quintal da família Wilson para ler as escrituras e orar. Também senti falta dos cultos familiares na companhia daquela família que se tornou tão especial para mim. Aproveitei o momento para orar por eles. Depois de ler uma passagem em 1 João e fazer as devidas anotações em meu caderno companheiro, minha mente vagou para o encontro inesperado da noite anterior. Por mais que eu tentasse esconder, eu tinha sido afetada pela presença de Benjamin. Eu estava, ainda por cima, bastante curiosa e desconcertada com a ideia de ele estar namorando aquela menina tão linda.

Mas quem era eu para um dia ter pensado que aquele homem olharia para mim? Quanta ilusão para uma garota boba e carente! Ben era um homem incrível, mais velho do que eu, tão conhecedor da Palavra e do Senhor, e eu era uma menina ainda, engatinhando nas coisas de Deus.

E, Lara, ele pode estar comprometido! O que, aliás, parecia bem óbvio.

Meus olhos voltaram para a fazenda do lado. De onde eu estava, podia enxergar a varanda e, de novo, precisei acalmar minha mente e coração. Fechei os olhos e orei ao Senhor, pedindo auxílio e ajuda. Não queria seguir meu coração enganoso e corrupto novamente, tampouco deixar que sentimentos antigos aflorassem por uma pessoa que obviamente não estava interessada em mim. Tinha conseguido vencer muitas coisas pela graça de Deus para colocar tudo a perder daquela forma.

Para minha inteira decepção, como se o Senhor estivesse respondendo minha oração, quando abri meus olhos vi Benjamin e Jennifer sentados na mesa disposta na varanda. Eles pareciam estar avaliando algum papel na mesa, talvez estudando a Bíblia, o que não me surpreenderia.

Suspirei e me levantei para sair dali. Eu era grata a Deus por ter colocado Benjamin e Gabi em minha vida. Eles tinham sido amplamente usados pelo Senhor para me mostrar o caminho e, provavelmente, era por isso que ainda me sentia tão ligada a ele.

Voltei para casa e permaneci lá dentro, mantendo minha mente ativa, enquanto conversava e ajudava Daniela nas tarefas de casa.

Mais tarde, logo depois do almoço, papai interrompeu meu momento irmã babona e me pediu para buscar algumas encomendas na venda do Sr. Genaro.

— Não é uma galinha, né, pai? — indaguei, crispando os olhos.

— Não — ele negou e riu. — Ele trouxe da cidade algumas vacinas para os animais e preciso para hoje ainda. Eu até iria, se não tivesse sido pego de surpresa com um problema no trator.

— Tudo bem, eu realmente estou precisando fazer alguma atividade física. Uma caminhada será bem-vinda.

Após ouvir suas instruções, tomei o caminho pela estrada e caminhei apreciando a natureza, vendo a mão criativa do Senhor tecendo um mundo tão belo e diverso. Como nosso Senhor era bom e como era impossível não ver seu caráter refletindo em cada canto dos pássaros, no voar das borboletas, nas diversas flores cujas pétalas, cheiros e cores se diferenciavam uma das outras por espécies. Oh, como Ele é poderoso, sábio e grandioso!

Após pegar as encomendas com o simpático senhor dono da venda, voltei pela mesma estrada, meditando na beleza do meu Deus. Sentia-me livre e leve, sendo capaz de caminhar por quilômetros apenas pensando na bondade do criador.

— Quer ajuda?

Sobressaltei-me ao ouvir a voz masculina às minhas costas e me surpreendi por não ter notado a aproximação de um cavalo. Olhei rapidamente, já suspeitando de quem se tratava.

— Acho que eu dou conta. Estou muito bem, obrigada — respondi sorrindo, sem parar minha caminhada.

— Serei obrigado a concordar que dessa vez não há nenhum animal sofrendo maus tratos — ele disse e, após se aproximar o bastante, desceu do cavalo. — Contudo, ainda sou um cavalheiro.

Benjamin retirou a sacola da minha mão e fui obrigada a parar de andar enquanto ele a amarrava na sela de seu cavalo. Depois, ele andou do meu lado segurando uma corda para guiar o animal logo atrás.

— Preciso confessar que fiquei surpreso por ver você na igreja tão desenvolta.

Eu ri, parte envergonhada, parte achando graça de como ele tinha falado.

— Pensei que você acreditava em milagres — brinquei.

Benjamin sorriu e pensou um pouco antes de falar.

— Você está muito diferente. Gostei do corte do cabelo — ele falou, e eu esperava que viesse uma brincadeira, mas ele ficou sério. — Mas creio que sua mudança maior foi muito mais profunda, não é?

— Você não poderia ter dito algo mais verdadeiro.

— Confesso que fiquei feliz, mas também surpreso quando Gabi me contou.

Olhei para ele e franzi as sobrancelhas.

— Não era você quem dizia estar orando para que eu conhecesse a Cristo de verdade? Não acreditou que o Senhor ouviria, homem de pequena fé?

Ele deu uma gargalhada espontânea e eu me arrependi de ter brincado daquela maneira, porque ele me pareceu muito bonito daquela forma.

— Com sinceridade? — perguntou quando conseguiu se conter. — Pensei que demoraria um pouco mais.

— Meu Deus! Eu era tão complicada assim? — retruquei.

Ele apertou os lábios, claramente tentando conter a boca de dizer o que realmente pensava.

— Céus! Quanto papelão eu passei — declarei e senti uma vergonha súbita ao me recordar das coisas que eu tinha dito e feito.

— O que importa é que tudo se fez novo, não é verdade? — ele falou e, tentando soar mais sério, continuou: — Eu estou muito ansioso por saber sobre como foi sua conversão.

Mantive o olhar na estrada à frente e balancei a cabeça.

— Teremos oportunidade de conversar, não é mesmo? Posso adiantar que você e a Gabi, de alguma maneira, tiveram um papel

importante me apresentando as Escrituras.

— Assim você me deixa ainda mais ansioso para ouvir seu testemunho. — Ele parecia realmente empolgado. — Ontem mesmo estava contando para a Jennifer o quanto você e Gabi eram amigas, e o quanto minha irmã desejava que você fosse encontrada por Deus.

Munida de uma coragem que não sei de onde surgiu, depois de sorrir, tentei parecer natural ao perguntar:

— A Jennifer, ela é sua... Hum, você a conheceu onde?

— A Jennifer? — ele indagou retoricamente, parecendo surpreso com minha pergunta. Eu assenti. — Ela é missionária, nos conhecemos na África do Sul. Também é engenheira, acabamos trabalhando juntos e estamos terminando um projeto que criamos unindo nossas ideias e conhecimentos.

— Sua namorada? — hesitei só por um segundo antes de perguntar. Eu precisava esclarecer, de uma vez por todas, aquela situação e cancelar, em definitivo, qualquer traço de possibilidade em minha mente.

— Não, não. Ela é uma garota incrível, mas nós não estamos namorando, somos apenas amigos.

Olhei para ele, mas, no mesmo instante, me arrependi, pois denunciei a minha incredulidade através da minha expressão facial ao ouvir aquela sentença.

— É verdade. Ela não é a garota certa para mim, mesmo tendo a mesma visão de missões. — Percebi que tinha mais ali do que ele estava dizendo, por isso evitei olhar para ele. — Meus pais parecem concordar com isso também.

— Você não precisa me explicar nada — respondi. — Aliás, sua mãe ainda está fazendo geleias? Ela tinha prometido me ensinar antes de eu viajar e agora eu estou bastante interessada em aprender. Quero muito melhorar meus dotes culinários.

Nós desviamos nossa conversa e logo ela tomou um rumo mais leve, sem menção de relacionamentos. Quando chegamos à porteira da minha casa, ele desamarrou a sacola presa na sela.

— Daqui quatro dias eu vou levar Jennifer ao aeroporto. Seria muito legal se você pudesse ir. Assim, na volta, teremos tempo para

conversar e você pode me contar os desfechos de sua tão sonhada viagem.

— Ah... — murmurei, um pouco surpresa. — Eu preciso perguntar para meu pai. Daniela precisa de minha ajuda às vezes, não quero deixá-la na mão se estiver contando comigo para algo.

— Eu falo com seu pai, não se preocupe. — Ele me entregou a sacola. — E você combina com a Dani, tenho certeza de que ela não irá se opor. Seria bom ter companhia na volta.

Peguei o objeto e engoli em seco, sem ter certeza de que eu queria mesmo ser essa companhia.

— Obrigada — respondi e me virei, caminhando para casa sem olhar para trás.



Capítulo 14

Uma coisa aprendida nos meus um pouco mais de um ano de conversão era que Deus perdoa a multidão de nossos pecados, mas nem sempre Ele nos livra das consequências deles.

Quando vi Benjamin pela primeira vez após o meu retorno, eu estava desprevenida, graças a Deus. Aliás, não só na primeira, como também na segunda. Portanto, não tive tempo de processar o que me aguardava no ato de nosso reencontro, por isso não fiquei ansiosa, tampouco alarmada, fantasiando mil e uma situações distintas. Contudo, logo imaginei que seria diferente com aquele convite.

Passar algumas horas em companhia de Benjamin na volta já era um tanto quanto assustador, mas, pior ainda, seria passar algumas horas na viagem de ida até o aeroporto segurando vela. Ainda que Ben tivesse mencionado seu relacionamento com Jennifer dentro da esfera de uma amizade, ficou muito claro para mim, ao observar a pouca interação dos dois nos quatro dias posteriores à nossa conversa, o quanto ela estava apaixonada. Se da parte dele tinha algo a mais, eu não sabia, mas ela não conseguia esconder o quanto admirava o rapaz. E quem poderia culpá-la? Eu não! Tinha ficado da mesma maneira antes de partir, muito embora minhas intenções pudessem ter sido um pouco diferentes das dela.

Acontece que, quando Benjamin buzinou na frente da porta da minha casa, eu já não estava mais tão insegura, ao menos na parte de precisar encará-lo sozinha no nosso retorno. Os quatro dias foram suficientes para reprimir o desconforto inicial de precisar encará-lo

depois de ter praticamente me oferecido com uma placa de “estou disponível” no passado. Havia também a necessidade de lidar com a vergonha de encarar meus próprios erros e reconhecer, mais uma vez, o quão carente e errada eu estava antes de ser alcançada pelo Senhor. Porém, durante esses dias, todas as vezes que nos encontrávamos — e não foram tão poucas, uma vez que ele estava prestando auxílio para meu pai com alguns afazeres da fazenda, mas sempre eram interações rápidas — ele me tratava normalmente, como se nada tivesse acontecido no ano anterior.

Enfrentando meus medos, reais ou não, entrei no carro pela porta de trás e cumprimentei os dois amigos sentados lado a lado nos bancos da frente. Benjamin havia conversado com papai, pedindo autorização para que eu acompanhasse os dois e, em troca, precisei lidar com alguns olhares insinuantes do senhor Marcos quando me despedi.

— Ei, Miúda — Benjamin disse, me olhando pelo retrovisor antes de ligar o carro. — Espero que esteja afiada no inglês.

Eu sorri em resposta sem saber bem o que dizer. Assim que pegamos a estrada e uma conversa amigável se estabeleceu entre nós três, eu me surpreendi com a destreza do rapaz falando inglês muito bem, apesar do sotaque carregado. O aeroporto ficava há uma considerável distância de Canaã, e nesse tempo, mesmo os dois tentando me incluir nos assuntos, era muito estranho perceber a incrível proximidade e intimidade que existia entre eles, sendo muito difícil ousar me intrometer. Eu ainda não tinha partilhado com ninguém sobre o crescente desejo de meu coração em relação às missões, por isso, apesar de ouvir, muito interessada, o que eles contavam, mantive-me quieta.

Em determinado momento eu sorri sozinha, pensando em como me sentiria como uma E.T. se aquela situação tivesse ocorrido antes de eu conhecer a Cristo de verdade. Eu conseguia compreender, enfim, o que eles diziam. Para minha surpresa e constrangimento, Ben viu pelo retrovisor a risadinha que tentei conter.

— O que foi? — ele perguntou, curioso.

Intimidada, tentei parecer natural, mas senti as minhas bochechas esquentarem sem ter certeza do motivo.

— Ah... Eu estava refletindo sobre o que o Senhor fez em minha vida, só isso — respondi rapidamente e Jennifer olhou para trás, demonstrando interesse. — Há alguns meses eu não estaria muito contente com o rumo dessas conversas.

— É verdade, não posso negar — Benjamin falou um tanto com graça, um tanto sério. — Você me deu trabalho, Lara.

Com medo de ele levar a conversa para o meu passado constrangedor estando na frente da menina, perguntei algo sobre o trabalho deles e os dois num instante engajaram no assunto, contando sobre o projeto que estavam desenvolvendo. Jennifer foi muito elogiada pelo rapaz por sua inteligência e coração de serva.

Senti-me um pouco incomodada por perceber como, diferente de mim, Benjamin parecia ter encontrado seu lugar. E, para minha surpresa, constatei que eu não estaria presente para ver nenhum de seus planos em ação, ao contrário de sua companheira, engenheira e missionária estrangeira.

Acalme-se, Lara! Não confunda as coisas!

Quando chegamos ao aeroporto, Benjamin parou o carro no estacionamento. Minha intenção inicial era permanecer no veículo, contudo, além da necessidade de ir ao banheiro, Ben não me deu a opção, forçando-me a descer junto com eles.

As malas de Jeniffer foram colocadas em um carrinho de bagagem e eu, notando a tristeza e um pouco de angústia no rosto dela, usei a desculpa da minha necessidade para me afastar, deixando-os sozinhos a caminho do *check-in* depois de me despedir amigavelmente da garota.

Demorei muito tempo para alguém que só queria usar o banheiro. Aproveitei para passear por algumas lojas e me assustar com o preço exorbitante das coisas, pensando quanto demoraria para o embarque de Jennifer. Com certeza, Benjamin esperaria até que o avião decolasse, e dado à antecedência que chegamos, decidi me sentar e usar meu telefone como distração para passar o tempo.

Mais de uma hora se passou até que eu vi a figura de Ben caminhando pelo saguão à minha procura. Sua expressão era séria e eu suspeitei que algo tivesse acontecido no intervalo de tempo em que ele ficou a sós com a amiga. Acenei, um pouco tímida, e ele me

viu, sorrindo em resposta. Senti meu coração disparar e me condenei por ser uma boba que se deixava levar por sentimentos do passado.

— Ei! — ele disse quando chegou perto o bastante e eu me levantei do banco. — Você sumiu.

— Eu não quis atrapalhar — respondi e desviei os olhos. — Imagino que queriam se despedir.

Ele não disse nada, embora sua expressão denunciasse o quanto eu tinha razão.

Nós retornamos para o carro e dessa vez assumi o banco do passageiro, ao lado dele. Percebi, durante o tempo de silêncio que nos rodeou, que ele estava estranho, um pouco distante e pensativo e eu atribuí isso ao fato de que algo realmente tinha acontecido entre ele e Jennifer. Mas, de repente, do nada, ele me olhou de soslaio.

— Estou muito curioso para ouvir sua história, Lara. Sei de algumas partes, já que esse tipo de notícia costuma correr rápido.

— Ai, meu Deus! Fui tão exposta assim? — perguntei em tom de brincadeira, pensando se tinha sido meu pai ou Gabi a denunciar sobre minha conversão. — Quem te contou?

Benjamin demorou um pouco para responder, forçando um suspense.

— Partes minha irmã, partes o Marcos. — Depois de uma curva acentuada, na qual ele depositou sua atenção, continuou: — Mas nada como ouvir em primeira mão. E temos um longo caminho até nossa casa.

— Nem sei por onde começar.

Suspirei, ponderando como dar início ao relato da grande mudança que ocorrera em mim. E o pior é que eu precisaria ser discreta ao relatar as partes cujas atitudes dele tiveram um grande impacto em minha alma.

— Acho que preciso iniciar dizendo que você, a Gabi e sua família tiveram muita importância na minha história, ainda que não tenham ciência disso — falei, sem ousar olhar para ele. — Talvez tenha parecido que eu não me importava, mas todo o tempo dedicado para me ensinar surtiu efeito. O Senhor estava me despertando, trabalhando em mim para que eu reconhecesse quem Ele é e o quanto eu precisava Dele.

Fiquei feliz por ele não ter dito nada, assim poderia prosseguir sem tocar no assunto da minha conduta inapropriada.

— Papai fez questão de escolher a família que me receberia e, obviamente, optou por uma que se posicionasse como cristã. Quando cheguei lá, fui muito bem acolhida pelos Wilson. — Não pude evitar o sorriso, resposta do carinho que eu tinha por eles. — Eles tinham três filhos, dois casados e uma jovem da minha idade, a Lizbeth. Lembro-me de pensar na ironia do destino, eu fugindo de Canaã e de todas as conversas religiosas ao meu redor, indo parar dentro de um lar cristão e piedoso. Aliás, eu fiquei fascinada em conviver com uma família como a deles, mesmo tendo esse pequeno "problema". Eu não sei explicar, era uma relação de alegria e desagrado ao mesmo tempo, enquanto eu construía uma nova relação familiar. Era engraçado como eles me tratavam, pareciam dispostos a me adotar como filha.

Benjamin permaneceu calado e concentrado na estrada, mas demonstrou estar me ouvindo com um pequeno aceno de cabeça.

— Eu até tentei relutar um pouco no início, fechar meu coração. Mas o amor, cuidado e palavras daquela família não me permitiam me isolar. Nem há tanto mistério, sabe? Eles foram pregando a Palavra, eu fui convidada a participar dos cultos familiares, depois a ir à igreja com eles e, quando percebi, estava ansiosa para saber mais. A antiga Lara, que recriminava tudo, parecia ter existido em um passado muito distante. — Dei uma pequena pausa, pensando nos acontecimentos daquele primeiro mês na casa dos Wilson. — Tia Beth e Tio Paul, como eu os chamava, eram muito pacientes comigo, mesmo quando eu tinha atitudes bastante erradas, eles não me condenavam, mas me corrigiam em amor, sem passar a mão na minha cabeça. Bem, acontece que tudo, desde os estudos na varanda de sua casa, algumas coisas do meu passado, de quando minha mãe falava comigo, até as pregações no culto, tudo isso, toda Palavra pregada, acabou penetrando no meu coração corrupto e eu consegui enxergar as coisas de uma maneira diferente.

— Deus é bom! — Benjamin exclamou, um pouco contido, não querendo interromper meu relato, mas incapaz de esconder seu

contentamento. Eu conseguia entender então, naquele momento, a alegria dele de ver a conversão de uma vida.

— Ah, Ele é sim! Sabe, hoje, quando eu olho para trás consigo ver a graça e o cuidado Dele conduzindo minha vida, me atraindo, mesmo quando eu o tinha como inimigo. É incrível quando percebemos o amor Dele por uma pecadora tão miserável sendo tão real. Eu só consigo ver a graça Dele indo lá e me puxando, mesmo eu querendo fugir e rejeitando-o. Mas, quando Ele escolhe, não temos saída. Ele vem e regenera nosso coração duro e não nos dá outra opção senão nos rendermos aos Seus pés e nos arrependermos de nossos pecados, clamando pelo perdão. Efésios 2 se tornou muito real para mim. “Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados”.

— Uau! — Benjamin demonstrou sua surpresa. — Ouvir você falando assim, com tanta segurança e... sabedoria! Sério, Lara! Deus é bom! — Ele me lançou um breve olhar. — Mas, me conte, quando aconteceu essa transformação?

— Não demorou muito, embora eu nem saiba exatamente quando. Foi acontecendo sem eu perceber. Primeiro eu fiquei interessada, e preciso confessar que embora eu tentasse negar, começou aqui, com seus estudos — falei meio sem jeito, uma vez que sempre era difícil tocar no assunto de nossa interação sem me lembrar das minhas idiotices. — Então eu não sei como, mas passei a enxergar meus pecados e ver o quanto eu precisava de ajuda, de alguma coisa, e até... até de amor, um amor verdadeiro. E aí foi um pulo para entender a depravação da minha vida e o que Cristo fez na Cruz. E aí você já sabe. Os Wilson me discipularam e foram pacientes, me ensinando tudo.

— É tão bom ver como Deus ocupa-se de todos os detalhes. Ele te colocou em uma casa para cuidarem de você nesse período tão necessário.

— Ah! E foi. Não foi fácil, porque, embora eu tenha realmente me convertido, muitas dúvidas ainda pairavam sobre meu coração, sobretudo em relação à minha mãe. Às vezes, a gente até entende, com a razão, a resposta para certas coisas, mas aquilo ainda não virou uma verdade em nossa vida. Eu confiava em Deus, vi seu amor, vi o quanto precisava Dele, mas no fundo eu ainda não

compreendia o porquê da morte da minha mãe, principalmente quando eu via aquela família unida, completa, sempre tão feliz.

— Imagino que não seja fácil lidar com isso. Eu compreendi suas dores quando você as expôs para mim, mas sabia que a resposta estava em Cristo.

— É verdade — respondi e sorri quando nossos olhos se encontraram por um instante. — E eu não posso deixar de agradecer a você por ter sido uma grande influência nisso tudo.

— Eu? — ele questionou, fingindo estar mais surpreso do que realmente estava.

— Claro! Você foi paciente, pregou para mim, para começar. Depois, a Bíblia que você me deu. Ah, Ben! — Puxei o ar, lembrando-me como aquele presente tinha sido tão útil. — Eu comecei a ler a Bíblia desenfreada. Comecei pelo Novo Testamento, por orientação do Tio Paul. Olha, eu preciso confessar que completei a leitura em um mês. — Dei uma risada, principalmente depois do olhar de incredulidade do motorista. — Eu sabia que deveria digerir melhor as palavras, mas eu estava desesperada por saber tudo que a Bíblia tinha para mim. Eu não conseguia parar de ler. Às vezes, não entendia nada, mas não conseguia parar. Depois precisei reler, com mais calma, dessa vez, parando para questionar alguém sobre algo que eu não entendia. Mas, mesmo assim, eu continuei lendo o Antigo Testamento também. Foi uma benção quando eu concluí a minha primeira leitura completa, mesmo sabendo que precisava ser mais minuciosa no estudo.

— O importante é perseverar. Muitos desistem por não estar entendendo algo, ou por ter dificuldade com a escrita, mas é necessário continuar e estudar também, para melhorar a compreensão.

— Sim! E o Tio Paul tinha uma biblioteca. Ah, Benjamin! Que biblioteca! — exclamei, recordando dos títulos. — Acabei treinando minha leitura em inglês usando um comentário bíblico para me auxiliar quando recomecei a ler, mas aí deu a hora de vir para casa. — Fiz um bico de decepção.

— Mas tem bons comentários bíblicos em português também, não se preocupe!

— É verdade. Ei, e eu esqueci de mencionar mais uma coisa importante que você influenciou, junto com a Gabi, a minha vida.

— Hum... — ele murmurou, me esperando revelar.

— O livro que me deram, *O sofrimento nunca é em vão*. Meu Deus, que livro! Ele me ajudou a entender a soberania de Deus mesmo em meio aos nossos sofrimentos, de que Ele está no comando, usando tudo com um propósito, ainda que não compreendamos. Eu passei a enxergar o que as Escrituras dizem e não me basear no meu senso de justiça própria. Consegui ver que o sofrimento de Cristo torna meu sofrimento tão pequeno, principalmente quando eu entendi que eu, Lara, merecia toda sorte de coisas ruins acontecerem comigo em resposta aos meus muitos e muitos pecados, porque eu nunca fui e nunca serei, sem Ele, uma pessoa boa. Mas o de Cristo não! O Dele foi um sacrifício, um sacrifício de sofrimento por amor, e amor por pecadores que mereciam o inferno.

Fiz uma pausa para respirar e vendo a atenção de Benjamin em minhas palavras, mordi o lábio inferior.

— Ai, perdão, me empolguei! — disse e ri.

— Ah, nem tinha percebido — ele gracejou.

— Eu amei esse livro, li ele e outros, indicados pelos Wilson e pelo meu pastor de lá. Tenho tantos livros na minha lista de leitura, tenho tanta coisa para estudar! Quero aprender mais, sabe? Me sinto uma bebê ainda nesses assuntos, mas eu quero tanto me preparar. — Umedeci os lábios e tomei coragem para contar. — Eu tenho desejado fazer missões.

— Sério? — ele indagou com euforia. — Você está falando sério?

— Claro! Eu tinha minha vida toda planejada, sabe? Mas Deus veio e mudou tudo, inclusive meus planos e sonhos. Nos últimos meses eu andei pensando muito sobre isso. Tio Paul e Tia Beth viveram muitos anos em missões, eles trabalham hoje nessa área na igreja. — Percebi que eu apertava o banco com força e relaxei um pouco a tensão. — Eu fiquei pensando se esse meu desejo de sair de casa, de viajar, se isso já não era o Senhor me preparando para partir e falar sobre Ele. Mas reconheço que preciso me preparar antes.

— Lara, acho que teremos muito assunto em comum para conversar!

E ele tinha razão. Nossa conversa fluiu depois disso, passeando para os mais distintos assuntos. Era engraçado como sempre havia um ponto de partida e um de chegada: a Escritura. E isso foi um ponto fundamental para que nossa amizade crescesse num nível tão diferente até então.

Quando chegamos à Canaã, eu sabia que havia mais uma coisa que eu deveria tratar com ele. Durante o trajeto, várias vezes surgiu a vontade de falar e eu entendi a necessidade de consertar as coisas de uma vez por todas. O carro parou em frente à minha casa e eu virei o meu corpo um pouco de lado, encontrando-o com uma expressão suave.

— Ben, obrigada mesmo por essa conversa. É muito bom ter alguém com quem conversar sobre as coisas do Senhor.

— Concordo — ele respondeu e fez um aceno de cabeça.

— Mas eu sinto que preciso... — Respirei fundo, tomando coragem. — Preciso pedir perdão pelo meu comportamento do passado. Não agi de maneira correta e, bem, eu queria pedir perdão pelas coisas que fiz e disse — foi tudo o que consegui dizer.

— Não se preocupe com isso, Lara. Você está perdoada. E preciso dizer que sua mudança é visível.

Apenas acenei com a cabeça e abri a porta rapidamente, ainda constrangida por aquela atitude. Me despedi e, sem demora, entrei para dentro de casa, sem olhar para trás.



Capítulo 15

— Ei, Lara — Daniela apareceu na porta do meu quarto e ficou um pouco hesitante ao me ver deitada, distraída com a leitura de *O Peregrino*. — Ah, você está ocupada.

Percebendo que ela temeu me incomodar, fechei o livro rapidamente e me sentei na cama.

— Não, estou lendo para relaxar um pouco. Você precisa de algo?

— Bem, é que preparei um lanche para os rapazes e queria saber se você pode servi-los. Rebeca está me aguardando para mamar — ela explicou, com um olhar de mãe atarefada.

— Eu levo, não se preocupe!

Dani tinha preparado uma broa de fubá e alguns biscoitos caseiros, além de uma garrafa de café coado e arrumado tudo em uma cesta para que eu conseguisse levar até a obra. Nos três meses vivendo com ela, eu estava aprendendo muito sobre domesticidade e como ser uma boa dona de casa. Me impressionava o cuidado que ela dispensava à nossa família, fazendo-me, cada dia mais, agradecer a Deus pela presença dela, muito embora, deva confessar, às vezes era estranho estar no meio do relacionamento deles. Eu sabia como minha presença atrapalhava, de certa forma, a convivência do casal. Eu não gostaria de me casar depois de tantos anos esperando e ser necessário me conter romanticamente por conta de uma jovem morando na mesma casa.

Ouvi todas as recomendações dela e peguei a cesta um pouco pesada, indo em direção ao galpão que estava sendo erguido

em nossa propriedade. Papai achou prudente resolver de uma vez por todas os problemas da falta de um lugar para guardar as ferramentas, uma vez que Benjamin o havia incentivado, apresentando uma opção de construção de qualidade e baixo custo.

— O que temos aí, filhota? — papai perguntou assim que me viu aproximar.

— Dani preparou um lanche para vocês — respondi, deixando a cesta em cima de uma mesinha improvisada.

— A Dani sempre pensando em tudo — papai falou e eu percebi o quanto ele tinha aprendido a amá-la. — Parece que ela acerta a hora exata de quando meu estômago começa a reclamar.

Dei um sorrisinho, concordando com ele. Ela parecia estar sempre em sintonia às necessidades do meu pai. Abri a cesta e coloquei os alimentos na mesa enquanto papai chamava dois dos rapazes que estavam trabalhando com ele para comer.

— Benjamin está em cima do telhado — meu pai explicou e eu, no instinto, olhei para cima, procurando-o. — Você pode chamá-lo?

— Tudo bem.

Ele apontou para a parte de trás do galpão em construção, onde seria possível ver o engenheiro trabalhando. De braços cruzados, dei a volta no monte de areia e caminhei até lá, encontrando uma escada encostada na parede que ia do chão até o telhado.

— Ei, Benjamin! — gritei, dando alguns passos para trás, buscando contato visual com ele.

— Ei, Miúda — ele respondeu quando me viu, com um sorriso amigável, mas provocador.

Revirei os olhos, uma vez que aquele apelido específico ele usava para me torrar a paciência, mas sorri.

— Dani mandou um lanche, papai pediu para te chamar.

— Broa? — ele questionou com os olhos cheios de expectativas.

Eu assenti e ele se ergueu um pouco lá de cima, deixando-me aflita, temendo que ele despencasse de lá. Porém, ao invés de se preparar para descer, ele me encarou, sério.

— Você pode trazer aqui para mim?

— Aí em cima? Você está doido? — Avaliei a altura em que ele estava e a quantidade de degraus da escada necessários para subir.

— Por favor, eu realmente não posso descer agora. Estou prendendo as ripas e queria concluir o trabalho antes de anoitecer. Se eu descer, vou acabar enrolando muito e a noite chegará.

— Benjamin, às vezes você trabalha demais!

— Eu sei — ele respondeu rindo e pegou o martelo para pregar as peças de madeira.

Saí de lá assim que a primeira batida forte ressoou. Expliquei para papai o pedido de Ben, acreditando que ele acharia tão absurdo como eu, mas ele apenas indicou um pano de prato, instruindo-me a usá-lo como uma trouxa para levar pedaços de bolo e biscoitos para o rapaz. A ideia foi muito boa, porque quando comecei a subir os degraus, o pano não atrapalhava o apoio da minha mão, agarrada à escada como dava, temendo pisar em falso e ser o triste fim da minha curta vida.

Quando cheguei lá em cima, Benjamin estendeu a mão e me ajudou a subir na pequena laje, orientando-me onde eu deveria pisar e quais cuidados tomar.

— Senta aí, já que está aqui — ele falou, apontando para uma tora de madeira, usada como banco improvisado depois de pegar o pano com os quitutes.

Enquanto Benjamin comia e elogiava os dotes culinários de minha madrasta, peguei-me observando-o. Instintivamente, lembrei dos meus sentimentos de antes da minha partida de Canaã e de como eu estava loucamente apaixonada. Era imatura e tinha me deixado levar pela beleza do rapaz, atraída pelo pouco de atenção que ele me deu. Contudo, eu não conhecia Benjamin como o conhecia naquele momento. Ele havia se tornado meu amigo e nossas conversas eram cada vez mais extensas, sobretudo nos últimos dias. Eu amava ouvi-lo compartilhar coisas das Escrituras ou sobre suas experiências de missões. Era gratificante ver o amor dele pelo Senhor e pelo Reino. Também apreciava cada vez mais sua disposição para servir, como fazia naquele momento, ajudando papai, e sua inteligência. Ele era também um excelente amigo, sempre pronto para dizer a verdade, mesmo quando ela se

apresentava um pouco dura, mas o primeiro a incentivar quando algo estava indo no caminho certo.

Porém, avaliando meu coração naquele momento, eu percebi que não existia aquele mesmo sentimento avassalador do passado. Não posso negar que havia sim, algo dentro de mim que sempre se remexia ao pensar nele, ou estar com ele. Mas era um sentimento diferente. Eu o considerava meu amigo, um irmão em Cristo, maravilhoso e abençoado; claro, um partidão que seria um presente para a sortuda escolhida por ele — e muitas vezes eu pensei sim, que eu queria ser essa escolhida —, mas, ainda sim, um amado irmão em Cristo.

— Está pensando em que? — ele indagou quando percebeu o quanto eu estava aérea.

— Han? — murmurei, me dando conta de que havia divagado um pouco. Vendo-o esperar por uma resposta, pensei rapidamente como sair daquela situação. — Pensando em como as coisas mudaram.

— É mesmo?

— Sim. — Ponderei um pouco e achei prudente dar outro rumo à conversa. — É incrível ver como Deus transforma as situações em nossa vida para o nosso bem, mesmo quando esse bem parece, num primeiro momento, algo muito ruim. Ou transforma situações ruins em algo bom.

— Você está dizendo sobre... — Eu já estava acostumada com aquela maneira usada para me incentivar a falar.

— Lembra da minha formatura? Que você nos resgatou no meio da chuva?

— Impossível não lembrar.

— Já parou para pensar quantas coisas aconteceram por causa daquele dia? Veja bem, primeiro o Senhor me livrou de uma festa que eu realmente não deveria estar. Depois, apesar de ter sido horrível o acidente de meu pai, ele conheceu a Daniela e eles se aproximaram também, por causa da bendita perna quebrada. — O encarei por um momento e me surpreendi com o quanto ele estava atento em mim. — Acontece que aquela chuva de consequências difíceis, transformou a nossa vida. A do meu pai e também a minha.

— Jeito interessante de ver as coisas.

— Eu não estou brincando!

— Eu sei que não — ele respondeu, sério.

— O fato de papai ter se apaixonado pela Dani por causa daquela perna também me levou para o Estados Unidos, onde o Senhor usou pessoas para me ajudar, para me aconselhar. Eu mudei a minha vida completamente, minha visão, meus sonhos. E quando eu retornei, tinha uma irmã linda para eu mimar, como sempre quis. Posso dizer hoje que tenho uma irmã! Não sei se você entenderia o quanto isso significa para mim. — Benjamin apenas assentiu com a cabeça, mostrando compreensão. — Você se lembra que uma vez, antes de eu partir, me disse com convicção que Deus tem o controle de todas as coisas e tudo coopera para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito? Creio que tenho conseguido ver vislumbres de algumas coisas em minha vida. Não apenas de bênçãos, como a Rebeca, mas da mudança do meu caráter, me tornando mais como Cristo.

— Uau, Miúda! Você anda muito profunda esses dias — ele falou, meio brincalhão, meio sério. — Mas eu entendo aonde você quer chegar.

— Eu não sei exatamente porque tudo aconteceu, talvez nunca saberei porque Ele levou minha mãe tão cedo, ou porque coisas ruins aconteceram na minha vida. Mas Ele tem sido misericordioso em me deixar ver alguns de seus propósitos com certas situações tensas pelas quais eu vivi. — Olhei para ele e franzi a testa. — Está entendendo?

— Claro! Eu te entendo completamente.

Benjamin não continuou a falar. A comida já tinha acabado, mas ele não parecia pronto para voltar ao trabalho. Ele esperou um tempinho até parecer ter chegado a uma decisão sobre o que dizer.

— Lembra quando me perguntou porque eu estava aqui na roça e não viajando e fazendo missões? — ele perguntou e eu respondi que sim. — Você não sabe como foi difícil para mim encarar aquela pergunta. Eu ainda estava lutando um pouco para entender exatamente porque o Senhor havia me chamado de volta, usando meu pai quando ele me pediu para retornar e ajudá-lo na fazenda. Foi difícil, devo confessar. Eu estava feliz, fazendo o que eu amava, servindo ao Reino. Mas depois de muito orar e conversar com meus

pais e pastores, eu compreendi que precisava voltar para casa. Não foi uma decisão fácil e, inicialmente, eu tentava entender o porquê disso. Naturalmente, era óbvio o motivo para voltar, meu pai estava mesmo precisando de mim, sendo tempos difíceis aqui na fazenda. Mas eu não conseguia entender o motivo de Deus fazer isso.

Benjamin nunca tinha se aberto comigo sobre aquela situação. Eu me senti feliz por ver que ele considerava minha amizade.

— Deus tinha me abençoado com a faculdade, o curso de inglês, mesmo a despeito da minha infância aqui na roça. E eu creio que foi Ele quem me levou para missões, quem me deu o amor pelo meu trabalho, e é quem ilumina minha mente quando estou trabalhando em um projeto. E eu podia usar tudo isso de uma maneira que, aos meus olhos, pareciam excelentes. Mas, diferente das minhas expectativas, Ele me trouxe de volta para cá e eu resolvi me contentar com esse tempo. Trabalhei com meu pai e pude servir minha família. Descansei no Senhor crendo que, se Ele quisesse, um dia Ele me levaria de volta.

— E levou, não é verdade? — indaguei, fazendo referência aos meses que ele tinha passado na África do Sul, e até mesmo aos planos futuros de retornar para lá.

— Em partes, sim. E, mesmo assim, Deus me trouxe de volta novamente.

Eu me surpreendi quando notei o quão profundamente Benjamin me encarava. Desconcertada, desviei o olhar e pensei se não seria a hora de sair dali. Não queria confundir as coisas e, de repente, meu coração corrupto passou a bater mais forte.

— Talvez, assim como você, Deus tenha me dado a oportunidade de ver vislumbres do que Ele tem feito em minha vida. — Ele movimentou os pés, eu percebi, já que meus olhos estavam baixos. — E talvez não tenha sido em vão Ele ter me feito conhecê-la, não concorda? Você diz o quanto foi importante para a sua conversão os estudos, as coisas que eu te disse. E, bem, eu estaria disposto a passar minha vida inteira cuidando do gado e juntando esterco, se isso realmente levasse você para mais perto de Cristo.

— Sim, Ben, suas palavras, suas insistências e suas orações, tudo isso, foram fatores importantes na minha vida. E agora sua

amizade tem sido uma benção para mim — falei com sinceridade, tomando coragem para voltar a encará-lo. — Tenho crescido muito por conta da nossa proximidade.

— E eu ainda tenho orado por você. E muito.

— Sério? Sobre o que tem orado por mim? — perguntei, sorrindo, imaginando que ele me devolveria a resposta com uma gracinha, como fazia comumente.

— Sobre várias coisas — respondeu apenas isso e voltou sua atenção para o pano de prato sujo com farelos de bolo, balançando o tecido no ar antes de me devolver, já limpo. — A conversa está boa, mas eu preciso mesmo voltar ao trabalho.

— Ah! — Me levantei rapidamente. — Acabei atrapalhando você. Deveria ter descido logo.

— Não, não se preocupe — ele disse e sorriu, sincero. — Eu fiquei feliz por conversar com você. Sabe o quanto aprecio sua companhia, Miúda. É sempre bom ter você por perto.

Temendo confundir as coisas, eu resolvi me despedir e sair dali depressa. Enquanto descia os degraus um pouco nervosa, ponderei que eu precisava orar mais sobre meus sentimentos, uma vez que parecia estar vendo coisas onde eu não deveria enxergar nada.

A última coisa que eu queria, naquela altura do campeonato, era ter um coração partido.

Mais uma vez.



Capítulo 16

Eu ouvi a voz de Benjamin me chamando lá fora antes mesmo de Daniela bater no meu quarto para me avisar do fato. A princípio estranhei, olhando para o relógio, o motivo de ele estar ali. Se me lembrava bem, eu tinha sido convidada por Ana para tomar café da tarde na fazenda ao lado, e isso seria em meia hora mais ou menos. Estaria ele avisando que, por algum motivo qualquer, o compromisso seria adiado?

Após ajeitar meu vestido e calçar uma sandália, encontrei Benjamin parado na varanda, as mãos dentro do bolso da calça jeans, olhando fixo para a plantação.

— Ei, aconteceu alguma coisa? — indaguei, preocupada.

— Oi, Lara — ele disse e se virou, tirando as mãos do bolso e me encarando de imediato. Quando ele sorriu, fiquei mais tranquila, embora tenha me surpreendido por ele não estar vestido com seus trajes sujos de trabalho, sendo ainda cedo. — Não é nada. Quer dizer, eu vim buscar você para o café.

Esperei alguns segundos tentando entender por que ele estava me buscando e tão mais cedo do que eu esperava.

— O café já está pronto? Eu me atrasei? — perguntei, um pouco desconfiada.

— Não! — Ele sorriu e deu um passo em minha direção. — Minha mãe ainda está com o bolo no forno e nem começou a fritar os biscoitos. Mas eu queria mostrar algo para você antes, se não se importar.

— Ah... — gaguejei meio sem jeito, quando alguns pensamentos invadiram minha mente, oferecendo explicações muito fantasiosas sobre o que ele gostaria de me mostrar. — Você me dá alguns minutos para me trocar?

Percebi o olhar avaliativo dele, embora discreto. Ele afirmou com a cabeça.

— Eu te espero.

Enquanto me trocava, optando por um jeans e sapatos fechados, mil e uma coisas se passaram na minha cabeça. Nos últimos dias, Benjamin andava meio estranho, um tanto quanto misterioso, dizendo coisas que, muitas vezes, para mim não faziam sentido. Nós estávamos cada vez mais próximos. Sempre que podíamos conversávamos sobre as coisas do Senhor. Eu passei a frequentar mais a casa dele, sendo convidada diversas vezes para estar no meio das refeições da família, e, do mesmo modo, Benjamin também frequentava a minha. Nossa amizade cresceu tanto que eu já não podia esconder mais meus sentimentos por ele. A admiração havia progredido e não se tratava mais apenas de um sentimento de encantamento, eu nutria a cada dia uma afeição maior e sincera por ele. A princípio, tentei negar. Depois, quando constatei a realidade dos meus sentimentos, passei a entregá-los a Deus, orando sempre quando algo relacionado a ele surgia em minha mente. Precisava avisar sempre ao meu coração que Ben se tratava de um irmão em Cristo e eu não deveria criar expectativas além do que ele me oferecia naquele momento.

Então, de alguma maneira, o olhar, o sorriso e a postura dele, quando nos encontramos de novo, acendeu uma pequena chama de esperança em meu coração.

Caminhamos lado a lado, a conversa pairando sobre os nossos afazeres diários; relatei sobre os avanços de Rebeca como a bebê mais esperta do mundo, comentamos sobre o retorno de Gabi, esperado para dali duas semanas, falamos sobre a plantação.

Passamos a cerca da divisa entre as fazendas, mas, ao invés de seguirmos em direção à casa, pegamos a rota contrária, a caminho do pequeno ribeirão que cortava o fundo da propriedade. Eu pensei que pararíamos ali, mas, sorrindo, ele me informou que seria necessário atravessar a pinguela para chegarmos ao outro lado.

— Você sabe que eu e as pinguelas não temos uma boa relação de amor, não é mesmo? — comentei, divertida, logo depois de conseguir atravessar sã e salva a pequena ponte improvisada de madeira.

— Isso era seu passado, Miúda. Agora, você está cada dia mais se tornando uma caipira profissional.

— Não é para tanto — eu falei e sorri, cruzando os braços em frente ao corpo. Olhei ao redor, uma vez que ele não orientou a prosseguirmos, era uma área de pasto, aparentemente. De onde estava, dava para ver a casa da família lá no fundo da fazenda, do outro lado das águas. — E então, o que queria me mostrar?

— Isso daqui — ele disse, erguendo as mãos com a palma aberta para cima. — Essas terras. O que acha?

Encarei Ben por algum tempo e facilmente compreendi onde ele queria chegar.

— Você comprou? São suas? — perguntei, lembrando-me de que ele já tinha mencionado sobre a vontade de ter um pedaço de terra dele.

— Exatamente! Embora, devo ser sincero, eu não posso dizer que comprei. Nem que ganhei, num certo sentido.

— Não gosto quando você vem com esses mistérios, Benjamin! — falei, fazendo uma careta para ele.

— Você se lembra do serviço que fiz para o Seu Joaquim? — ele perguntou e eu disse que sim. Não tinha muito tempo desde que ele se ofereceu para ajudar o velho senhor a reformar a fazenda antiga de maneira a manter as características originais do lugar. — Então, eu disse a ele que não precisava me pagar, mas ele insistiu e me ofereceu essas terras. Não como pagamento, porque eu não cobrei, mesmo porque elas valem mais do que eu cobraria. Talvez como uma oferta?

— Uau! Que legal! Fico feliz por você, de verdade — parabenizei, olhando ao redor para avaliar melhor o lugar. O terreno não era tão grande, mas cabia tranquilamente uma casa e um espaço para criação, ou uma pequena plantação. O melhor de tudo era estar de frente para casa dos pais dele. Quando me voltei a ele, ele parecia avaliar cuidadosamente minha reação. — Sei bem o quanto você queria um lugar assim, não é? Está feliz?

— Quase. — Benjamin olhou para o lado e apontou para uma árvore frondosa, cujas raízes expostas estavam perto das águas. — Você se importa de me fazer companhia por uns minutos?

Sentamos na raiz da árvore, em silêncio. Meu coração acelerou e eu fiquei nervosa quando as minhas fantasias passaram a fazer mais sentido e eu percebi que ele queria falar algo sério. Mas, ainda assim, eu travei uma luta para tentar acalmar meus pensamentos e não me frustrar se Benjamin não dissesse exatamente o que eu estava, naquele momento, esperando ele dizer.

— Você gostou do terreno? Pode ser sincera.

— Sim, achei um lugar excelente. Pertinho da casa de seus pais. E pelo que você já tinha dito, há água por aqui, não é?

Ele sorriu.

— Sim. Você está ficando bastante entendida do interior, hein? Fico feliz que gostou, porque sua opinião é muito importante para mim. Aliás, *você* tem se tornado muito importante para mim.

Meu coração quis parar com aquela declaração, e quando ele foi sorrateiro e pegou minha mão, segurando-a com carinho entre as suas, tive certeza de que eu explodiria de emoção e seria impossível esconder meus sentimentos a partir dali.

— Desde que você voltou, eu tenho reparado em você, Lara. Você se tornou uma jovem completamente diferente da menina mimada que partiu daqui e isso não ficou oculto aos meus olhos. Tenho notado a graça do Senhor moldando você, e o quanto você tem desejado Cristo e buscado se tornar mais parecida com ele a cada dia. Vejo seu coração disposto a aprender sobre Deus, sempre pronta a conhecê-Lo e tem desejado servir a Deus, até mesmo ponderado sobre missões. Vejo seu esforço para mudar e deixar as coisas passadas e até mesmo para amadurecer. Eu tenho reparado nisso e essa observação toda... Bem, eu me apaixonei por você.

Eu, que mantinha os olhos baixos e fixos nos meus pés, suspirei sem perceber. Entendi, pelo carinho que ele fez em minha mão, que ele desejava que eu o encarasse. E quando meus olhos encontraram o rosto dele, eu tinha certeza de que minhas bochechas estavam vermelhas — de vergonha e felicidade.

Ele retribuía o sentimento que eu nutria por ele! Mas, eu sabia, as coisas não poderiam ser tão fáceis assim, poderiam?

— Você se tornou uma amiga muito importante para mim e eu comecei a pensar seriamente na possibilidade de ser você a mulher com quem eu gostaria de construir uma família. Eu tenho orado desde então e conversei com seu pai e com os meus sobre isso.

— Você conversou com meu pai? — indaguei, surpresa, e me arrependi por ter demonstrado meus sentimentos tão abertamente. Será que ele interpretaria errado? Eu deveria dizer algo? Ele ainda estava falando e não tinha oferecido nenhuma proposta. Talvez devesse ficar calada.

— Na verdade, foi ele quem me procurou — ele contou e riu, deixando-me um pouco aliviada. — Pode ser que eu estivesse com medo de aceitar meus sentimentos e, um dia, quando fui a sua casa, ele me chamou para conversar e perguntou sobre o que eu pensava em relação a você.

— Ai, meu Deus! Meu pai é terrível!

— Não, foi bom, na verdade. Ele me aconselhou e... Bem, ele me garantiu que você retribuía o sentimento. — Ben umedeceu os lábios, mas não deixou espaço para eu concordar com aquela colocação. Ele logo continuou a falar. — E então ele me deu a benção dele, disse que estava de acordo caso eu quisesse dar um passo a mais e também se colocou à disposição para orar sobre isso.

— Quando foi isso?

— Tem um mês e meio, mais ou menos. Desde então nós temos orado, eu, meus pais e acredito que a Dani também. E eu também conversei algumas vezes com eles. Nós conversamos sobre algumas coisas, entre elas sobre o tempo certo de eu te contar isso.

Eu poderia fazer muitas coisas, mas meu coração optou por me fazer sorrir. Eu apenas consegui abrir um sorriso imenso, sentindo a satisfação de saber que Deus estava atendendo minhas orações. Era gratificante reconhecer que da maneira do Senhor era muito melhor do que da minha. Como era bom deixar Ele cuidar de tudo e eu não precisar usar as armas de sedução feminina para tentar conquistar um rapaz. Como era bom ver as coisas acontecerem de uma maneira tão diferente de como a Lara antiga esperava!

— Espero não estar fazendo papel de trouxa aqui na sua frente. Eu nem mesmo perguntei se você... Bem, Lara, eu não sei o que você pensa a respeito disso, mas eu realmente quero dar um passo a mais e transformar nossa amizade... Bom, eu quero que você seja minha esposa.

— Eu aceito! — respondi num impulso vindo do meu coração, sem nem ponderar direito nas palavras.

— Ufa! — ele murmurou e soltou o ar de maneira exagerada. — Graças a Deus! Fiquei com medo de depois de todo esse trabalho eu ter me enganado e você me rejeitar assim, na minha cara.

— Você sabe que eu não faria isso — repliquei, sentindo um misto de emoções dentro de mim. — Eu não sou boa em esconder meus sentimentos, eu sei. E eu também estava orando, mas não assim, tão decidida, como você. Na verdade, acho que a maioria das vezes eu orava para Deus agir em mim se esse sentimento não estivesse de acordo com os planos Dele.

Benjamin beijou a minha mão. Depois, passou um de seus braços sobre meus ombros e me abraçou lateralmente. Aquele gesto de carinho aqueceu todo o meu coração.

Nós não precisávamos discutir muito sobre as intenções daquele relacionamento. Como amigos, um sabia o que o outro pensava sobre como um homem e uma mulher deveriam se unir, com a intenção do casamento, e não de um namoro recreativo. Eu sabia bem o que significava aquela declaração de Benjamin, e ele sabia bem o que significava minha concordância. Nós tínhamos a mesma visão sobre como um casal deveria prosseguir a caminho do casamento e esse tinha sido um assunto bem discutido entre nós um tempo antes. Lembro-me como ele se surpreendeu por ouvir a mudança drástica de meus pensamentos em relação a namoro e casamento. Contei como o livro indicado por Daniela, e a família Wilson com todos os seus ensinos, me fizeram enxergar tudo numa perspectiva diferente.

E então, eu estava vivendo aquilo! Era inacreditável, mas eu tinha um namorado. E ele era ninguém mais, ninguém menos do que Benjamin, o homem dos meus sonhos.

— Você não achou que eu pudesse me interessar por você, Miúda? Tão pessimista assim!

— Pessimista? — repeti, num tom de voz mais irônico. — Você é um homem já, Ben. Tem muito mais experiência do que eu, é mais velho, maduro, sabe tanto da Bíblia e parece estar a raios de quilômetros na minha frente quando o assunto é teologia.

— Você se esqueceu de completar que também sou um jeca — ele acrescentou.

— Eu estou falando sério! Eu achei que você ia preferir uma mulher como a Jennifer.

Ele tirou o braço do meu ombro e virou o corpo um pouco, me encarando.

— Você ficou com ciúmes da Jenny? — ele perguntou, sorrindo, e eu não gostei muito de ouvi-lo chamá-la com intimidade.

— Não exatamente...

— Você ficou com ciúmes, sim.

— Ciúmes não, incomodada. Porque, sinceramente, eu não acredito que tenha sido só amizade como você disse.

Ele apertou os lábios, se condenando.

— Naquele momento, era. Mas, sim, eu já tinha pensado na possibilidade de ter algo a mais. Mas foi diferente do que é com você, Lara. De verdade.

Cruzei os braços, me controlando para não deixar o ciúme explícito.

— Eu sabia! Eu quero saber dessa história, Benjamin!

— Não tem história. Eu queria me casar, a Jenny é uma mulher de Deus, missionária também, tinha a mesma visão. Éramos amigos. Eu me interessei. Mas não a ponto de pensar seriamente.

— Mas a trouxe para cá, para conhecer seus pais — conclui o óbvio e ele tentou ficar sério para não denunciar a verdade. — Claro que foi! E eu cheguei no meio disso — falei, tampando a boca com vergonha.

— Não é assim como você está imaginando! Ela queria conhecer o Brasil e eu pensei que seria uma boa oportunidade de conhecê-la melhor. Além do mais, você sabe o quanto trabalhamos, você mesma viu. E foi bom, porque logo eu cheguei à conclusão de que não daríamos certo, além do que meus sentimentos permaneceram iguais. Mas você, minha pequena caipira patricinha,

você mudou tudo aqui dentro — ele concluiu, pondo a mão direita no peito, numa tentativa clara, e certeira, de me fazer derreter.

— Você deveria ter me contado antes, Ben. Deveria mesmo.

— Não tinha importância, de verdade.

— Claro que tinha, você estava planejando um projeto com ela.

— Projeto esse que eu cancelei quando percebi os sentimentos dela tão fortes por mim. Aquele dia, no aeroporto, eu conversei com ela e achamos melhor nos afastarmos de vez. Ao menos, por enquanto.

Eu ainda estava de braços cruzados, encarando-o.

— Ah, por favor, vamos deixar de falar da Jenny e falar de nós. Precisamos planejar nosso noivado. Minha mãe já falou que faz questão de uma festa.

— Meu Deus! Vocês conversavam disso e eu não sabia de nada? — indaguei e aceitei quando ele pegou minha mão novamente.

— Por que acha que sua presença estava sendo tão solicitada lá em casa? Eles todos estavam bancando os cupidos. — Ele sorriu e apontou para a casa dos pais dele, lá no fundo. — Veja, já estão esperando o nosso retorno.

Embora estivéssemos longe, foi fácil distinguir a figura do meu pai, da Daniela e de um carrinho de bebê, além da vovó, todos na varanda da casa, acompanhados por João e Ana.

— Estão todos muito otimistas — ele brincou e se levantou, oferecendo a mão para me dar auxílio. — Não vamos deixá-los ansiosos.

Benjamin uniu nossas mãos, entrelaçando nossos dedos e, depois de atravessar a pinguela de volta, caminhamos lado a lado até a casa, sem conseguir esconder a nossa felicidade. Aquela caminhada, de alguma maneira, me fez pensar no caminho que seguiríamos dali para frente, juntos, para um futuro ainda desconhecido.



Capítulo 17

— Lara, seu namorado está te chamando lá fora.

Quase engasguei com o suco de limão quando papai lançou um olhar provocativo enquanto me avisava da chegada de Benjamin.

— Não começa, pai, por favor! — supliquei, lembrando-me dos últimos dias, o quanto ele havia pegado no meu pé sobre minha nova condição, sempre relembrando detalhes da minha antiga paixão pelo caipira engenheiro.

— Vá depressa! — ele instruiu, dando um tapinha carinhoso nas minhas costas, claramente se divertindo às minhas custas.

Benjamin me esperava na varanda, apoiado na coluna de sustentação do telhado, descascando calmamente uma laranja com seu canivete. Quando notou minha presença, ergueu os olhos e um lindo sorriso me recebeu antes de ele me cumprimentar.

— Boa tarde, Miúda — ele disse, ainda concentrado na tarefa com a fruta. — Vim te buscar.

— Boa tarde — respondi e, também sorrindo, aproximei-me dele. — Eu poderia ir sozinha, não é tão longe assim.

Ben sorriu novamente, cortou sua laranja, fechou e guardou o canivete no cinto antes de estender o braço para que eu pudesse me aconchegar em seu abraço lateral.

— Eu sei, mas gosto de te fazer companhia.

Aproveitei o momento e senti a alegria de estar perto dele. Recebi um beijo nos cabelos e logo depois de me soltar, ofereceu a laranja, que eu prontamente recusei.

— Eles já devem estar chegando — ele informou, descendo os primeiros degraus, me chamando para acompanhá-lo enquanto aproveitava a fruta. — Mal posso esperar para ver a cara da minha irmã.

— Ela vai ficar muito surpresa. Espero que feliz também.

Nós tínhamos decidido esperar para contar a novidade para Gabriela ao vivo, quando ela retornasse. E, do mesmo modo, adiamos o jantar de noivado apenas para quando minha cunhada, acompanhada de um amigo, voltasse para casa. Assim, a família toda poderia se reunir e comemoraríamos nossa união.

Podia lembrar ainda das palavras de meu pai, na mesa de café na tarde em que disse “sim” para Benjamin. Meu quase noivo foi obrigado a declarar as sérias intenções dele em se casar comigo, fazer um pedido formal pela minha mão na frente de todo mundo diante de um senhor Marcos que mais parecia um pai ciumento. No fim, ele fez todo mundo rir com a encenação e o constrangimento de Ben.

— E sua avó, como está?

Benjamin me tirou das minhas lembranças quando perguntou sobre a minha avó, ao mesmo tempo em que unia as nossas mãos e se livrava do bagaço da laranja.

— Ela está bem agora. Foi um baita susto, mas graças a Deus ela se recuperou.

— Dona Lúcia é uma mulher forte — ele disse tentando me dar forças.

— É... Mas não sei, Ben. Tenho observado o quanto a saúde dela deu uma enfraquecida desde a morte do vovô. Ela não parece mais a mesma senhora cheia de energia de antigamente. Está sempre cansada, tentando esconder alguma dor. E meu medo é que a situação se repita e ela passe mal e não chame ninguém, não querendo incomodar, achando que não é grave.

Vovó precisou ser levada às pressas para o hospital na semana anterior, após sofrer calada durante a tarde. Quando Daniela descobriu e a avaliou, a pressão estava altíssima.

— Mas a Rute agora está com ela. — Ele me lançou um olhar inquisitivo, sabendo bem dos planos que eu tinha compartilhado anteriormente. — Você conversou com seu pai?

— Sim — respondi, balançando a cabeça em afirmativa, enquanto sentia aquela dorzinha da indecisão retornar. — Eles concordaram que seria uma solução vir morar com ela até nos casarmos, quando dona Rute voltar para casa. E, por um lado, eu realmente vou gostar, não só por estar perto da vovó, como também por poder dar mais privacidade a Dani e ao meu pai. Às vezes, me incomoda perceber o recato dela na própria casa.

— Bobagem, a Dani ama você.

— Eu sei. — Nós paramos em frente à casa da minha avó e eu olhei em direção a casa do meu pai, ainda um pouco alarmada sobre minhas escolhas. — Mas tem a parte ruim de ficar longe deles e da Rebequinha. Embora não seja tão mal assim, não é? Dani disse que eu posso dormir e comer lá quando quiser, que a casa continuará sendo minha. E são o que? Uns 200 metros de separação?

— 90 metros — Benjamin me corrigiu.

— O que?

— São 90 metros daqui até a casa do seu pai. Apesar que, olhando assim, chutaria 96 metros, para ser mais preciso.

— Ah, ainda não me acostumei com esse seu lado, senhor engenheiro — gracejei.

— Continuo sendo o mesmo caipira jeca que você gosta, não é verdade? Embora, agora, eu não esteja cheirando a esterco, como de costume.

Ele pegou as minhas duas mãos e meu coração disparou ao ser puxada para mais perto dele.

— Prefiro o engenheiro fazendeiro que fala inglês — brinquei, sorrindo para ele.

Nossos olhos estavam um no outro e por um instante senti um frio na barriga gostoso, aquela doce sensação de estar perto de quem se ama.

— Pensando bem, você vai estar 96 metros mais perto de mim — Ben falou. — Acho uma doce vantagem. — Ele olhou para cima e sorriu. — E você pode ficar me espionando pela janela do seu quarto, como fazia antigamente.

— O que? — indaguei, meio indignada, embora o vermelho do meu rosto denunciasse a veracidade das palavras dele. — Eu não

ficava espiando você. — Vendo o sorrisinho provocativo dele, fui obrigada a admitir a verdade. — Tá... Posso ter feito isso uma ou duas vezes. Mas eu não ficava te espionando. Você aparecia e eu era obrigada a olhar enquanto fazia seu trabalho.

Benjamin beijou meu rosto e soltou umas das mãos, guiando-me pela outra até a casa dele.

— Agora eu quem vou ficar sempre olhando para aquela janela na expectativa de te ver — ele assumiu, por fim, vendo o quanto ele tinha conseguido me provocar com o comentário. Ele se inclinou e falou baixinho. — Porque eu amo você, minha Miúda.

Respondi, garantindo que o sentimento era recíproco e ele apertou minha mão delicadamente.

Quando chegamos à casa dele, Ana estava toda afoita, preparando o café para a chegada da filha, há tanto tempo distante. Ela me cumprimentou sem esconder a alegria do momento e, após recusar minha oferta de ajuda, eu e Ben nos sentamos num banco no jardim em frente à casa, assim poderíamos ter um pouco mais de privacidade para conversar até a grande estrela do dia chegar.

— Então, senhor engenheiro, já decidiu o que vai fazer nos próximos meses? — perguntei assim que nos sentamos e entrelaçamos os nossos dedos. O assunto sobre o retorno dele às missões por alguns meses ainda pairava no ar entre nós.

— Vou me preparar para casar — ele respondeu naturalmente, me obrigando a encará-lo. — Estou falando sério.

— Não me sentiria bem sabendo que você está desistindo dos seus planos por minha causa.

— E você não desistiu de ir ao Canadá por minha causa? — ele perguntou, retórico.

— É diferente! Eu nem sabia exatamente o que faria por lá, estava indo porque não tinha planos para o futuro, e pensei que se arrumasse um emprego poderia achar algo. — Vendo-o me encarar com firmeza, suspirei. — Todos os meus planos mudaram depois que te reencontrei aqui. Eu não estava esperando terminar noiva de você, muito menos imaginaria o quanto me alegraria com a ideia inicial de permanecer aqui em Canaã, vivendo essa vida que tanto desprezei. Você, ao contrário, tem um objetivo definido e é servir a Deus. Eu acho que abrir mão disso...

— Lara, meu amor. Lembra-se das palavras de Rute 1:16? “Aonde quer que fores, eu irei, onde quer que repousares, ali repousarei, o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus. Faça-me o Senhor o que bem lhe aprouver, se outra coisa, que não seja a morte me separar de ti”. É isso que importa, Miúda. Seremos um só e viveremos aonde o outro estiver. E, embora ainda não sejamos um só, os meus olhos e meu coração estão no nosso futuro juntos. Depois, se assim o Senhor permitir, iremos para a África. Levarei você ao meu lado. Agora, tudo o que quero é pensar na nossa casinha, preparar nossa vida a dois.

— Não vale usar todo esse lado fofo para tentar me convencer de que está certo. Vou aceitar sua resposta, mas ainda assim me sinto mal por ver você adiando seus compromissos por minha causa — respondi, virando o meu corpo de modo que pudesse encará-lo de frente.

— Uma boa causa, Lara. Você é uma boa causa. — Ele beijou a mão que segurava e sorriu, me fazendo derreter toda. — Lembra quando eu disse sobre glorificar a Deus aqui? Acho que Deus me mandou voltar novamente para poder encontrar a linda mulher que você se tornou depois de ter sido encontrada por Ele. E agora eu estou ainda mais feliz de poder servir a Ele preparando nosso lar. Tudo tem um tempo determinado, e se Ele quiser, mudará a nossa direção. No momento, estou convicto do que quero e vou fazer.

— Eu amo você, meu caipira preferido. E vou ficar feliz por você não ir para longe, então.

O sorriso dele me fez desmanchar por inteira e nós seguimos fazendo planos sobre o futuro. Falamos da nossa casinha, do que gostaríamos de ter nas nossas terras e sobre a multidão de tarefas nos aguardando para os preparativos do casamento, cuja data, tínhamos estabelecido com nossas famílias que não se estenderia muito. Apenas o tempo necessário para tudo ficar pronto.

Quando percebemos o barulho do carro do meu sogro se aproximando, abandonamos nosso lugar aconchegante e fomos ao encontro de Ana, na varanda. Eu estava ansiosa, feliz por rever Gabi e na expectativa de como ela reagiria ao nosso relacionamento.

Gabriela foi a primeira a saltar do carro assim que ele estacionou em frente da casa. Ela esqueceu, inclusive, o amigo que

a acompanhava quando subiu correndo as escadas terminando seus passos nos braços da mãe, as duas emocionadas.

— Bem-vinda de volta, minha pequena. Você fez falta.

— Ah, duvido que sentiu tanta falta assim. Todo mundo sabe que Ben é o filho preferido.

Com tal sentença, ela abraçou o irmão e os dois trocaram carinhos e provocações. Depois, ela veio até mim e me abraçou com um sorriso no rosto.

— Que bom ver você aqui, Lara!

Foi quando ela se deu conta de que havia deixado o rapaz para trás. Todo mundo já imaginava o motivo da presença dele ali. Gabi o tinha conhecido em missões, ambos foram juntos para o Chile. Eles se tornaram amigos e, aparentemente, o jovem estava ansioso para conhecer as origens dela — e, claro, os pais.

— Mãe, esse é o Miguel — ela apresentou quando ele, acompanhado de João, subiu até onde estávamos. — O amigo de quem eu falei.

— Prazer, Miguel. Você é muito bem-vindo a nossa casa — Ana disse, estendendo a mão para ele.

— Obrigada, senhora. Estava ansioso para conhecê-los. Gabi fala muito da família dela.

Ele olhou em nossa direção e aproveitei para avaliá-lo. Ele era bastante bonito, os cabelos escuros bem grossos, a pele morena queimada de sol e o jeito de agir não negavam que ele também levava uma vida no campo. Perfeito para minha amiga.

— Esse é meu filho, Benjamin, irmão da Gabi — Ana tomou a frente para apresentar o Ben, que aproveitou a deixa para apertar a mão de Miguel com a firmeza de um irmão mais velho protetor.

— Muito prazer.

— Igualmente — ele respondeu.

— E essa é a Lara — Ana continuou —, minha nora.

Embora a apresentação fosse direcionada a Miguel, foi Gabi quem deu um grito contido.

— O que? O que eu perdi? Como assim, nora? — Ela olhou alternando entre mim e o irmão. — Vocês dois...

Benjamin segurou minha mão com firmeza depois de eu cumprimentar o visitante.

— Estávamos esperando você para o jantar de noivado.

Sem nenhuma cerimônia ou necessidade de se conter, Gabi expressou toda a sua alegria com pulinhos, sorrisos, abraços e palavras de uma pessoa completamente entusiasmada.

Logo depois, nos sentamos para comer. Ao observar Miguel ao lado de Gabriela, e a troca de olhares entre eles, me peguei pensado em qual das duas se casaria primeiro.



Capítulo 18

Meses depois...

— Acorda, minha princesa. — Ouvi a voz suave de Benjamin me despertando de um sono gostoso, enquanto recebia alguns beijos por toda a extensão do meu rosto.

— Me deixa dormir só mais um pouquinho — murmurei, me remexendo na cama, embora não quisesse me desfazer do carinho gostoso recebido naquele momento.

— O galo já cantou muitas vezes — informou sem interromper suas expressões de amor, acariciando meus cabelos rebeldes. — Eu tenho que me levantar.

— Então ainda é cedo — respondi, sem abrir meus olhos. — Vou dormir um pouco mais e te encontro lá embaixo mais tarde.

— Onde está a parte do “vou fazer café para você todos os dias?” hein, Miúda? — provocou com uma voz zombeteira, fazendo cosquinhas na minha barriga.

Quando a tortura terminou, eu o encarei com um sorriso preguiçoso nos lábios.

— Ficou lá na lua de mel, quando descobri que você acordava muito cedo.

Benjamin gargalhou e em seguida beijou-me com o carinho de sempre.

— Vou deixar você dormir, então. Só porque eu te amo. — Ele depositou um último beijo em meus lábios e, antes de se afastar,

sussurrou em meu ouvido: — Mas a mulher virtuosa não come o pão da preguiça, viu?

Ele se levantou antes que minhas mãos pudessem alcançá-lo. Murmurei minha indignação e defesa em prol do meu trabalho enquanto ele ria satisfeito por ter me atingido. Observei-o trocando de roupa e, mais uma vez, agradeci a Deus por ter sido tão bondoso comigo, me dando o privilégio de ser a mulher de Benjamin. Ele me lançou mais um beijo e desceu.

Já acordada, e talvez levemente atingida pelas palavras dele, resolvi cumprir meu papel de boa esposa e fazer o café da manhã, como um dia eu havia dito com prazer que faria todos os dias.

Quando desci as escadas, foi impossível deter meus pensamentos que encontraram caminho livre para as alegres, mas saudosas e dolorosas recordações de vovó. Como todos suspeitavam, ela foi enfraquecendo e algumas semanas antes do nosso casamento, faleceu, sem ter a oportunidade de presenciar a união da neta com o seu caipira de ouro. Não tinha sido fácil, com certeza. Era doloroso lidar com mais uma perda, mas, de alguma maneira, eu fui confortada por Deus e sabia que, mesmo não entendendo os planos Dele, podia confiar Nele, e eu O tinha como resposta às minhas dores.

Como filho único, papai herdou a fazenda. Contudo, ele e Daniela estavam hesitantes em mudar da casinha onde eles estabeleceram o seu lar e propuseram para que eu e Benjamin ficássemos na casa da vovó enquanto a nossa casa, em construção, não estivesse pronta. Foi uma boa saída e, com alguns retoques, algumas novas mobílias e uma decoração mais a nossa cara, conseguimos encontrar um lugar para chamar de lar.

E, apesar de estar feliz ali, naquele novo tempo com meu marido, as lembranças ainda vinham. A lembrança de vovó em frente ao fogão a lenha cozinhando — coisa que, confesso, eu ainda não tinha conseguido fazer. Preferia o fogão tradicional mesmo —, sentada na varanda lendo a Bíblia, tudo isso se misturava ainda ao que estava construindo com Ben.

— O que você está lendo aí? — indaguei, abraçando Benjamin por trás, sentado no sofá com a Bíblia aberta em seu colo.

— Resolveu se levantar? — ele perguntou, pegando uma de minhas mãos que estava ao redor se seu pescoço e levando aos lábios para deixar um beijo.

— Talvez, e só talvez, suas palavras tenham me confrontado.

— Eu estava brincando — falou virando o rosto de maneira que pudesse me encarar.

— Eu sei. — Beijei seu rosto e ergui o corpo. — Mas vou preparar seu café. — Daqui a pouco te chamo.

Fui para a cozinha, coloquei a água para ferver e preparei ovos mexido que ele gostava. O pão dormido virou torrada e a broa de fubá com queijo era a melhor parte, na minha opinião. Quando segui até a mesa de jantar com as xícaras, ouvi Benjamin orando na sala. Meu coração se aqueceu e fui tomada por uma grande alegria por ter um homem que amava ao Senhor ao meu lado. Como era agraciada com um homem piedoso que me estimulava na minha caminhada cristã, sempre pronto a compartilhar o evangelho comigo. Não havia nada melhor do que isso!

Com a mesa posta, observei que ele estava em silêncio e, temendo um pouco atrapalhá-lo, avisei que o café estava pronto. Ele sorriu e fechou a Bíblia, vindo ao meu encontro.

— Hoje à tarde eu tenho reunião na casa da Gabi. Estou pensando em ir a cavalo, você pode deixar um arreado para mim? — questionei, servindo o café para nós dois. — Quero chegar cedo para ajudar sua irmã. Ela anda muito indisposta por causa da gravidez.

— Eu levo você de carro, amor. Que horas você precisa estar lá?

— Às 16 horas. — Encarei meu marido com a testa levemente franzida. — Não vai te atrapalhar?

— Eu estarei aqui às 16 horas — garantiu e se serviu com um pouco de tudo que havia na mesa. — E você? Pensou em algo sobre nossa última conversa?

Ben olhou no fundo dos meus olhos. Eu amava quando ele me dava atenção assim. Porém, aquele assunto não me trazia conforto como eu queria.

— Não, não decidi nada. — Balancei a cabeça para os lados. — Eu até olhei as faculdades à distância, mas não encontrei nenhum

curso que me agradasse e, para ser sincera, eu não consigo nem pensar nisso enquanto você não tiver decidido o que quer fazer.

— Eu tenho orado sobre isso, Miúda. Mas, não acho que essa decisão afetará sua vida caso decida pela faculdade.

— Eu não quero começar algo e abandonar, e ainda tenho dúvidas sobre o que eu quero. — Tomei um gole de café e o encarei, séria. — Ben, eu gostaria muito mesmo que pensasse melhor sobre essa viagem. Sei que, como você pontuou, teremos grandes dificuldades. Não será fácil deixar nossos pais e irmãos para trás, mas, sabe... Nós somos uma família agora e eu irei aonde você for, seu povo será o meu. E nós dois sabemos o quanto você sente falta das missões.

Meu marido me encarou sério por alguns instantes.

— Temo que você esteja com uma visão muito romantizada da coisa toda. Você é jovem e sonhadora, Lara. Mas na prática as coisas se complicam. É um país novo, uma cultura nova, casa nova, desafios com a língua e longe de nossos familiares.

Ele percebeu que as palavras dele não tiveram um bom impacto sobre mim. Minha feição deixou claro o quanto desgostei das palavras dele. Por isso, ele pegou minha mão sobre a mesa e a segurou com carinho.

— Quero ter nossos filhos logo. Como se sentirá longe de todos? Sozinha? Não é fácil, meu amor, e eu não quero ser precipitado e ver você sofrendo depois.

Demorei a formular uma frase em minha mente, mas quando a fiz, ergui a cabeça para responder.

— Você acha que só você tem o desejo de fazer missões? Esqueceu de quando voltei dos Estados Unidos e compartilhei meu desejo de servir em tempo integral onde Ele quisesse? Não foi por sua causa, Benjamin. Sei dos desafios, não sou tão inocente como você acha.

O silêncio que se seguiu se deu, principalmente, por minha cara fechada diante da indignação por ele pensar que eu era tão imatura assim. Embora, eu deva admitir, que eu realmente não fazia ideia do quão difícil seria a realidade depois de nossa decisão.

Terminamos de comer e ele tentou puxar conversa algumas vezes, mas sem muito sucesso. Percebendo que não chegaria a

lugar nenhum, e ainda sem jeito em como lidar com os conflitos do casamento, ele se levantou, beijou meu rosto e se despediu.

— Volto para o almoço. Amo você.

Ele partiu para os afazeres da fazenda e eu permaneci sentada, refletindo nas coisas ditas e na mágoa formada em meu coração. As palavras de minha sogra ressoaram em meus pensamentos: “A melhor maneira que consegui para diminuir drasticamente os conflitos do meu casamento foi não permitir que a mágoa entrasse em meu coração. Quando João me feria, eu me esforçava para resolver no mesmo instante e não alimentar os pensamentos ruins surgindo mais rápido do que eu podia controlar.”

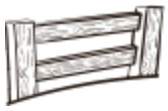
Constrangida com aquelas palavras, reconheci o quanto estava falhando como uma esposa piedosa. Não era fácil lidar com as mudanças da nossa vida e, às vezes, eu me esquecia muito rápido do quão abençoado Benjamin era para mim. Não era à toa que aquelas reuniões na casa da Gabi eram tão necessárias.

Minha cunhada, como previ, casou um mês antes de nós e pouco depois já havia noticiado a gravidez. Foi um choque para ela, no primeiro momento, mas depois motivo de alegria na família. Alegria tanta que eu me sentia constantemente cobrada sobre quando eu também anunciaria a gravidez. Mas essa questão estava nas mãos de Deus.

Ambas recém-casadas percebemos a importância de buscarmos na Bíblia mais sobre como exercer nossa feminilidade de maneira piedosa, por isso, nosso grupo de mulheres se reunia quinzenalmente na casa dela, quando mulheres mais velhas buscavam, de uma maneira prática e teórica, ensinar as mais novas sobre como sermos virtuosas. Ana era uma das que mais me abençoava com seus ensinamentos preciosos, e com certeza meus sogros eram uma inspiração para nós.

Pensando em tudo isso, senti o Senhor quebrantando meu coração. Fiz uma rápida oração de arrependimento e pedi graça para que ele me ajudasse a ser mais sábia.

Assim, um pouco mais leve, iniciei outra parte do meu aprendizado, fiz meu devocional e segui para as tarefas do dia.



16h15. Benjamin estava atrasado. Mais uma vez...

Olhava da varanda e da janela tentando achar o paradeiro dele e nada. Não fazia ideia de onde meu marido havia se enfiado.

— E mais uma vez você me deixando na mão — murmurei para mim mesma, pegando minha bolsa pronta para sair.

Enquanto trancava a casa, uma luta interna teve início. Minha mente era ligeira para acusá-lo de todos os maus praticados contra mim até ali, enquanto minha decisão de não deixar a mágoa entrar tentava aplacar a ira contida. Por fim, minha imaturidade e inexperiência, aliada ao descontentamento venceram e eu parti pela estrada de chão afligida pelos pensamentos da insensibilidade por parte de Benjamin.

Como ele poderia fazer tão pouco caso dos meus compromissos? A casa de Gabriela era longe, a caminhada seria longa. Eu precisava chegar antes para ajudá-la a preparar tudo, mas, pelo visto, acabaria pegando carona com minha sogra e Daniela no meio do caminho. Por que ele não me deixou simplesmente ir a cavalo?

— Se ele não se importa de ser irresponsável, eu me importo, e muito — murmurei mais uma vez, passando a reclamar da poeira, do mato da casa do vizinho e até mesmo do latido irritante do cachorro ao fundo.

Contudo, como se o Senhor estivesse respondendo minhas orações, lá estava meu coração, incomodado, me acusando de estar pecando também.

Meu casamento era obra da misericórdia de Deus, Ele tinha nos conduzido até onde estávamos. Nos preservou um para o outro e abençoou nossa união. Benjamin era, sim, um homem maravilhoso, piedoso e fiel, mas era um pecador também, que errava como eu. Eu precisava ser mais misericordiosa com o homem que Deus me deu, mesmo porque, no fundo, eu sabia que ele era meu príncipe encantado. Pecador, sim, mas maravilhoso. E eu o amava, amava muito.

Suspirei e não tive tempo nem de orar sobre isso. Ouvi a conhecida buzina atrás de mim. Era meu — atrasado e irresponsável — marido.

— Miúda, entra aqui — ele gritou, mas com a voz bastante suave. Provavelmente, estava ciente do erro dele também.

Dei o braço a torcer e, um pouco mais calma, abri a porta do passageiro e entrei. Quando o encarei, a feição de culpado estava estampada em seu rosto.

— Me perdoe — ele se adiantou para dizer, pegando a minha mão.

— Amor, você sabia do meu horário e se ofereceu para me levar. Eu nem mesmo tinha pedido isso. Poxa, se eu soubesse tinha me programado e ido a cavalo. — Tentei controlar o resto de impaciência que ainda tentava achar espaço no meu coração. — Você sabe o quanto é importante para mim chegar no horário.

— Me perdoa, meu amor. Eu sei que falhei. Mas a vaca deu cria e teve complicações. Meu pai precisou de mim, não tive como sair de lá ou ela morreria — explicou com a voz suave. — Eu sei o quanto é importante para você, mas foi um imprevisto. Eu te amo, Lara. Suas coisas são importantes para mim, e não quero que fique magoada comigo hoje de novo.

— Tudo bem. — Dei um longo suspiro, aceitando suas desculpas. — Eu também odeio ficar brigada.

A gente já tinha tido uma longa conversa na hora do almoço para resolver nossos problemas do café. Não queria ter outra longa conversa na janta mais uma vez.

— Me perdoa? — ele questionou, aproximando-se de mim.

— Sim — respondi, pela segunda vez naquele dia.

Benjamin me deu um beijo rápido e ligou o carro, acelerando para diminuir o meu atraso.

Quando finalmente paramos em frente à casa da minha cunhada, ele segurou minha mão e me olhou com carinho antes de me permitir descer.

— Nós sabíamos que não seria fácil, amor. Nós somos infinitamente diferentes. Somos falhos e cometemos erros. Mas eu te amo, Lara, de verdade. Seja o que for, como for, aonde for, eu sempre irei te amar! Você é uma bênção para mim.

— Nem preciso dizer que o sentimento é recíproco. Você é o amor da minha vida. — Beijei-o, sentindo o coração mais leve. — Me perdoa, não queria ficar brava. Eu também estou errada. Mas não é segredo que eu sou esquentadinha. Preciso aprender a dominar meus sentimentos.

— A esquentadinha mais linda desse mundo. Com o tempo vamos nos ajustando, tenho certeza disso. Só não duvide do meu amor e de como eu quero fazer tudo por você. Tudo bem? — Acariciou meu rosto, com os olhos suplicando para que eu levasse em consideração o que dizia.

— Eu acredito em suas palavras. Mas eu estou atrasada e tenho que ir. E, além do mais, você está fedendo muito a curral.

— Mas você gosta, sei disso — provocou, vendo-me descer do carro. — Não resiste ao meu cheiro de caipira.

Fechei a porta do carro e debrucei-me sobre a janela.

— O caipira mais lindo do mundo, meu querido caipira.

Depois de mandar mais um beijo, Benjamin seguiu seu caminho. Fiquei parada, observando o carro partir com o amado da minha alma, pensando em como Deus fazia coisas impensáveis para nós. Eu tinha uma vida que nunca imaginara que teria. Casei com um homem que tinha um modo de vida que anteriormente eu abominava. Morava no último lugar do mundo que um dia pude imaginar viver, e agora usava roupas que jurei que nunca usaria. E até aqui eu via a mão do Senhor nos guiando por um caminho bem diferente do meu planejamento inicial.

Bem, mas Deus não estava nem aí para o meu planejamento. Os planos Dele, sem dúvidas, eram melhores que os meus.

Sorrindo e me lembrando disso, entrei para a casa da minha cunhada, sabendo que eu precisava daquela reunião mais do que nunca.



Epílogo

— Senhora Tavares! Senhora Tavares!

A voz embolada do garoto que gritava ansioso do lado de fora despertou minha atenção. Rapidamente abri a porta de casa a tempo de me deparar com um rapazinho ofegante à minha procura. Senti alívio quando percebi de quem se tratava a voz e sorri.

— Já lhe disse, Andries, pode me chamar de Lara — avisei e recebi em troca um sorriso tímido do garoto. — Aconteceu alguma coisa?

— O senhor Tavares está? Papai pediu para chamá-lo — respondeu um pouco aflito, um pouco empolgado, desejoso em receber uma resposta rápida.

— Benjamin está na plantação. O que houve que está lhe deixando tão eufórico? — perguntei enquanto eu e o garoto olhávamos à nossa direita, em busca de meu esposo.

— A égua do meu irmão está dando cria, e o potro será meu! Papai pediu ajuda do senhor Tavares. Disse que ele é bom com nascimentos.

— Então você deve correr para encontrá-lo, já que o assunto é tão importante assim. Vá, Andries, corra, depressa! — Sorri, fazendo movimentos apressados com as mãos.

O garoto, ao ouvir meu incentivo, partiu correndo em direção à nossa plantação. Observei seus pequenos pés velozes pelo caminho e imaginei quando nossos miúdos correriam assim em direção ao pai. Como se fosse capaz de sondar meus pensamentos, senti um chute forte em minha barriga.

— Em breve será você quem vai estar com seu pai, correndo por tudo isso aqui, meu pequeno — murmurei baixinho, acariciando minha barriga que já denunciava a nova vida se desenvolvendo ali.

Coloquei um chapéu na cabeça, avisei a Nadia que estava saindo e parti, trilhando o mesmo caminho que o menino fez minutos antes. Após andar alguns metros, avistei Benjamin demonstrando uma empolgação além do necessário com Andries, filho do nosso vizinho. Quando meu marido me viu, sorriu. Sabia que ele faria alguma piada sobre meu vestido, avental, chapéu e botas quando os olhos brilharam junto com a curva de seus lábios.

— E aí vem a minha jeca preferida! — ele gritou, deixando o garoto curioso por não entender nenhuma palavra dita em português.

— Meu Ben, vá depressa. Olhe a ansiedade de Andries. Deve acudi-lo! — Mantive minha dignidade diante da zombaria, mas ri do seu comentário. Eu sabia que pegar no meu pé era um dos modos de Benjamin demonstrar seu carinho.

Caminhei ao encontro deles e os olhinhos do garoto brilhavam de expectativa.

— Você está bem? Como vai nosso garotão? — Meu marido acariciou minha barriga, selando seus lábios no meu.

— Estamos bem — garanti, enfiando o meu braço dentro do dele. — Vou acompanhar vocês, assim, aproveito para fazer uma visita a Louise. Prometi ensiná-la a fazer aquela torta de maçã da vovó.

Benjamin assentiu, satisfeito, e seguimos pelo caminho de terra até a fazenda ao lado, acompanhando o pequeno Andries, que mais parecia ser quem estava parindo, tamanha a euforia em que se encontrava.

Chegando à fazenda, Benjamin se juntou aos homens que esperavam no curral o nascimento do potro enquanto comentavam sobre a colheita, e eu me retirei até a casa principal, para encontrar-me com minha vizinha querida.

Nossa vida era diferente de tudo o que um dia eu imaginara. Nunca pensaria que estaria em outro continente vivendo a mesma vida simples do campo que vivíamos em Canaã — com suas diferenças e singularidades, obviamente. A forma como Deus nos guiou até um distrito rural da África do Sul para trabalhar em uma

missão com o foco em fazendeiros e população local tinha sido milagrosa. Benjamin uniu o que gostava com o que fazia bem. Vivia sua vida de fazendeiro enquanto aplicava seu projeto, ajudando diversas comunidades locais e nativas.

A saudade de casa batia forte muitas vezes. Ter que nos afastar da nossa família era o ponto mais difícil. Sentia falta de todos, principalmente de Rebeca, minha irmã caçula. Mas sabíamos ser esse o preço a se pagar para servir a Deus daquela maneira.

Servir a Deus. Como descobrimos a beleza disso, mesmo depois de tantas lutas. Tantas dificuldades surgiram no caminho, tantas dúvidas e medos. Mas Deus cuidou de todos os detalhes de uma maneira que eu nem saberia descrever exatamente como aconteceu. Aprendemos, diariamente, a entregar nosso caminho nas mãos Dele, confiarmos e esperarmos Ele agir a nosso favor. Mas não foi fácil, sem dúvidas.

Benjamin era querido por todos. Como sempre, sua disposição em ajudar e servir a todos se sobressaía. Nossa família era amada pela vizinhança e nossos vizinhos adquiriram um interesse especial pelo Brasil depois de nossa chegada.

Mais tarde, sentada na varanda, acompanhada de Louíse e suas duas filhas, vimos os homens chegarem contando animados sobre o sucesso da empreitada. O potro nasceu saudável e tudo ocorreu como o esperado.

Meu marido sorriu para mim, talvez se lembrando da mudança que ocorrera em minha vida desde quando ele me viu pela primeira vez, quando cheguei para fixar morada em Canaã. Olhei em seus olhos, que ainda eram capazes de me tirar o ar e sorri de volta, tendo a certeza de que pensávamos na mesma coisa naquele momento. Deus era muito bom com a gente.

Nós ainda teríamos muito que enfrentar pela frente. Eu sabia que não seria fácil, como não tinha sido até ali. Mas, olhando para trás, pelo pequeno caminho percorrido, eu podia ver a poderosa mão de Deus, o Soberano, nos guiando através das coisas boas e ruins, das alegrias e dificuldades, das bênçãos e das lutas, sempre nos direcionando para a doce e tempestuosa vontade Dele. E sim, ela era boa, perfeita e agradável, ainda que muitas vezes não fôssemos capazes de enxergar com clareza.

E eu mal podia imaginar o que o Senhor traria para nós dali para frente! Contudo, pela graça, nós estávamos prontos para cumprir a vontade Dele.

FIM

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus, a Ele toda honra e Glória. Se não fosse Ele, a graça Dele, a obra Dele, eu não estaria escrevendo sobre Ele.

Agradeço ao meu marido por todo apoio, inclusive o financeiro, para tornar a publicação, ainda que independente, possível.

Às minhas avós, para quem dediquei o livro, pelo incentivo e por me permitirem viver um pouco do contexto da roça.

Agradeço a cada leitora que pediu, implorou e me incentivou a ter esse livro impresso; e à Sabrina, por ter dado o pontapé inicial para essa publicação com o vídeo dela, mesmo não sabendo disso. Obrigada a todas as leitoras do Wattpad, vocês fazem parte disso.

Agradeço ao Ailton por ter feito o papel de beta e me ajudado na parte teológica. À Lina, por igualmente ter lido a última versão com os olhos atentos.

Tenho só gratidão à Clys Oliveira, revisora, mentora e amiga, aquela que abraça minhas loucuras, incentiva, ajuda, encoraja, ensina, envia áudios longos que tanto amo. Deus foi bom em conceder nossa amizade, que tanto me abençoa.

Obrigada a Kah Design por ter feito essa capa linda, superando minhas expectativas. Obrigada também a Aline Moretho, por ilustrar parte da arte inserida nos capítulos.

Às amigas escritoras de cortejo, por caminharem juntas comigo. E às amigas leitoras, por estarem torcendo por nós.

E, não menos importante, agradeço a você que comprou este livro, abençoou uma autora e chegou até aqui. Tem minha gratidão!

Pequena Biografia da autora

Canaã foi inspirada na roça onde meus avós paternos moravam. Foi no Japão, comunidade do interior de Minas, onde eu passei várias das minhas férias, acumulando memórias tão importantes na construção deste livro. Não é à toa que certos elementos estão aqui presentes. Lembro-me de atravessar pinguelas morrendo de medo de cair no ribeirão. Também me recordo das casinhas feitas de bambu no quintal de terra ao lado do galinheiro. O fogão a lenha cozinhava os quitutes deliciosos enquanto esquentava a serpentina e proporcionava o banho quente. Num lugar assim, televisão era algo completamente dispensável.

Os passeios pelas cachoeiras, o medo das vacas que corriam atrás da gente, os muitos mata-burros, cercas de madeiras, as visitas nas fazendas dos tios-avôs e a família reunida, sem dúvidas, marcaram minha infância e me fizeram amar a vida simples do campo.

Aos 8 anos de idade, me mudei para minha atual cidade e passei a morar com minha mãe e irmãs na fazenda onde ainda vivo, hoje, com meu marido e quatro filhos. Embora eu ame essa vida campestre, confesso que me identifico um pouco com a Lara, já que me satisfaço com a vivência na fazenda, mas não gosto do trabalho da roça — ainda que já tenha ajudado a limpar um porco abatido e vez ou outra vou até a horta em busca de suprimentos para o almoço — e sofreria sem tecnologia.

Devo revelar que o Ben foi muito inspirado no meu caipira que consegue fácil ser mais roceiro do que eu. Cria porcos, galinhas, patos e peixes. Dirige um trator, planta a horta, corta a madeira e é quem acende o nosso fogão a lenha. E, claro, é meu exemplo de homem cristão, com quem Deus me deu a oportunidade de construir uma família e ter filhos que têm seguido os passos do pai e vivido uma infância feliz.

Sobre o autor

Maina Mattos



Nascida e vivendo em Minas, Maina Mattos começou a escrever e publicar seus livros na plataforma Wattpad em 2017 e não parou mais. Entre fraldas, brinquedos e uma casa para administrar, ela

aproveita as oportunidades do dia para fazer aquilo que tanto ama: escrever. Escritora de romances cristãos conservadores, ama as autoras Jane Austen e Elizabeth Elliot, é apaixonada pelo marido e se inspira na própria história de amor para criar seus enredos. Atualmente, trabalha com aconselhamento para meninas cristãs.

Livros deste autor

Amor Real Despertar

(Livro 1 da Trilogia Amor Real)
Romance cristão

"Eu nunca quis ser princesa!" - Anne Davies

Anne é uma jovem mulher, que se viu perdida do dia para a noite. A morte dos pais a obrigou a assumir o papel de provedora e protetora de seu irmão Oliver. Sua vida se resumia à livraria herdada de sua mãe e os cuidados com a educação de seu único parente.
Mais uma vez a vida lhe proporcionou uma reviravolta, obrigando-a a viver no último lugar da terra que um dia ela pensou que viveria: No palácio real da província de Kent.
Os caminhos de Anne serão cruzados com pessoas que assim como ela estão em busca dos propósitos de Deus, levando-os a questionar os planos que o Senhor tem para cada um.
E agora ela será obrigada a tomar decisões muito mais importantes do que um dia pensou, ao mesmo tempo em que precisa se preparar para a nova vida que lhe será proposta.
Prepare-se para esse romance cristão clichê, não tão clichê assim!